1992 • ANO 08 • Nº 02 • EDIÇÃO 79 • Cr$ 4.000,00

BIZZ

EDITORA AZUL

ERASURE
OS NOVOS FÃS DA XUXA

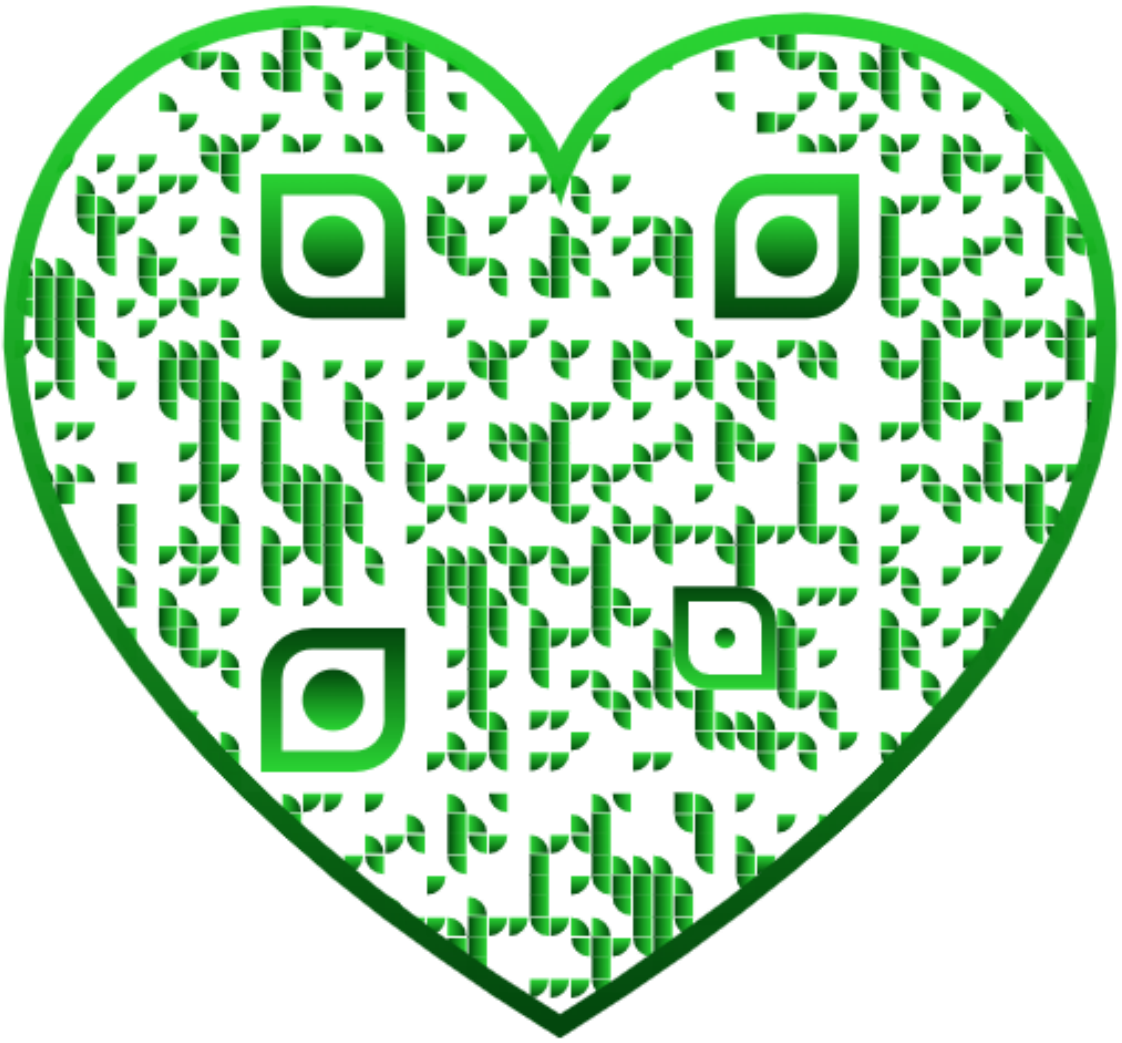
HAMMER
A VOLTA DO MARTELO

MINISTRY
MASSACRE ELETRÔNICO

ESPECIAL • FEVEREIRO

SEPULTURA
a um passo do megaestrelato

MARIAH CAREY · OZZY OSBOURNE · PRONG · MICHAEL JACKSON · CULT



A EXPRESSÃO MÁXIMA DO ROCK

Living Colour

EM CD • LP • K7 • HOME VIDEO
Sony Music

"Pode esquecer o tal triunvirato Titãs-Paralamas- Engenheiros... eu considero, humildemente, o Sepultura a maior banda nacional hoje em dia."
Renato Russo, na BIZZ de janeiro

OK, Renato... ainda mais depois de um 91 em que o Sepultura fez e aconteceu aqui e pelo mundo afora. E 92 promete muito, muito mais, já a partir de uma turnê nacional, a primeira da banda, que deve acontecer ainda neste primeiro semestre.

Talvez até esteja acontecendo agora: essa entrevistona foi feita em dezembro, quando o Sepultura ainda estava tentando marcar as datas para fevereiro/março, um pouco antes de excursionar os EUA com o Ozzy... ou seria o Iron Maiden... atiçou sua curiosidade? Leia mais na página 16.

Garotas, garotas e mais garotas: escalamos um time de beldades se dando excelentemente bem na cena pop. Elas te esperam na pág. 34.

E ainda nesta edição, a primeira parte de uma série sobre o novo rock americano — uma série que vai virar um livro, cortesia de André Barcinski. Descubra do que se trata na pág. 22.

Vou deixar-te agora, não me leve a mal... nos vemos depois do Carnaval.

Fotos: Sony

Foto de Capa: Paul Marotta

6 **Showbizz**
Notícia para quem precisa

10 **Fast Forward**
Erasure, Ozzy Osbourne

30 **Hammer**
O super-rapper volta arrasando

38 **Jukebox**
Marianne Faithful

40 **Dance Music**
A explosão do tecno

41 **Letras Traduzidas**
"Give It Away", Red Hot Chili Peppers

42 **Ao Vivo**
Marina, Cult

44 **Vídeo**
Pink Floyd em Pompéia

45 **Discos**
Bomb The Bass, PM Dawn, U2, Prong

54 **Parada**
Misturança total de gêneros

56 **Cartas**
Falem bem, falem mal, mas falem de mim

58 **Discoteca Básica**
Songs Of Leonard Cohen

Apertem os cintos e preparem-se para dar uma

Volta ao Mundo da Música em Dez Vídeos.

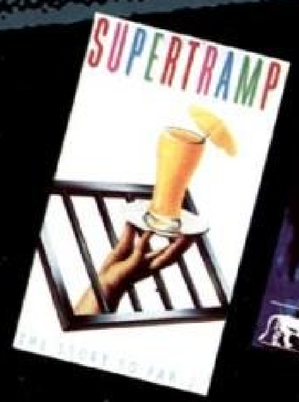
Vocês vão ver, e ouvir, o INXS em Wembley, o Pink Floyd em Pompéia, o Elton John na Austrália, Sting na Holanda, o Faith No More na Brixton Academy, o jamaicano Bob Marley, o irlandês U2, e muito, muito mais.

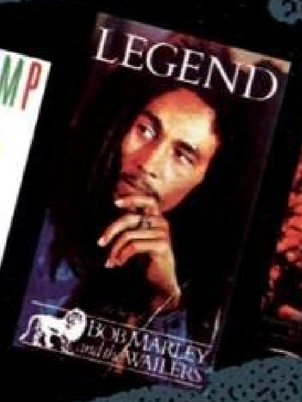
É a PolyGram Vídeo que está invadindo o mercado com o que há de melhor na música pop mundial. São os dez vídeos mais esperados da história, com muitos shows, depoimentos, clips, entrevistas e muita, mas muita música mesmo.

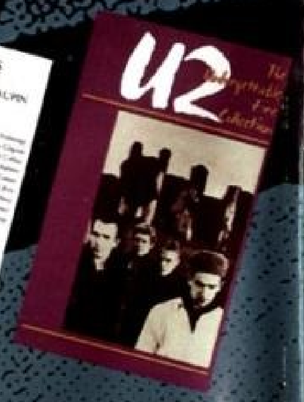
Para fazer esta viagem toda com eles sem precisar sair de casa, basta responder corretamente às cinco perguntas abaixo e enviar para a PolyGram do Brasil. Os cinco primeiros acertadores vão levar esta overdose de som e imagem para casa, com mais de 20 horas de viagem garantidas.

1) O INXS é uma das mais famosas bandas de rock do mundo. Qual é o seu país de origem?
2) A vinda do Faith No More ao Brasil mandou ao estrelato o seu vocalista. Qual o seu nome?
3) O Extreme, apesar de ser uma banda de hard rock, estourou no mundo inteiro com uma balada. Qual é o nome da música?
4) O disco e o vídeo Two Rooms comemoram os 25 anos de parceria de Elton John com quem?
5) Sting, agora em carreira solo, começou como baixista do Police. Quem eram seus parceiros?

Agora é só criar um texto sobre o tema desta promoção, "Viagem ao Mundo da Música em Dez Vídeos", de no máximo 20 linhas.







REGULAMENTO:

1) O critério de avaliação levará em conta a correção das perguntas e as cinco melhores redações.

2) O primeiro colocado com as respostas corretas receberá os 10 vídeos da coleção, o segundo, seis vídeos à escolha, o terceiro, quatro vídeos à escolha, o quarto, dois vídeos à escolha e o quinto, um vídeo à escolha. Sempre levando em conta os dez vídeos aqui estampados.

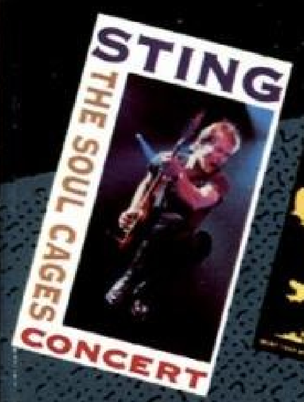
3) Os prêmios ficarão disponíveis por 60 dias contados a partir da data de apuração.

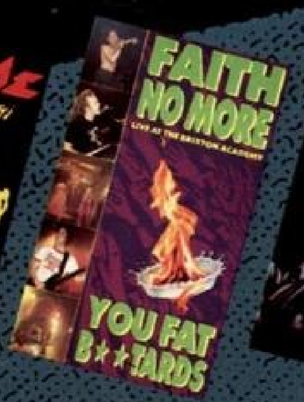
4) Os premiados receberão comunicado por telegrama do local e prazo para retirada do prêmio.

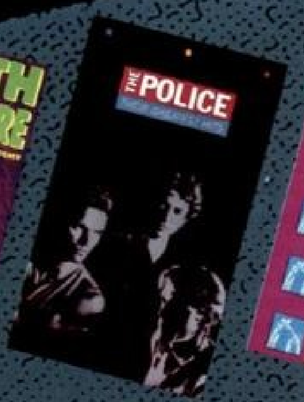
5) É vedada a participação de funcionários e/ou parentes de qualquer pessoa que trabalhe na PolyGram ou Editora Azul.

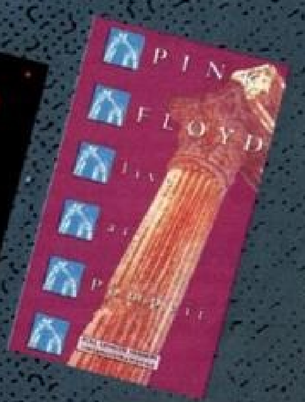
6) As cartas devem ser enviadas à PolyGram do Brasil Ltda., Depto. Internacional, "Volta ao Mundo da Música em Dez Vídeos", Caixa Postal 37133, Rio de Janeiro, até 31/03/92.

PolyGram Video









SHOWBIZZ

MICHAEL JACKSON: VELHO OU NOVO?

Nos dias de hoje, citação é o nome do jogo. Veja Michael Jackson naquele vídeo de "Black Or White". Tudo bem, você já viu 2 018 vezes mas reparou bem na quantidade de citações?

— A cena inicial com o pai do personagem de Macaulay Culkin pedindo para ele tirar o som revisita um trecho similar de "We're Not Gonna Take It", do Twisted Sister (84).

— A hora em que Culkin projeta o pai para fora de casa com o som do amplificador no máximo cita a cena de *De Volta Para O Futuro* (85), em que Michael J. Fox joga a si mesmo para longe com um acorde ultra-amplificado.

— O pai na poltrona que sai voando da casa, visto de cima, homenageia uma cena semelhante com Bruce Willis em *Duro De Matar II* (90).

— A parte com MJ e as crianças fazendo rap numa entrada de prédio cita cenas de rua similares de *Vila Sésamo*.

— As caras que mudam de sexo e etnia revisitam, com mais sofisticação de efeitos, o vídeo "Cry", de Godley and Creme" (85).

— O sapateado de Michael numa rua deserta perto de um poste de luz presta homenagem ao número de Gene Kelly em *Cantando na Chuva* (52).

— Quando ele fica sem chapéu contra uma ventania forte está citando a si mesmo nos vídeos "Beat It" (83) e "Smooth Criminal" (88).

— A cena em que MJ arremessa uma lata de lixo contra a vidraça de uma loja é baseada na zoeira de *Faça A Coisa Certa* (89).

— E esta nota é uma homenagem a uma uma relação publicada na revista americana *Entertainment Weekly*.

POUCAS E BOAS

NAOMI PISA A carreira musical da supermodelo Naomi Campbell deu seu primeiro passo... em falso. Ela fez *backings* para a faixa "Cool As Ice", de Vanilla Ice.

DANCE BIZARRA 1 O Yes relançou seu "clássico" "Owner Of A Lonely Heart" junto com a coletânea *Yesyears*. A novidade é que o single contém um remix do 808 State.

DANCE BIZARRA 2 Surpresa mesmo foi encontrar o barulhento "Smells Like Teen Spirit", do Nirvana, subindo feliz a parada dance americana. O Nirvana conseguiu levar seu *Nevermind* ao número um americano, ultrapassando 1,2 milhão de cópias.

U2 NU A Island, gravadora do U2, vetou uma foto de nu frontal do baixista Adam Clayton para a capa de *Achtung Baby* americano. Na versão brasileira você pode ver bem todos os cinco membros de Adam.

BAIXOU! Síndrome de Natalie Cole no disco *Tom Da Mangueira*. Ney Matogrosso grava um dueto do além com Clementina de Jesus e Paulinho da Viola faz o mesmo com Cartola.

TELEVISION VOLTA Uma das bandas de rock americanas mais influentes dos anos 70 retorna com formação original. O grupo responsável pelo crucial *Marquee Moon* (78) pretende lançar em breve um novo álbum.

SIGUE SEGUE Tony James e Martin Degville ressuscitaram o Sigue Sigue Sputnik, talvez para não deixar na mão aqueles profetas que viam neles "o rock'n'roll dos anos 90". Enquanto isso, Degville vem para "a América do Sul" fazer sua segunda obra solo.

GUNS NO BRASIL

Tudo certo para a volta do Guns N' Roses ao Brasil. Eles chegam no dia 20 de março para um show no Rio e dois em São Paulo. Os concertos fazem parte de uma turnê que incluirá Venezuela e Argentina.

O novo show é bem diferente do que aconteceu no Rock In Rio. Tem três vocalistas fazendo backing, um naipe de metais totalmente feminino e um novo guitarrista, Gilby Clarke, que entrou oficialmente no lugar de Izzy Stradlin a partir do dia 28 de novembro. Ele veio de uma banda obscura de Los Angeles, o Kill For Thrills. "Cresci com Izzy e vou ter muita saudade", disse Axl a *Rolling Stone*. "Mas Gilby entrou porque, no momento, ele está mais a fim de excursionar e tocar com a gente do que o Izzy." Stradlin está preparando um trabalho solo.

Outro ex-GN'R, o baterista Steve Adler, montou um grupo com o ex-vocalista do Vain, Davy Vain. O primeiro disco do grupo, que se chama Roadcrew, está sendo gravado.

ELA ESTÁ DANDO O SANGUE

Claudia Ohana no mato... sem morcego

CLÁUDIA OHANA (a "Natasha" de *Vampi*) está para tomar de assalto o mercado com um visceral evento de rock'n'roll: ela vai lançar um disco!

Com certeza todos lembram da interpretação anárquica e desconstrutivista que ela deu ao antológico sulco dos Rolling Stones, "Sympathy For The Devil" (isto é, ela destruiu a música).

Se ela desafina? Essas coisas são muito relativas. Claro que ela está longe de ser uma Aretha Franklin, mas por outro lado sua voz é bem melhor que a do Bart Simpson. Vamos dizer que ela tem estilo.

Mas a história é a nossa maior professora. Dedo no *rewind* para capturarmos alguns *crossover* vinil nova-era.

SONIA BRAGA Tudo bem, agora ela circula mundo afora. Mas não pense que ninguém aqui esqueceu "Estopim De Bomba", da trilha de *Sarzamandaia*.

FÁBIO JR. Antes do imaginativo nome atual, ele gravava com o ainda mais brilhante Mark Davis. Tinha lá seus hits, mas só foi virar o fenômeno de hoje quando começou a frequentar histórias de Gilberto Braga e Janete Clair.

MÁRIO GOMES Para quem já tinha conquistado com uma mão atrás o título de pior ator da televisão, não custava nada tentar o mesmo em outro campo. Fibra de campeão.

KADU MOLITERNO e ANDRÉ DI BIASI Ou Juba e Lula. Depois de garotões de praia de plantão de qualquer novela da Globo, conseguiram imensa popularidade como a dupla de *Armação Ilimitada* vivendo, err, dois garotões de praia. Com essa indentidade avacalharam "Surfin USA", dos Beach Boys — transformada em "Surf E O Que Eu Sei".

ALMIR SATER Antes autor de temas instrumentais nativistas, depois astro de *Pantanal*. O caboclo sexy implorava para que as fãs não ficassem jogando calcinhas no palco. Afinar, o moço é artista sério, só!

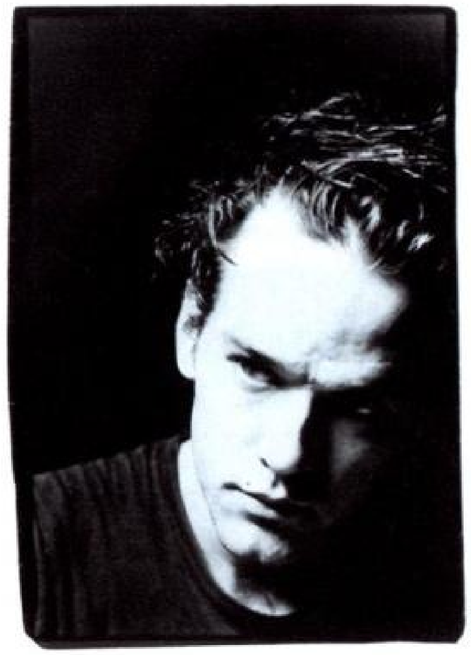
ELISÂNGELA A prova viva de que uma mãe-neure pode chegar lá. Na época da *disco*, gravou o hit "Pertinho De Você", que teve até clip.

EVANDRO MESQUITA Primeiro, neguinho arrebentou com a Blitz, depois engrenou uma carreira solo irregular. Enquanto isso, participou de novelas, concorrendo no setor de Moliterno e Biasi. Veredito, *brother*: ruim cantando, pior interpretando.

LOS ANGELES

A popularidade de Hammer foi confirmada na primeira semana de dezembro, quando ele foi o convidado especial do programa de TV humorístico *Saturday Night Live*. Ele quebrou o recorde de audiência do programa — que era de Eddie Murphy desde 84. Enquanto isso, seu disco *Too Legit To Quit* chegou em segundo na parada americana • Branford Marsalis e Maxi Priest — o maior fominha do reggae — colaboram na trilha sonora do filme *Rhythm*. Depois de pronta a trilha, Branford terá uma gig diária como líder da banda regular do programa *The Tonight Show* • Greg Allman — sócio-fundador dos Allman Brothers — faz papel de bandido no filme policial *Rush*. Tem duas falas, mas é o principal vilão da história, um meliante suspeito de narcotráfico. Ironicamente, na vida real Greg livrou-se da justiça quando dedurou um roadie "mula" para ganhar imunidade no julgamento • Menos um no independente futebol clube: os Butthole Surfers acabam de assinar contrato com a Capitol Records • Quem já ouviu garante que o novo disco do Los Lobos está definitivamente salpicado de sons psicodélicos • Saiu o listão dos maiores fracassos de bilheteria do ano que passou. A lista de turnês de menor rendo é encabeçada pelo "Operation Rock And Roll Tour" (Alice Cooper, Judas Priest e Motorhead). Em segundo vem Whitney Houston. O terceiro desonroso posto é de David Lee Roth.

JOSE EMILIO RONDEAU



Warner

OUÇA ESSA

"Meu corpo é meu instrumento"
Michael Stipe

"Os priminhos brasileiros do Slayer"
Tom Araya, do Slayer, sacaneia o Sepultura (*anotada pela leitora Ariela Venturini. Gracias*)

"Desde que eu toco, este é o pior momento da crítica do Brasil"
Charles Gavin, Titãs. Coincidentemente, também é o momento em que começaram a falar mal dos Titãs.

"Os gregos eram muito sábios. Como eles não tinham TV, vídeo, tinham muito mais tempo e estudavam questões que me interessam... ginástica, oratória e música."
Marina

ICE CUBE X BILLBOARD

O virulento rapper Ice Cube não está nada bem com o *Billboard* — a principal publicação sobre a indústria fonográfica americana.
O conteúdo de algumas letras de seu novo disco *Death Certificate* (que entrou direto em segundo) deixou indignados os editores da revista. Numa atitude rara, a revista pediu que vendedores se manifestem contra o disco.
O conteúdo de muitas letras foi considerado ofensivo e incitador de violência e ódio.
Ice Cube declarou ao *Los Angeles Times*: "Que os verdadeiros disseminadores do ódio se mostrem... O que estou fazendo não é ódio — é educação".

Glen Friedman/ LFI

obituário

MORTON STEVENS, compositor, aos 62 anos, de parada cardíaca. Seu tema para *Hawaii 5-0* merece lugar no olimpo das músicas para seriados de TV. Outros temas seus incluem *Gunsmoke* e *Police Woman*.

RICK GRIFFIN, artista gráfico, aos 47 anos. Desenhou o logotipo da revista *Rolling Stone* e ajudou a definir o visual psicodélico fazendo capas para o Grateful Dead, como no disco *Aoxomoxoa*.

JACQUES MORALI, músico e produtor, aos 44 anos, de complicações relacionadas à Aids. Concebeu e produziu vários grupos durante a *disco*, sendo Village People e Ritchie Family os mais conhecidos.

LONDRES

Shows 92: Elton John e Eric Clapton já reservaram duas noites no Wembley Stadium para o verão, onde tocarão cada um com sua banda, e no final juntos. O Erasure, cansado de estádios e arenas, já marcou nove noites (!) no Hammersmith Odeon para julho. E o Genesis marcará sua volta com um show em Knebworth • Ninguém entendeu nada. No cerimônia de entrega dos prêmios da revista *Smash Hits*, o apresentador Philip Schofield, depois de um comentário inocente foi atacado subitamente por Fruitbat, do Carter The Unstoppable Sex Machine. As câmeras logo mudaram de ângulo, mas nas fotos publicadas logo depois os dois estavam rindo! Fora isso, a festa foi a de sempre: Marky Mark fez seu striptease apesar de ter sido avisado pelos organizadores que era um show para a criançada; os New Kids provocaram os gritos de sempre; e Madonna flertou com Vanilla Ice ao receber via satélite o prêmio de Mulher Do Ano. "Então você gosta de mim?", ela perguntou. Ice corou • Ao ser encostado na parede pelo nosso caro JAL, durante show do Cramps no Town & Country Club, Robert Plant se desculpou pela ausência no Rock In Rio. "Eu estava tão doente, mal conseguia andar." Plant prometeu uma visita aos brasileiros, tão logo acabe seu próximo álbum • Seal bem que tentou se enturmar com Fish, do Fishbone, depois de um show da banda: "Você se lembra de mim? Nos encontramos nos EUA?" Fish não lembrou...

ANAMARIA G. DE LEMOS

FAST FORWARD

pesado, só o som

Ozzy Osbourne dá adeus às banhas e às drogas, mas mantém a fama de mau

O escritório da SOS Management — firma de Sharon Osbourne — fica no único trecho "discreto" da Melrose Avenue, especie de passarela obrigatória para maluquetes visitantes ou residentes em West Hollywood. Metade do último piso de um prédio de três andares, o escritório é decorado em estilo "yuppanallia em delírio nouveau riche" e hoje encontra-se especialmente bagunçado e energético. A equipe da MTV que fora gravar um segmento para o *Headbanger's Ball* para o sábado seguinte acaba de deixar o edifício.

"Tenho boas memórias do Rio", é a primeira frase de Ozzy, que se desculpa por ter de almoçar durante a entrevista. Dali até o final do encontro, ele deixará cair no colo metade de cada colherada de arroz integral que tenta levar à boca. "Mas o que mais me marcou foi a enorme quantidade de mendigos na rua." Ele se recompõe, como se tivesse acabado de cometer uma gafe. "Que besteira, a minha, do que estou falando? Los Angeles ou Nova York têm tantos mendigos quanto (o Rio). Não posso falar pelo Brasil, porque não entendo o lado político do país. Mas se os Estados Unidos podem gastar 16 milhões de dólares para construir um foguete que derrube um outro foguete do céu, por que não fazem algo a respeito dos sem-teto? E por que não combatem a porra da Aids?"

A conversa desvia para a disposição de Ozzy no palco e para sua recém-adquirida forma física, melhor do que jamais foi, quase miraculosa, comparada aos tempos em que Osbourne parecia determinado a afogar-se na própria banha. "Na metade da gravação desse álbum eu tinha voltado a beber", diz Ozzy. "Mas chegou uma manhã em que eu acordei e uma voz dentro de mim disse chega! Não sei o que aconteceu, foi como se um relâmpago tivesse caído dos céus. Comecei a me consultar com um terapeuta e de lá para cá tem sido o maior período da minha vida em que já fiquei sem beber. Faço dieta, também como peixe, legumes, arroz. Não como carne vermelha, bebo água, quase nada de café. Cada manhã levanto e me exercito por meia hora na bicicleta ergométrica, faço abdominais, flexões de braço, levanto pesos."

Não exija muita atenção de Ozzy: ele se distrai facilmente, e muda de assunto com rapidez, surpreendendo seu interlocutor como se o feixe de raios laser pulasse, desobediente, as faixas de um CD. E nem tudo que ele fala prima pela coerência. Seja como for, Ozzy parece determinado a sobreviver — aos rigores da estrada e do show-business, mas, principalmente, a si mesmo. Tanto que anunciou que esta seria sua última turnê.

"Me enchi da estrada", diz Ozzy. "Estou nela há 24 anos, e me deu vontade de ficar em casa. A última turnê quase me matou — mas, também, eu estava fora de forma. Agora me sinto muito melhor: mas não rejuvenesço com a passagem dos anos! Tudo bem compor e gravar, mas quem tem vontade de excursionar aos 47, 48 anos? Fisicamente, é impossível. E dói."

"Mas resolvi não planejar o futuro", ele contra-argumenta, abrindo caminho para a possibilidade de novas turnês. "Prefiro viver o presente. A gente nunca sabe o que pode acontecer... (*ele traz a boca mais uma garfada de arroz integral*) podem disparar a bomba (*atômica*), sacou?"

Apocalipse à parte, Ozzy pode ser considerado hoje uma instituição do metal. E ele sabe disso. "Ontem à noite um garoto se aproximou de mim e disse: "'Ouvi um disco seu pela primeira vez quando tinha 2 anos. Desde então sou o maior fã.' E a porra do guri tem 17 anos! Você já imaginou? Tenho idade para ser o pai dele!"

De fato, a platéia do Universal Amphitheater reunia uma garotada de 13 anos "e gente velha como eu", admite Osbourne. "Os caras trazem os próprios filhos aos shows. É uma espécie de fenômeno. E é uma puta responsabilidade nas minhas costas, porque quero dar (ao público) o máximo. É como se fosse um evento que tem vida própria: quanto mais a platéia endoida, mais eu endoido. Até que chega um ponto em que eu vou para outra dimensão. É uma maluquice! E como se eu saísse da minha própria cabeça."

Ozzy contradiz determinados relatos que davam conta da natureza do novo álbum, *No More Tears*, dado como o "mais pessoal" de sua carreira. "Como pode ser o mais pessoal da minha carreira se é fruto de uma colaboração de toda uma banda?", ele pergunta, indignado com a sugestão. É é assim que Osbourne prefere trabalhar: colaborando. "É como se alguém jogasse no vento uma porção de peças de um quebra-cabeças, entendeu? Durante um período, as peças flutuam, você acha que elas nunca vão encaixar. Mas, passado um tempo, tudo se encaixa." Ozzy pede desculpas e vai ao banheiro. Na volta, pede para encerrar a entrevista.

Saideira: a que, afinal, Ozzy atribui essa longevidade, essa capacidade de sobreviver a modas, marés baixas, mercados imprevisíveis e ao desgaste natural da criatividade? Por que ele consegue atrair tanto interesse ainda e manter uma legião de fãs até hoje tão fiel, passado um quarto de século após o surgimento do Black Sabbath?

"É uma tremenda honra", ele explica. "Você já pensou quanta gente eu vi ascender (em popularidade) e, depois, morrer? Vi o Guns N'Roses subir, e, depois, vi todos eles... (*o raciocínio se desfaz sem que ele conclua a frase. Teria se alertado de que, para todos os efeitos, o Guns N'Roses ainda é rei?*) Alguns anos atrás foi o Kiss. Era impossível morar nesse planeta sem esbarrar toda hora no logotipo deles. Foi fenomenal..."

Sim, Ozzy, mas a pergunta é sobre você, sobre a sua longevidade... Ele corta a pergunta no meio.

"Se eu soubesse a resposta, me cagaria todo."

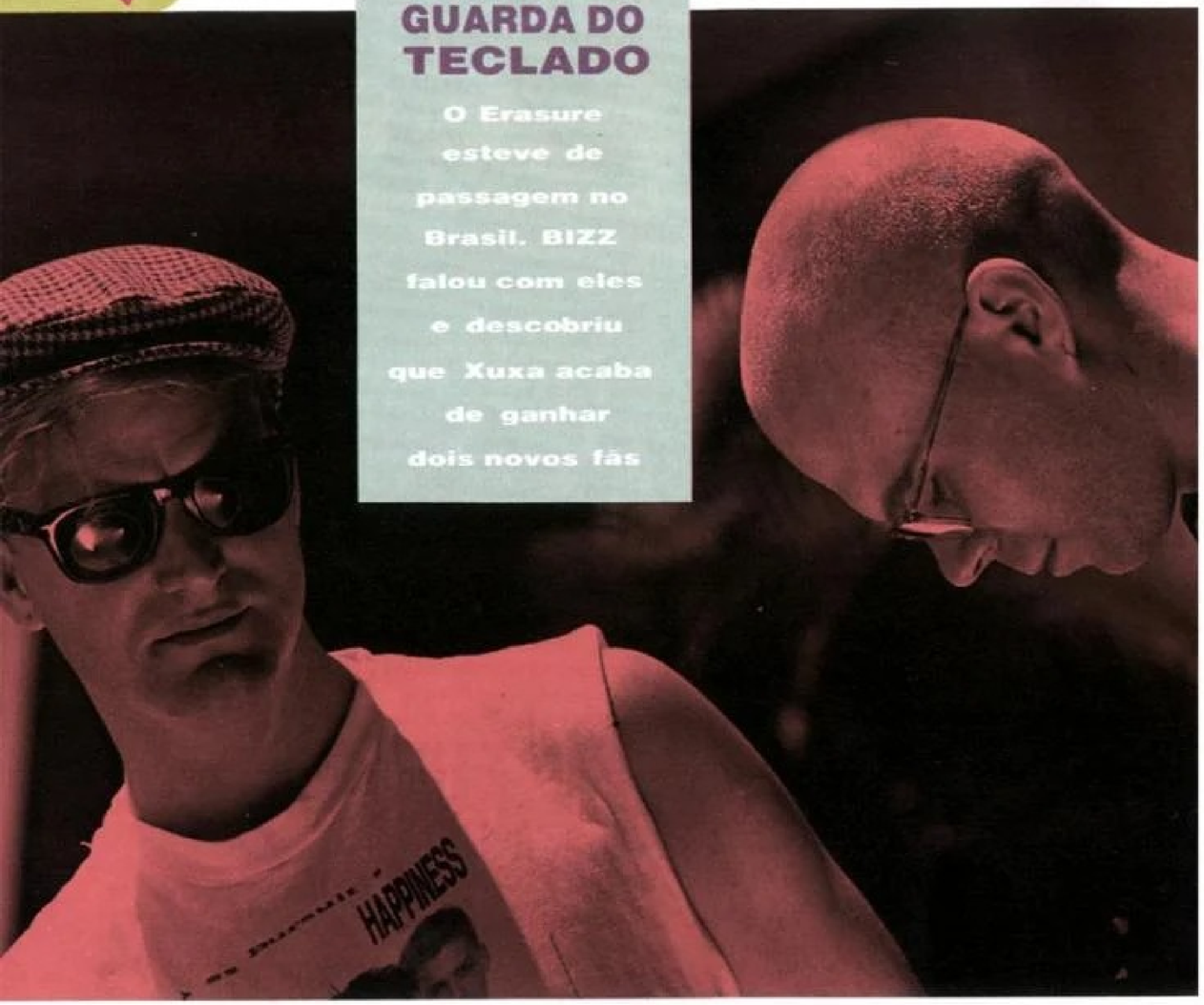
JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

METAL HARD THRASH

Sepultura emplacando direto em terceiro lugar nos *top sellers* independentes da revista *Kerrang!*. É a versão CD que compila os dois primeiros discos da rapaziada, *Morbid Visions* e *Bestial Devastation*. O disquinho (discão) leva apenas o nome do *Morbid* • Os dinamarqueses do D*A*D inventaram uma nova corrente entre as inúmeras do rock pesado: o "Disney Metal". Vai fazendo idéia do que significa... • O Zodiac Mindwarp está de volta com o single "Elvis Died For You", e excursionando pelas terras da Rainha Elizabeth • Pancadaria (mesmo) no hard rock. Chris Robinson, vocalista dos novos-ricos Black Crowes, deu uma voadora direta na quenga de um infeliz da platéia de um show em Edimburgo (GB). O baixista Johnny Colt seguiu o exemplo e também mandou ver na galera. Tudo porque o cara não estava se comportando "adequadamente" durante a apresentação — ou seja, não pulava nem gritava • Mais uma dos caras. No Moscow Monsters, encabeçado pelos Crowes e pelo AC/DC, uma massa de quinhentas mil almas entupidas de vodka armaram uma briga proporcional e foram contidas por um contingente de dez mil soldados pós-perestroika. Democracia é isso • Se você acha que o máximo de palhaçada é o que rola nos shows do Dread Zeppelin, você não sabe de nada. Os metal-funksters do Fishbone é que assombram. O cantor Angelo Moore encerrou uma apresentação da banda em Londres peladão. *EVIL OTTO*

A VELHA GUARDA DO TECLADO

O Erasure esteve de passagem no Brasil. BIZZ falou com eles e descobriu que Xuxa acaba de ganhar dois novos fãs



O Erasure esteve aqui em outubro, para uma visita promocional. Nada de shows (isso fica para o ano que vem, é a promessa): só apresentações na TV, festas de gravadora e entrevistas. A dupla concedeu esta entrevista no seu esconderijo no Crowne Plaza, um cinco estrelas perto da Avenida Paulista.

Vince Clarke é o primeiro a falar. O vocalista Andy Bell só iria aparecer bem depois. Por enquanto, ele está em sono profundo depois de uma noite intensa em alguma pista de dança.

De camisa verde-escura e calça marrom, Vince é a própria imagem da serenidade. Quando somos apresentados, abre um sorriso simpático que poucos popstars milionários deveriam conseguir reproduzir. É o próprio *gentleman* britânico, com a voz sempre no mesmo tom e os movimentos discretos.

Este homem representa a história viva de boa parte do tecnopop inglês. Desde os primeiros teclados no fim dos anos 70, passando pelo começo do Depeche Mode, os hits do Yazoo, o efêmero Assembly até inventar o mega Erasure. Vince colocou um classificado num jornal de música procurando um cantor e assim chegou até Andy.

Sei que Vince prefere falar do Erasure em vez de falar sobre assuntos mais que encerrados. Mas tem gente que nunca entendeu por que ele não foi em frente com o Depeche e o Yazoo.

Do Depeche Mode ele saiu fora por causa de uma feroz batalha de egos. "É muito difícil achar alguém com quem trabalhar. É meio como achar um namorado ou namorada para se viver junto."

O Yazoo, sua parceria com a cantora Alison Moyet, também não durou mais que dois álbuns. "Era muito como gato e rato. Na verdade eram dois gatos." O Assembly, um projeto com vocalistas convidados, só durou um single! "Ficou inviável fazer um álbum. Era difícil achar as pessoas certas."

Vince não vê com muito entusiasmo as carreiras de seus ex-companheiros. "Gosto de algumas coisas do Depeche, mas em geral é tudo muito para baixo. O Martin Gore precisava escrever pelo menos *uma* única música feliz na sua vida. Aí será uma surpresa. Bem, agora todos têm filhos e vendem muito. Talvez mudem e comecem a escrever outro tipo de música."

"Estou feliz que Alison tenha lançado um disco agora, afinal ela não tinha autoconfiança. Mas não acho que seja um bom disco. Tem boas canções, mas a produção é um pouco tediosa."

Além do mais, Alison tem raízes na música negra enquanto Vince está longe disso. "Nada de Motown. Não é minha praia. Gosto de Slade e de coisas eletrônicas antigas como Kraftwerk."

O som de *Chorus* é exatamente isso: música eletrônica velha, tipo Giorgio Moroder.

"Preferimos o equipamento velho, analógico, dá um som mais caloroso. Nenhum aparelho com menos de dez anos foi usado. Há muito menos sampler em ação neste disco do que em *Wild!* (o anterior)."

E ainda dá para conseguir sonoridades novas com equipamento de no mínimo dez anos atrás?

"Acho que sim. Com equipamento velho não dá para apertar um botão e criar um som. Tem que gastar horas trabalhando aqui, construindo ali, virando ali, é mais interessante de ser usado. Quando você consegue um som é muito difícil depois repeti-lo."

"Os sons podem às vezes ser legais, mas a falta de canções vai ser sempre um problema. Um dos poucos que vale a pena é o Massive Attack, comprei o disco deles."

A visita desta vez foi só promocional. Mas no ano que vem o Erasure volta para shows. "Nosso show demora muito para preparar. Em junho, começaremos a excursão na Inglaterra. No fim do ano deverá chegar na América do Sul. O show será muito bem produzido como de costume, Andy trocará de roupas muitas vezes."

Mas a passagem pelo Brasil não foi só coquetéis de gravadora e sessões de fotos à beira de piscinas de hotéis.

"Adoramos fazer o programa da Xuxa." Prefiro nem tentar reproduzir o jeito como Vince pronunciou o nome de Maria da Graça Meneghel.

"Viramos grandes fãs dela. Ela é legal, e fazer o programa com toda aquela molecada foi divertido. Vamos fundar o fã-clube da Xuxa na Inglaterra e fazer carteirinhas, bottons e camisetas."

Enquanto Vince Clarke se mostrou o mais agradável dos mortais, falar com Andy Bell foi um sacrifício. Mas a culpa não é dele. A noite anterior, passada sob as estrobos de um clube qualquer, foi animal.

Ele sai do quarto de óculos escuros e fala como se alguém estivesse apertando seu pescoço. Estou com pena. Ele deve estar naquelas manhãs em que parece que há um alarme de incêndio dentro da cabeça.

> Vince: "Nada de Motown. Gosto de Slade e de Kraftwerk"

Mas trabalho é trabalho, certo?

"*... (murmúrio indecifrável)*"

OK, vamos facilitar um pouco as coisas. O que você ouvia quando era garoto?

"Ouvia os discos dos meus pais, basicamente country, e muito Phil Spector. Além de todo tipo de pop. Aprendi a cantar com essas músicas."

"Depois cantei em corais na escola. Mas não pensava em seguir carreira e ganhar dinheiro fazendo isso. Depois cheguei a gravar algumas coisas com outro cara, mas não deu em nada."

Não se pensa no Erasure como uma banda politizada. Mas eles estão altamente envolvidos com uma das causas mais malditas até os dias de hoje, a causa gay. Aborto? Ecologia? Combate ao racismo? Essas causas qualquer um apoia. Agora, poucos são machos para sair em defesa pública dos gays. Só o fato de Andy Bell nunca ter escondido sua preferência sexual já pode ser considerado uma atitude política de firmeza.

"Acho que há muita coisa a ser feita ainda pela comunidade gay. Sempre participo, vou em marchas gays. Tento dar alguma razão ao que faço. Se você diverte as pessoas, tem que ter alguma razão para fazer isso. Você não pode entreter só por entreter, é muita responsabilidade".

Popstars deveriam se assumir?

"Sempre fui aberto quanto à minha sexualidade e acho que todo mundo deveria ser honesto. Qualquer figura pública deveria assumir. As coisas são muito mais fáceis do que para quem trabalha num banco."

E aquele tipo mais tradicional de filantropia pop: caridade, fundos assistenciais, doações para organizações diversas etc.?

"Fazemos muita coisa pelo combate à Aids, ajudando organizações de caridade. São várias coisas aqui e ali. Há muito que se pode fazer se você tem a oportunidade de contribuir."

O método Erasure de fazer música pop, há que se admitir, é infalível. Eles têm sete anos de carreira e mais hits que todos os seus dedos. A capacidade de grudar de seus refrões está pau a pau com Depeche Mode, New Order e Pet Shop Boys.

"Não há muito segredo. Geralmente eu escrevo uma letra. Depois eu e Vince imaginamos um arranjo e uma melodia. Vince se encarrega mais da produção final. Mas na verdade ambos damos palpite em todos os estágios."

Às vezes também emprestam alguma melodia dos outros, como em "Love To Hate You", que é "I Will Survive", de Gloria Gaynor.

"Somos apaixonados por *disco*. E o uso da melodia de 'I Will Survive' foi uma homenagem explícita."

Quem é a sua diva favorita?

"Se eu pudesse queria gravar um disco de house com Julie Andrews. Seria maravilhoso."

CAMILO ROCHA

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

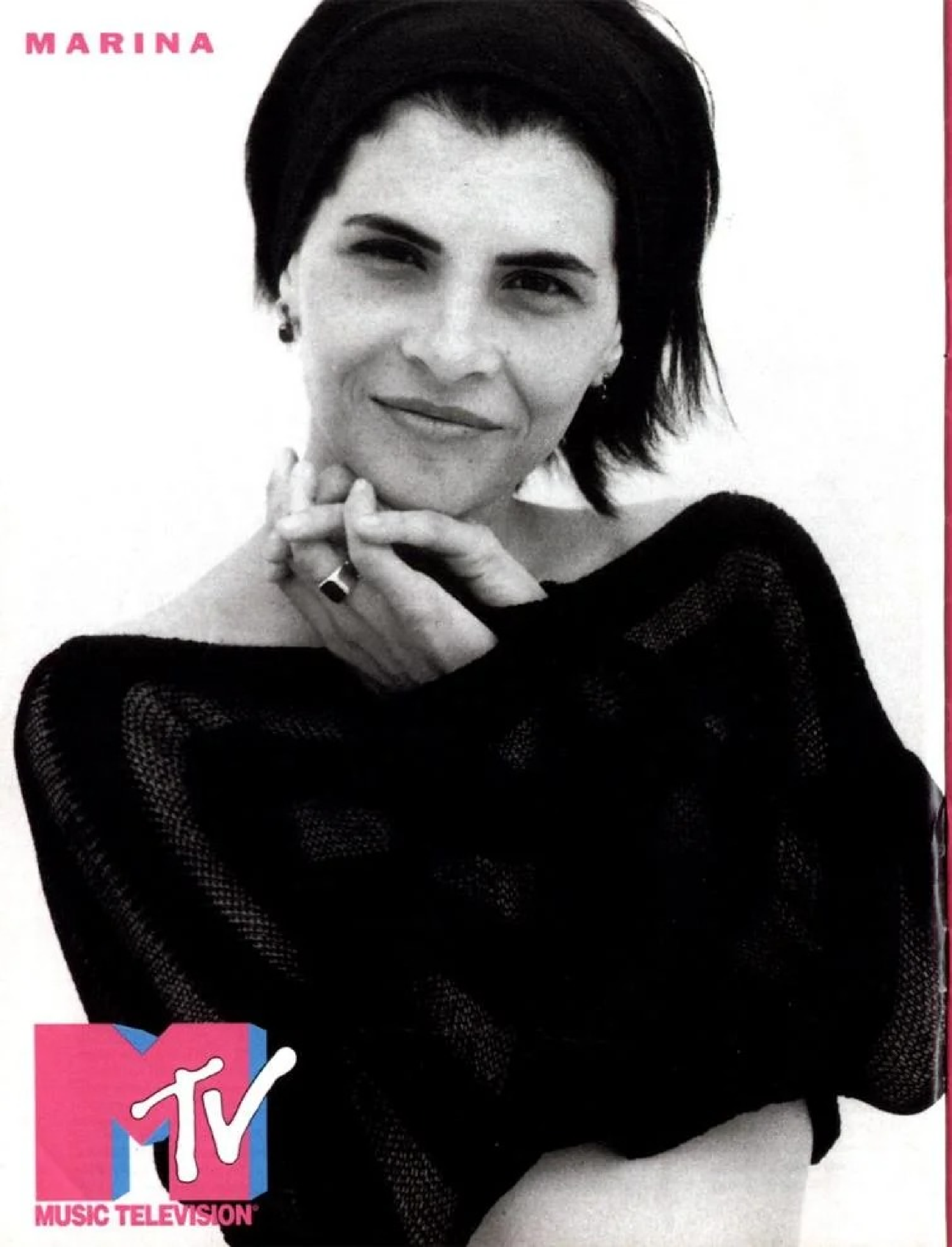
No apagar das luzes de 91, este **PINTANDO O SETE** de **Luiz Melodia** veio dar uma boa sacudida no caidaço cenário. Samba, funk, fox-trot, blues, reggae e o diabo a quatro, nas mãos de um eterno não-alinhado. *A.C.M.*

A PolyGram está desencavando, em CD, a discografia básica dos **Mutantes**. Primeiro os cinco discos do trio original (68-72), mais um magnífico solo de Arnaldo, **LÓKI?**, e um de Rita, **ATRÁS DO PORTO...** (74). E fica a promessa de lançar o inédito **O A E O Z**, de 73. *A.A.*

O ex-batera do Jesus & Mary Chain como *front man* do **Primal Scream**? As más línguas diriam tratar-se de uma espécie de Phil Collins da *class of '86*. Ledo engano: nas deambulações *psycho - dance - rock* de **SCREAMADELICA**, Bobby Gillespie faz o PS extrapolar o caráter monocórdico de seu ex-grupo. *C.P.*

KEEPING THE FAITH é a prova de que ainda dá para raspar alguma coisa do tacho indie-dance. Nesta coletânea os melhores do selo inglês Creation *groovam* com decisão. Destaque para **Fluke**, **Hypnotone** e **My Bloody Valentine**. *C.R.*

MARINA



MTV
MUSIC TELEVISION

QUERO TE VER NA MTV

Foto: Rui Mendes Azul Ilustração: Renata Borges

SUCESSO SEM FRONTEIRAS

Ser eleito a maior banda thrash do mundo não é o suficiente para o Sepultura: agora, o objetivo é invadir a América

"O quê? Você capotou o carro?"
"Capotei. Feio. De frente. Na maior chuva, mas não aconteceu nada. Saímos do carro e ficamos na chuva, dando risada, cascando o bico. É legal."
"E eu comprei um carro."
"Que carro?"
"Um fusca."
"É mesmo?"
"Não, comprei um Escort 88. Carro que não dá trabalho. Eu tinha um Fiat em Belo Horizonte, mas acabei com ele. Aí eu vendi ele para comprar um vídeo e acabei perdendo a grana quando a gente foi tocar em Manaus. Recebi um seguro da companhia aérea, mas era mixaria. Nem lembro o que fiz com a grana... lembrei: vendi o carro para comprar um disco."

É uma tarde calorenta de dezembro, e estamos fechados no restaurante que fica embaixo do apartamento dos Cavalera em Santa Cecília, centro de São Paulo.

Na minha frente está Max Cavalera, guitarrista rítmico, vocalista e letrista da banda; é ele o feliz comprador do Escort. Ao lado dele está seu irmão mais novo, Igor, baterista, o cara que capotou e curtiu. Ao meu lado está Andreas Kisser, guitarrista solo. Está faltando Paulo Júnior, baixista — ele está em Belo Horizonte, torrão natal do Sepultura. É uma pena — mas segundo a própria banda, ele é o que menos fala, então...

O objetivo da reunião é descobrir o que um ano de acachapante sucesso fez com a cabeça dos caras do Sepultura. Foram turnês sucessivas pelo mundo afora, recepção beatlemaníaca (até em cafundós do leste europeu), babação de ovo da crítica internacional, sucesso de massa no Brasil, eleição para melhores do ano em um monte de revistas de heavy metal.

Se você acha que apesar de tudo isso a banda não se alterou — continua o mesmo quarteto honesto e despretensioso de antigamente —, tem muito mais confiança na natureza humana que eu.

Nem é só a grana e a moral, é a adulação. Quando garotinhas pré-púberas molhadinhas ficam pulando em cima de você — em Uberlândia, Londres, Varsóvia — as chances são de que seu autocontrole vá para as picas.

MAX "A gente fica meio cabrero com essas coisas de fã. Mas rola até com a gente, de repente. Na última viagem que eu fiz a gravadora marcou um jantar com o Ozzy e, porra, eu fiquei pensando naquilo dois dias, tipo 'vou conhecer o Ozzy'. Quando vi o cara, fiquei baratinado."

ANDREAS "A gente conheceu os caras do Kiss, o Gene Simmons e o Paul Stanley. O Paulo foi lá cumprimentar os caras e eles deram a mão mole, pareciam umas bichas, e pediram licença para sair. Pô, o Paulo é o maior fã do Kiss... Aí você vê uns caras legais como os do Metallica e pensa, é assim que a gente quer ser."

IGOR "Tem outra coisa: você cruza um cara, para você não é nada, mas para ele é um puta acontecimento. Acho que não custa nada ouvir o que o cara tem para falar."

ANDREAS "É uma questão de respeito."

MAX "Você aprende ouvindo as pessoas. Não custa nada, você só tem a ganhar. E, se for um cuzão, meto a boca e boa."

Questão importante: o que o Sepultura tem de tão diferente para causar tanto rebuliço com a molecada e a crítica estrangeira? No Brasil tudo bem, nunca tinha havido uma banda heavy tão profissa e carismática. Mas fora?

MAX "Até 87 a gente era sempre comparado na imprensa com Slayer, Kreator e Possessed. A gente escutava isso o dia inteiro, na hora de fazer som saía parecido mesmo... É que thrash é um lance totalmente ao vivo. Tem banda que é do caralho em show e não consegue passar para o disco."

> **"Tem show que a gente fica se cuspindo"**

IGOR "E a gente é supersério no negócio de tocar ao vivo, super-rigoroso. Ninguém pode pisar na bola. Tem show que a gente passa o tempo todo se cuspindo. É coisa de irmão, a banda é coisa de irmão. É família, você sabe como machucar e como fazer feliz."

MAX "Se eu começo enrolar no palco, de repente eu sinto aquela catarrada nas costas. É hora que eu sei que estou falando muita merda, tenho que calar a boca e começar a música."

IGOR "Mas é por causa disso que a gente acaba fazendo uns puta shows. Meu, no fim desse ano, oitenta e tantos shows, você entra no palco com uma puta segurança. Por isso que a gente sempre tenta fazer a coisa mais ao vivo que der, no estúdio. Negócio de ficar tocando sozinho, com uma máquina, fode tudo."

E como vocês fazem para passar essa guerra do palco para o estúdio?

IGOR "É sempre uma guerra, mesmo. Quando a gente estava fazendo o *Beneath The Remains*, então... Eu e o Andreas, a gente tinha uma cisma um com o outro. Tinha hora que a gente quase saía no pau."

ANDREAS "Eu já chutei a batera dele."

IGOR "Mas é assim que sai legal, brigando. Se não fica aquela coisa, você faz uma base ruim, todo mundo faz média e no fim as músicas ficam ruins. É muito melhor o outro cara chegar e dizer logo que está uma bosta."

MAX "É um método masoquista de fazer música. Fica lá 'e aí filho da puta, vi tua namorada dando o cu ontem'. A gente nunca vai fazer uma música em harmonia. Se fizer, vai ficar o maior mela-cueca. Depois de três semanas você começa a ficar com nojo do estúdio. Só de entrar dá vontade de vomitar. O problema é que a gente demora um mês, um mês e meio para gravar um disco. Se a gente demorar oito meses como o Metallica, o disco não sai nunca."

ANDREAS "Vale tudo no estúdio, gravar no escuro, qualquer coisa."

MAX "'Orgasmatron' eu gravei enchendo a cara. Era o último dia, uma cover, falei 'vou encher a cara e gravar essa porra bêbado'. Depois quando eu ouvi achei que ficou até melhor que o resto do vocal do disco."

IGOR "Tem coisa em estúdio que é legal fazer largado e tem coisa que exige o maior preparo."

E o Scott Burns, produtor de vocês, topa não ter regra?

MAX "A gente sempre se deu bem, desde a primeira vez que cruzamos ele. Foi assim: na época do *Beneath...*, a gravadora ligou para um cara que produzia o Megadeth. Ele falou que tinha gostado da demo, mas que precisava trocar uns riffs, uns vocais, não sei o quê, precisava fazer não sei o quê diferente. A gente riu."

IGOR "Aí a Roadrunner falou que tinha um cara aí que tinha produzido o Death, o Whiplash. Era o Scott. Aí o cara veio para o Rio e a gente alugou um estúdio superfuleiro para mostrar as músicas para o cara. O som ficou uma merda, mas já deu para ele sacar o que a gente queria. Ele já era meio fã, desde que um cara do Death mostrou uma demo nossa para ele. Quando chegou ao Rio, pegou o espírito da coisa na hora."

Quem não conhece thrash acha que é só pegar o instrumento e sair tocando, é tudo um barulho mesmo, as músicas são todas iguais. Mas a) o Sepultura compõe com o maior capricho; b) gra-

Rio Menores A.J.d

"Eu sou o pior guitarrista do mundo"

va com o maior cuidado; e ci se dedica aos instrumentos para caramba. São todos CDF quando o negócio é estudar e ensaiar (com exceção de Max). Eles sempre tiveram esta tendência. Mas agora, passada a adolescência e depois do estouro de 91, o Sepultura é uma banda absolutamente *profissional*.

ANDREAS "Se não sair perfeito, não vale a pena tocar."

IGOR "Como quando a gente foi gravar para o *Sanguinho Novo*. O Paulo não conseguia acertar o baixo, a banda inteira pressionando, o Miranda (que estava produzindo) ficava chamando ele de bicha e não sei o quê. Demorou umas seis horas, mas no fim ele fez de uma vez só. Foi bom para ele."

MAX "Tudo bem outro cara fazer o som — o Andreas até ja tocou bateria, cimbal em umas músicas. Mas tem que ser um cara da banda, senão é picaretagem. Se você deixa o produtor tocar uma coisa porque você não está conseguindo, depois vai ter que botar o produtor no palco."

IGOR "Eu toco todo dia. Estudo direto."

ANDREAS "Eu fico tocando no banheiro. Cada dia que eu fico sem tocar eu pioro."

MAX "Eu sou totalmente preguiçoso. Meu roadie não acredita, porque eu só pego a guitarra na hora de subir no palco."

E, mas e esse negócio de ser eleito sétimo melhor guitarrista de thrash pelos leitores da *Metal Hammer*?

MAX "Eu posso falar: sou o pior guitarrista do mundo. Quando vi que tinha sido votado sétimo melhor, pensei 'não e á toa que esse mundo está acabando'. Meu, eu gosto para caralho do Sid Vicious, do guitarrista do Ramones, uns caras que não tocam porra nenhuma, fazem um lance pré-histórico. Eu não ligo para musicalidade, eu quero ver é coisa diferente. Para mim os melhores são Tommy Iommi, Jimmy Page, o cara dos Ramones... e o Andreas! (*Voia geral ao mesa.*)"

Por falar em Sid Vicious e tal: uma das teorias sobre por que o Sepultura soa diferente da maioria das bandas thrash é que vocês gostam de coisas que não têm nada a ver com metal. Pô, o Andreas acaba de chegar com um CD do Stevie Ray Vaughan. E eu sei que o Max gosta de rap.

MAX "Ice-T é muito legal. Public Enemy. Aqui no Brasil tem Racionais MC, que é bem maláco. Sabe uma banda brasileira que eu curto? O DTG, aquela banda do João Gordo que usa liquidificador e tal. O Gordo é o Hermeto Paschoal do thrash. O Yo-ho-delic é na onda Chili Peppers-Mr. Bungle, mas não é copia, trabalhando em cima vai ficar legal. E o Olodum é inacreditavel."

ANDREAS "Eu continuo gostando de Titãs, gostei do esquema deles gravarem o disco novo numa casa, ficou legal."

MAX "E tem outra: tem banda que é muito ruim, tanto que é até legal. Que nem, a gente estava numa discoteca em Berlim marcando, aí o cara da banda que estava abrindo para a gente pediu para o DJ colocar Abba. Quando a gente viu estava todo mundo dançando, careca, punk, o caralho. Metal não estava mais fazendo efeito naquela moçada. Tinha que ser uma banda ruim."

SEPULTURA EM NÚMEROS

Em 91, o Sepultura fez **86** shows no total, dos quais **13** no Brasil. Seu maior público foi de **30** mil pessoas, no Pacaembu, sem contar o Rock In Rio, onde tocou para pelo menos **70** mil pessoas. O LP *Arise* vendeu mais de **400** mil cópias mundialmente, incluindo **60** mil no Brasil, bem mais que *Beneath The Remains*, que vendeu **280** mil no mundo e **35** mil no Brasil.

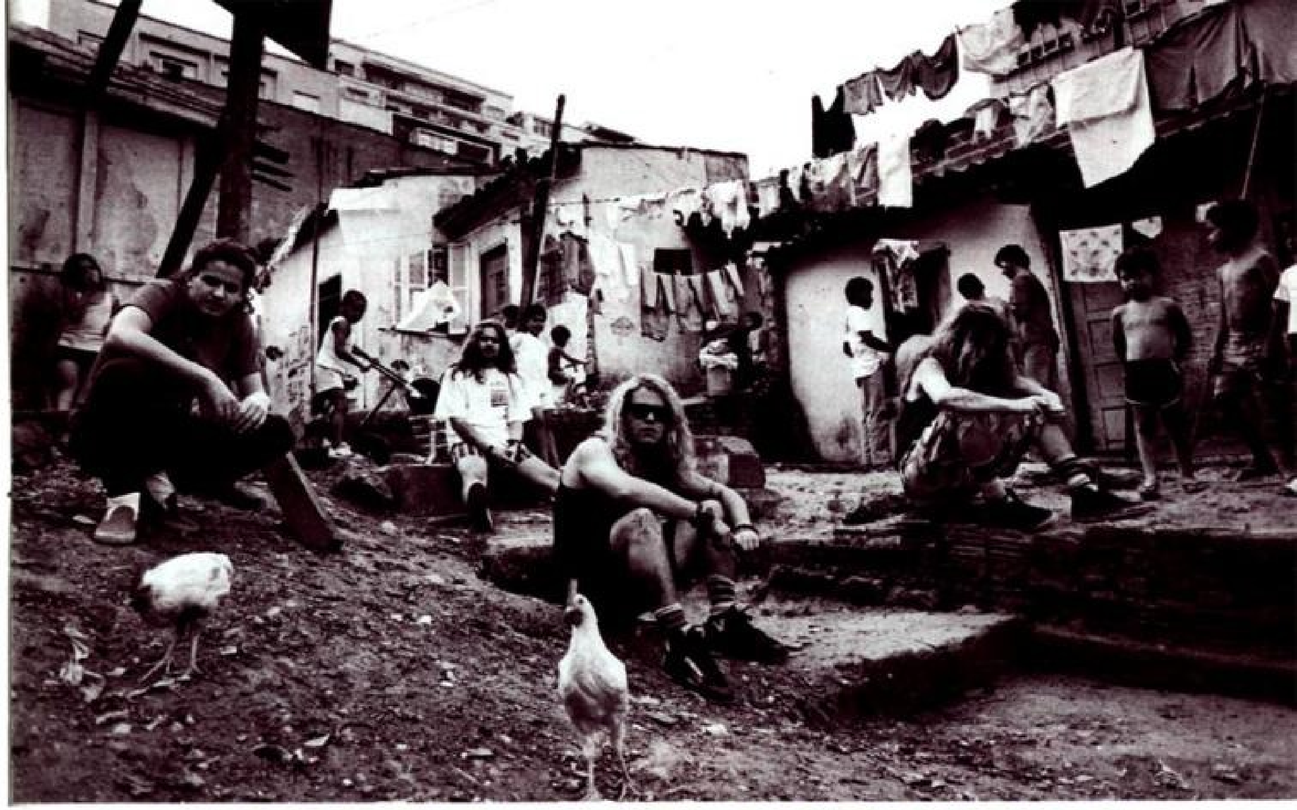
OS ELEITOS

Em todas as votações de fim de ano das revistas especializadas em metal, o Sepultura se deu bem. Mas na *Metal Hammer — Thrash*, especializada em thrash metal, eles se deram *extremamente* bem. Tanto que, na edição alemã da revista, eles mereceram uma história em quadrinhos. Ela começa com Igor festejando a vitória; no penúltimo quadrinho, Igor diz que "o thrash é uma grande família"; no último, se vê a elite do thrash — integrantes do Slayer, Megadeth e Metallica, mais Schwarzenegger — armando para exterminar o Sepultura. Confira a premiação:

BANDA DO ANO - Sepultura
MELHOR DISCO - *Arise*
MELHOR CANTOR - Max Cavalera
GUITARRISTA - Andreas em 2.°, Max em 7.°
BAIXISTA - Paulo Jr. em 3.°
BATERISTA - Igor em 2.°
REVELAÇÃO - Sepultura
LETRAS - *Arise* em 2.°
VÍDEO - "Inner Self" em 4.°
CAPA - *Arise* em 1.°, *Beneath* em 6.°
SHOW - Sepultura em 4.°
SEX-SYMBOL - Max em 2.°

A SABEDORIA DE MAX CAVALERA

MULHER
"Não tem mulher feia depois das três da manhã."
ALTA ROTAÇÃO
"Prong, Urban Dance Squad, 1.000 Homo DJs, Obituary, Biohazard, Mr. Bungle."
AMOR
"O Sepultura nunca vai falar de amor, é batido demais. É mesmice."
OTIMISMO
"Minhas letras não falam de nada legal, porque as coisas não estão legais nem estão melhorando. Quando elas melhorarem a gente escreve outras coisas."
BANDAS COVER
"É ridículo. Já existe até o Sepultura cover, anda tocando por aí."
CANTAR EM PORTUGUÊS
"Só se for cover."


Eve Monsees Arvid

O NOVO PLANO DE BATALHA

O ano que passou foi o momento em que o Sepultura realmente estourou, chegou lá, se deu bem, virou bandona — certo?

Errado. 91 foi só a primeira fase do vestibular para o megaestrelato — a hora em que você passa de amador talentoso com muito potencial para a categoria de profissional respeitado e bem remunerado. Não é nada mau, e tem gente que fica neste estágio a vida toda, tocando e curtindo.

Mas, para quem já deu o improvável salto de Belo Horizonte ao primeirissimo mundo — e ainda está na primeira metade dos vinte anos —, estacionar não faz sentido. Não. A próxima transição lógica para o Sepultura, se ela acontecer, é para o rarefeito clube dos que vendem mais de um milhão de discos.

Não se chega a isso sozinho. A estratégia foi desenvolvida a várias mãos — pela banda, ainda que sem maquiavelismo; pela agência que empresaria o grupo; e pela gravadora Roadrunner. Se der certo, o Sepultura vira superbanda. Gloria, empresária deles, ganha dinheiro e prestígio. E a Roadrunner se torna a maior gravadora especializada em metal pesado (thrash, death etc.), esmagando sua principal rival (a MegaForce) e talvez passando a concorrer de igual para igual com a SubPop.

O plano de batalha tem três pedras de toque. A primeira é o lançamento internacional em CD e vinil de versões remasterizadas dos primeiros discos do grupo, *Morbid Visions* e *Bestial Devastation*. "Deram uma melhorada no som, botaram encartes legais, mas continua a mesma podreira", diz Max.

A segunda é uma turnê pelos Estados Unidos. Não no habitual circuito de clubes, onde o Sepultura já esteve no passado. Dessa vez a coisa é em ginásios e estádios, abrindo para um grande nome e se expondo a dezenas de milhares de pessoas. Evidentemente, com direito a cobertura extensa da MTV. É o que todo mundo faz: o Faith No More excursionou abrindo para Billy Idol, Guns N'Roses abriu para Cult etc.

Essa tour deve acontecer na primavera americana, entre março, abril e maio. Em dezembro, a Roadrunner estava em negociações com os agentes de Ozzy Osbourne, Alice Cooper e Iron Maiden — esse, o preferido pela banda, senão em termos de som, no mínimo pelo impacto. O Iron Maiden não excursiona pelos EUA há anos.

O terceiro momento fundamental será a gravação de um novo disco, que deve acontecer em julho. Ele tem um objetivo primário: tirar o Sepultura definitivamente do gueto death metal, onde ele ainda é colocado por muita gente; mais que isso, tirar a banda do gueto thrash. Segundo Max, "o som vai mudar — não radicalmente, mas vai mudar bastante. Eu sei que vai ter neguinho que vai achar uma bosta — letras muito parecidas com o que a gente fez antes, sei lá. A característica do Sepultura vai estar lá, é o que a gente sabe fazer. Mas vai ser diferente".

Essa transição — evolução, talvez — implica numa provável mudança de produtor. Scott Burns, produtor de *Arise* e *Beneath The Remains*, daria lugar a alguém mais versátil. Para Max, "tudo depende do som que a gente estiver fazendo na época. A partir disso é que a gente vai ver se trabalha com o Scott de novo ou não".

Andreas vai mais longe. "Ele deu umas opiniões que mudou muita coisa. Mas o problema do Scott é que ele só trabalha com banda de death metal, e a gente está escutando outras coisas, querendo fazer outras coisas."

"Death metal é só uma influência a mais para a gente. A produção do Scott fica uma coisa meio genérica... fecha um pouco a coisa para a gente. Já fizemos dois discos com ele, na mesma base. Se ele acompanhar a nossa evolução, tudo bem. Se estiver com as mesmas idéias, vamos ter que procurar outra pessoa."

ANDRE FORASTIERI

barulho

parte 1

Foi assim: em setembro de 91, uma semana depois de o André Barcinski mudar de emprego — de redator da TVA para editor de variedades do *Notícias Populares* —, o cara chegou na minha casa dizendo "armei umas entrevistas com o Jello Biafra, os Cramps e o Joey Ramone, estou pensando em ir para os Estados Unidos fazer ao vivo". Eu disse "legal para cacete", mas pensei "o cara está maluco".

Uma semana depois ele tinha marcado na moral mais um monte de entrevistas — com Red Hot Chili Peppers, Ministry, todo o pessoal de Seattle... Minha reação foi "espera aí, isso não é uma série de matérias, isso é um livro".

Mais uma semana e — através dos rolos mais improváveis — estava armado o esquema. *Isso* — um passeio de dois meses pelo que há de mais radical no rock americano — se tornaria um livro e uma série de matérias. O livro sai em abril pela Editora Paulicéia, com direito a duzentas fotos exclusivas tiradas pelo próprio Barça (que antes de ser jornalista fotografava presuntos nos morros cariocas para ganhar a vida).

A série de matérias começa nesta edição da BIZZ. Na primeira parte vamos até Chicago, quartel-general da principal gravadora de rock industrial do mundo, a Wax Trax, para um papo hardcore com os caras do Ministry. Em março esticamos a tour até Seattle, sede da SubPop, para encontrar os novos astros do metal-garagem americano: Tad, Mudhoney, L7, Alice Donut e Nirvana. E em abril sai uma matéria bipartida: além de conversar com alguns nomes fundamentais do rock americano radical — Jello Biafra, Joey Ramone e os Cramps —, Barcinski dá uma geral no que está rolando de mais interessante no underground das costas leste e oeste, com direito a entrevistas com Steve Albini, Sick Of It All, Agnostic Front, Murphy's Law e uma porrada de outros.

Resta a questão metodológica. Por que rock americano? Porque o que há de mais radical no rock moderno vem das gravadoras independentes americanas. Como foi feita a escolha das bandas entrevistadas? De acordo com sua importância no cenário americano, misturando nomes consagrados com grupos em ascensão e outros completamente desconhecidos no Brasil. E o que esse povo todo tem em comum? São todos grupos barulhentos e inconformistas.

Enfim, xará: deu para chegar a alguma conclusão sobre o estado das coisas? "Quando alguém disser para você que o rock está morto, duvide. Ele está vivo, mora nos Estados Unidos e tem alguns parentes espalhados pelo mundo. Inclusive no Brasil. O negócio é procurar."

ANDRÉ FORASTIERI

CADERNOS TILIBRA
TÊM TUDO A
VER COM VOCÊ.

Máquina Mortífera

Uma noite no estúdio com Al Jourgensen e Paul Barker, os caras que botaram a eletrônica a serviço da imundície hardcore e viraram popstars

São quatro da tarde nos Trax Studios, em Chicago. Alain — Al — Jourgensen e Paul Barker dão um toque final na mixagem de mais uma música do próximo álbum do Ministry.

A música se chama "Jesus Built My Hot Rod". *Hot rod* são aqueles carros de corrida compridos, com rodas pequenas na frente e grandes atrás, que vão de 0 a 100 em segundos, cuspindo fogo pelo escapamento, fazendo um barulho desgraçado e atingindo velocidades tão absurdas que é preciso um pára-quedas para freiá-los. Mais ou menos com o Ministry.

Ambos estão contentes. "Isso é fucking great", grita Al. Ele está mais do que contente, está entusiasmado. "Senta aqui, vou te mostrar o nosso clip." Agora estou sentado no meio de duas caixas de som gigantescas. Em frente, uma televisão de trinta polegadas. O volume está no máximo. "Jesus Built My Hot Rod" começa e o estúdio inteiro treme. O vocalista Gibby, dos Butthole Surfers, se esgoela em meio a uma tempestade hardcore. Na tela, carros capotando e se incendiando. Cenas de filmes com a imagem de Jesus se misturam a cadáveres carbonizados de pilotos. "Jesus Built My Hot Rod" é a trilha sonora do Apocalipse.

"A MTV vai boicotar nosso clip", diz Al. "Fodam-se!" Seu disco vai sair no Brasil? "Esse vai. Tenho uma foto do presidente da gravadora dando o rabo para uma criança de 12 anos. Se o disco não sair no Brasil, vou mandar a foto para todos os jornais." Paul ri. Dane-se a gravadora. O Ministry está pelo menos duas semanas atrasado para entregar seu disco novo. E daí?

"O que eles pensam? Que sou algum vagabundo? Olha só o que eu fiz nesses últimos meses: gravamos um disco novo do Lard, duas músicas novas do Revolting Cocks, preparamos um LP de cinco músicas dos 1 000 Homo DJs, remixamos uma faixa do disco novo do Red Hot Chili Peppers e ainda produzi o primeiro LP do Skatenigs. Quem está atrasado com o quê? Não tenho tempo nem para dormir."

Al não está exagerando. Nos últimos seis meses, ele e Paul têm passado uma média de vinte horas por dia no Chicago Trax."Mais do que um estúdio, um modo de vida", como reza a frase estampada no encarte de *The Mind Is A Terrible Thing To Taste*: nos fundos do estúdio, sacos de dormir e sofás, onde Al, Paul e os engenheiros de som costumam dormir.

Jello Biafra tinha me avisado: "Você vai entrevistar o Ministry? É bom se preparar para beber e cheirar que nem aspirador de pó!" Alain Jourgensen já foi descrito como "Papai Noel com uma serra elétrica", ou "Phil Spector encontra Gengis Khan". É verdade. É verdade também que Al nasceu em Cuba, há pouco mais de trinta anos, de uma mãe de 16 anos. Passou por orfanatos e casas de correção. Hoje é casado e feliz com Patty, sua empresária, e tem uma linda filhinha. Os Jourgensens estão mais para Família Do-Ré-Mi do que para família Manson — embora Al não negue a mística que existe em torno do Ministry: o de banda violenta, beberrona, que consome drogas como se fossem Mentex.

Mas, apesar da detonação, poucas bandas no mundo são tão profissionais, tão perfeccionistas quanto eles. *Workaholics* inveterados. Al e Paul são os mestres do dancecore, do industrial thrash, do cyberpunk, a banda que humanizou a bateria eletrônica e informatizou o hardcore. O Ministry não pode ser rotulado. Seu som é uma mistura de hardcore, thrash dance, new beat, industrialismo. No meio, sons de serras elétricas, furadeiras e carros velozes. A música evoca imagens surreais, de destruição e fábricas a George Orwell.

Enquanto a maioria das bandas sua para tentar reproduzir em vinil o som que obtém ao vivo, o Ministry tem o problema inverso: conseguir no palco a mesma força das gravações. O som é complexo, cheio de detalhes. "É difícil porque nossos arranjos às vezes são complicados", diz Paul. Na turnê de lançamento do LP *The Mind Is A Terrible Thing To Taste*, o Ministry tinha dez pessoas no palco. "Antes de cada excursão, passamos sempre umas duas semanas bolando como vamos reproduzir as músicas ao vivo. Às vezes temos de mudar a afinação de algumas músicas", completa Paul. "Seria fácil para nós fazer uma turnê só com dois músicos e um monte de bases pré-gravadas, mas achamos isso ridículo. Gostamos de tocar ao vivo", diz Paul.

A música eletrônica, geralmente associada à dance music, tem no Ministry uma exceção à assepsia e frescura das bandas belgas. A tecnologia do Ministry é usada para "impurificar" o som. Alain: "A maioria das pessoas usa a tecnologia de um modo estéril. O que nós queremos é usar tudo que a tecnologia pode proporcionar de melhor, mas sem nos robotizar. Queremos juntar a cibernética com a nossa raiva e frustração. Não interessa se a bateria é eletrônica ou não, o que interessa é o resultado final. Se um soldado quer destruir um tanque, ele pode usar um Exocet ou uma granada de mão que o tanque vai ser destruído do mesmo jeito. Se temos um computador que não faz barulho, é só jogá-lo pela janela que ele vai fazer um esporro inacreditável!"

André Barcinski Azul

Mas nem sempre foi assim. Quem ouve o Ministry do início dos anos 80 não acredita que é a mesma banda. Nessa época, seu som lembrava o Human League ou o Cabaret Voltaire, totalmente dance. Al, parecendo arrependido e envergonhado do que fez em outros tempos, explica: "Foi uma progressão. Paramos de aceitar conselhos e passamos a fazer só aquilo de que gostávamos. A coisa também melhorou quando passamos a ser influenciados por bandas ruins. Ouvíamos aquilo e pensávamos: 'Que merda! Vamos fazer algo totalmente diferente dessa porcaria' ".

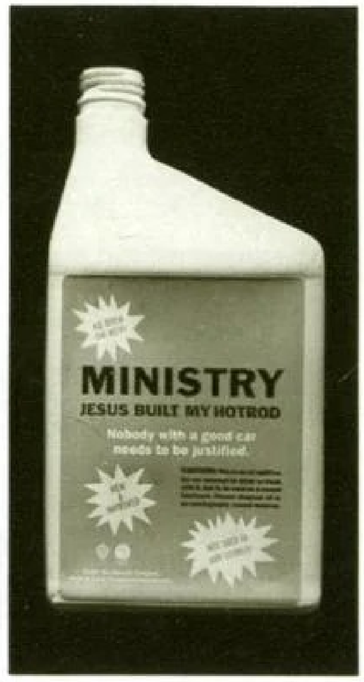
Billy, guitarrista dos Skatenigs, mostra um riff que acabou de compor. Paul gosta. Alain se lembra de um sampler de bateria que está na gaveta, à espera de um riff. O casamento é perfeito. Nasceu a mais nova música do Ministry. Alain gosta tanto que promete a Billy incluí-la no próximo LP.

Paul: "É assim que compomos: temos uma idéia, sentamos e começamos a trabalhar em cima dela até ficar perfeita, do jeito que a gente quer". O Ministry não compõe em casa, não é o tipo de banda que tem surtos de criatividade e de um estalo criam sons geniais. É um trabalho lento, como a construção de um prédio. O Ministry não compõe, o Ministry constrói. Junta riffs, samplers, sons de serras elétricas, diálogos de filmes, testando à exaustão. Testar é a palavra de ordem da banda.

"Gostamos de ligar o botão de gravação e fazer qualquer barulho, só para ver o que vai dar", diz Alain. "Tudo o que sabemos foi resultado direto de nossas experiências no estúdio. Eu não entendo nada daquelas merdas de botõezinhos! Até hoje falo 'aumenta aquele verdinho!', não sei nem o nome, mas sei o efeito que vai ter!" Paul: "Aprendemos tudo sozinhos. Gostamos da filosofia do 'faça você mesmo' ".

Essa tão propagada "genialidade" já rendeu ao Ministry inúmeros convites para trabalhar com outras bandas. Al acaba de produzir o primeiro LP do Skatenigs, uma banda do Texas, e trabalhou no LP do Gwar. Rick Rubin, ex-Def Jam e atual chefão da Def American, pediu aos dois que remixassem a faixa "Give It Away" do novo LP dos Red Hot Chili Peppers. "Ficou bem melhor do nosso jeito", diz Paul. Alain: "Outro dia, o Ric Ocasek, dos Cars, me ligou pedindo para produzir o disco dele. Não topamos. Não tínhamos tempo, e além do mais era uma merda, mesmo! Prefiro trabalhar com bandas novas, como os Skatenigs ou o Gwar. Produzi duas faixas do LP do Gwar e o pagamento foram seis latas de Budweiser e duas pizzas! Mas valeu a pena, foi muito divertido".

Alain pede um tempo. Precisa gravar a última base de guitarra para finalizar uma música chamada "Bleeding Heart". "Essa é sobre essas pessoas que perderam seu senso de humor, que se acham politicamente corretas e merdas desse tipo. Veja só essa idiota da Nancy Reagan, fazendo essa campanha "Just Say No" (Diga Não, campanha antidrogas veiculada pelo governo americano). Ela deveria fazer a campanha "Diga não a esses idiotas que te dizem para dizer não". Logo depois, ele mete uma caneta sem carga num pequeno monte de pó. "Não gosto dessa merda, mas preciso ficar acordado!"



"Você conhece o Sepultura?" A pergunta de Al me surpreende. "É minha banda preferida", finaliza sem me dar chance de resposta. Al fica feliz quando digo que os caras do Sepultura também são seus fãs. Você produziria o Sepultura? "É lógico!" Al e Paul não ouvem muitas bandas novas. "Passamos tanto tempo no estúdio trabalhando que nem temos tempo para ver muitas outras bandas." A desculpa é boa. Depois de pensar durante um bom tempo, conseguem se lembrar de algumas: Godflesh, Skatenigs, Jesus Lizard e Tar. Além do Sepultura, claro. Das mais antigas, gostam do Butthole Surfers, Cabaret Voltaire, Killing Joke e dos primeiros trabalhos do P.I.L.

A conversa chega ao cinema. Digo a Alain que a música do Ministry me faz lembrar de um filme de Abel Ferrara, Driller *Killer* (*O Assassino Da Furadeira Elétrica*). "Adoro esse filme", diz Al. "Muitas pessoas comparam nossa música com os filmes do Dario Argento, por causa do lado psicopata dos dois. Quando vou ao cinema, a primeira coisa que noto é a música, como ela pode tornar uma cena impactante ou como pode acabar com o filme. No Ministry, sempre tivemos uma grande preocupação com a parte visual. Sempre gostei de diretores como Argento e do Coppola de *Apocalypse Now*. Gosto da grandiloqüência de um Stanley Kubrick e do Ridley Scott."

Na última excursão do Ministry, a banda usou um efeito visual de impacto: uma grade, que cobria toda a extensão do palco, separando público e banda. Quem estava enjaulado? "Queríamos realçar o caráter claustrofóbico do nosso som, por isso nos trancamos numa jaula", diz Paul. "A grade tornou os shows ainda mais violentos, que era exatamente o que pretendíamos. O público liberava sua agressividade destruindo aquela grade", completa Alain.

Foram poucos os shows em que a grade resistiu. Em Palo Alto, Califórnia, um grupo de skinheads nazistas começou a balançar a grade. Paul desceu do palco e quebrou seu baixo na cabeça de um deles. Alain chamou os nazis para porrada, que só foi contida com a chegada de um batalhão de polícia. Alain: "Só porque gritamos uns 'sieg heil' no meio de The Land Of Rape And Honey', acham que nós somos nazistas. Eu odeio skinheads, odeio nazismo e toda essa babaquice direitista". O Ministry fez até uma música sobre isso, "N.W.O. (New World Order)". "Cortesia desse filho da puta do George Bush", diz Paul.

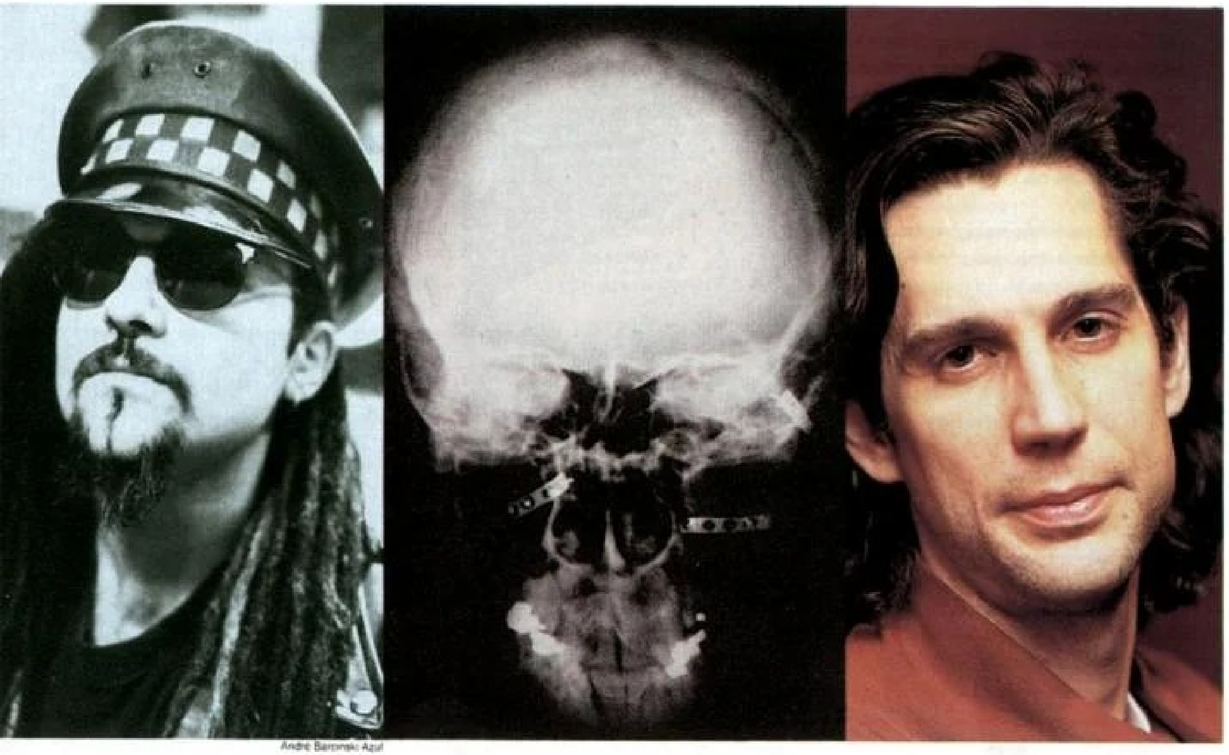
O mesmo Bush, aliás, que nada faz contra os selos de "linguagem chula" que sempre vêm colados nos discos do Ministry. "É isso que queremos, perturbar as pessoas", continua. "Queremos esmurrar a cara desses imbecis. A cada ano vendemos mais discos, nosso público cresce, a cada ano nossa música fica mais pesada, anticomercial." A hipocrisia americana está perdendo a briga — cortesia de Alain Jourgensen e Paul Barker.

Em dois discos, o Ministry tornou o final de 80 muito menos monótono. Al e Paul acordaram o pop, posto para dormir pelos pseudopsicodélicos de Manchester. Mostraram que a bateria e os instrumentos eletrônicos em geral podem ser usados para fazer rock decente. Tanto que o hardcore industrial do Ministry tornou-se unanimidade entre gente tão diferente quanto punks, headbangers, universitários cabeça e até alguns fãs de dance music. Os anos 90 prometem barulho.

barulho

NASCE UM MONSTRO

parte 1 **Dez anos na história do Ministry**



André Barcinski Azul

O Ministry foi criado em 1981, por inspiração de Al Jourgensen, que o concebeu como um projeto de um homem só. Antes disso, Al flertou com o punk e o new wave antes de montar o Special Effects, junto com Frank Nardiello — hoje no My Life With The Thrill Kill Kult. A banda terminou quando Frank foi para Londres trabalhar com o Drowning Craze.

Um dia Alain entrou na sede da Wax Trax e mostrou uma demo para o dono, Jim Nash. Era "Cold Life", que se tornou o primeiro single do Ministry. A Wax Trax era então apenas uma loja de discos engatinhando no papel de gravadora — "Cold Life" foi seu terceiro single (o anterior foi "Born To Be Cheap", cantado pelo *trash star* Divine).

O single vendeu cinco mil copias, um estouro para o selo recém-inaugurado. Na seqüência, Al gravou "Everyday Is Halloween" — "um clássico das pistas comparável a 'Blue Monday', do New Order", na opinião de Jim Nash. Nessa época Al entupia os ouvidos de A Certain Ratio e Human League. O Ministry era um sub-Human League.

Depois do sucesso de "Halloween", Al gravou "Nature Of Love". Ministry foi excursionar com o Front 242. Al e Richard 23 se dão tão bem que decidem fazer um projeto conjunto — nasce os Revolting Cocks. A gravadora Sire, entusiasmada com o trabalho de Al, contrata o Ministry.

Artistas que saem de uma gravadora independente para uma grande geralmente tendem a tornar seu som mais comercial, acessível.

Com o Ministry foi o contrário: depois que assinou com a Sire, Al começou a tornar o som da banda mais pesado , mais sujo. Em 85 gravou o álbum *Twitch*, que ainda guarda resquícios da fase tecnopop, mas já começa a mergulhar na distorção.

Na turnê de divulgação de *Twitch*, os shows do Ministry são abertos pelos Blackouts, uma banda de Seattle. Al convida Paul Barker, baixista dos Blackouts, para se juntar ao Ministry. É a partir da entrada dele que o Ministry se torna uma maquina de barulho.

Em 88, já com Barker como membro fixo, o Ministry lança *The Land Of Rape And Honey*, que ficou algumas semanas no topo da parada independente americana. No ano seguinte veio a consagração: o disco *The Mind Is A Terrible Thing To Taste*, que ficou onze semanas nessa mesma parada.

PROJETOS

Revolting Cocks

Os Revolting Cocks (ou RevCo) são Alain, Paul, Richard 23 (Front 242), Bill Rieflin, Chris Connely (Fini Tribe) e Luc Van Acker (Mussolini Headkick). Lançaram três LPs: *Beers, Steers & Queers*, *Big Sexy Land* e o ao vivo *You Goddamned Son Of A Bitch*, todos pela Wax Trax.

Paul: "O RevCo é uma festa, só que com um gravador ligado. Chamamos nossos amigos, vamos para o estúdio , bebemos e começamos a gravar. É dance music, a mais debochada e escrota possível".

Alain: "A banda são as pessoas que estiverem no estúdio naquela hora. Você pode ser um RevCo, qualquer um pode, é só chegar".

Pailhead

Projeto que reúne Alain, Paul e Ian McKaye, vocalista do Fugazi e uma das figuras centrais do underground americano, hoje. Som barulhento, com predominância de guitarras. Lançou quatro singles pela Wax Trax.

Paul: "Estávamos na Inglaterra, e o Ian estava no mesmo estúdio. Convidamos ele para cantar uma faixa. Ficou ótima. Quando ele veio para Chicago, gravamos mais alguns singles. Pretendemos continuar o trabalho com o Pailhead".

Outros Bichos...

Além dos citados, os membros fixos e flutuantes do Ministry (*the tribe*, ou Ministry Big Band From Hell And The Mutants Of Rock, como eles se batizaram para a última turnê) aparecem em varias configurações,como o P.T.P.

Barker solo já lançou um EP e um LP como Lead Into Gold. Ao lado de Nivek Ogre, do Skinny Puppy, eles formam o WELT; com Mollinder e Kirk do Cabaret Voltaire eles são o Acid Horse.

Os baterístas Bill Rieflin e Martin Atkins formaram o Pigface, com participação de Barker, Ogre, Steve Albini, Trent Reznor (Nine Inch Nails) e outros, já com dois álbuns. Ao lado de Rieflin, o principal colaborabor de "Hypo Luxa" e "Hermes Pan" (pseudônimos de Jourgensen e Barker) é o tecladista Chris Connelly, que também já tem um disco próprio.

PARALELOS

1.000 Homo DJs

Barulho. Só barulho. Lançou quatro singles pela Wax Trax, que foram compilados num CD, incluindo uma versão para "Supernaut", do Black Sabbath.

Paul: "A idéia é fazer música pop a mais distorcida possível. Com um nome desses, tem de ser a musica mais pesada que você já ouviu na vida".

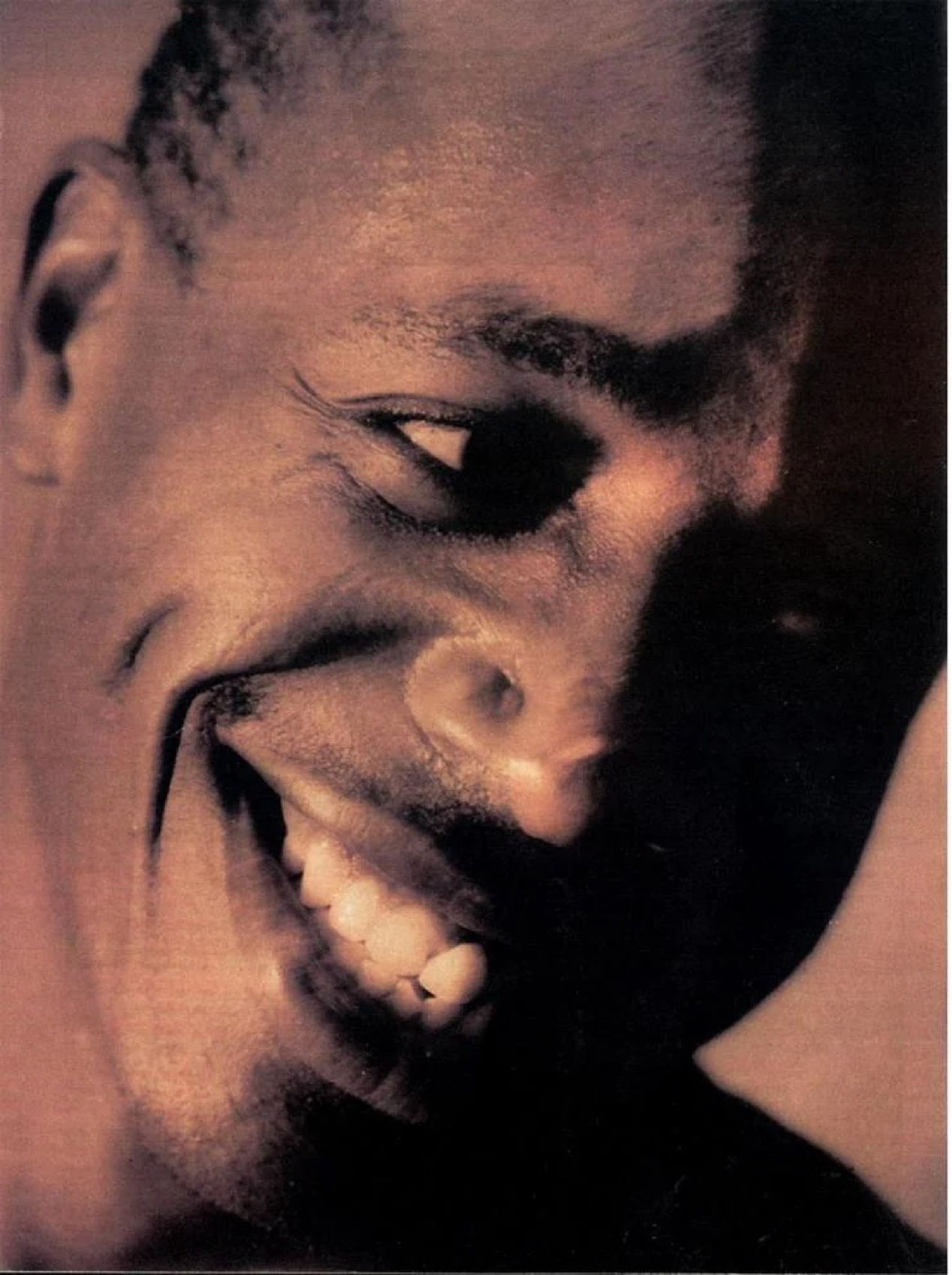
Alain: "Fui eu que inventei o nome. Não me lembro como. Só sei que é ótimo".

Lard

Une o Ministry e Jello Biafra, ex-líder do Dead Kennedys. Lançou os LPs *The Power Of Lard* e *The Last Temptation Of Reid*, ambos pela Alternative Tentacles, gravadora do Jello. É hardcore, bem menos eletrônico que o Ministry. As letras são politizadas no melhor estilo de Dead Kennedys.

Paul: "Jello queria fazer música sem ter nenhum compromisso com uma banda. Um dia ele estava em Chicago. Simplesmente nos reunimos, pegamos trechos de músicas que não tínhamos usado, juntamos com algumas coisas que Jello tinha e gravamos o LP. Ficou tão bom que resolvemos gravar o EP".

Alain: "A alma do Lard é Jello Biafra".



Hammer explica por que tirou o *MC* do nome, diz que no novo

O JUSTO MARTELO DE DEUS

disco se revela um artista e chama Michael Jackson para o pau

M.C. Hammer morreu. Vida longa a Hammer. "M.C. todo mundo é", argumenta o dono do nome com disposição total, mesmo depois de ter passado a noite em claro editando dois videoclips. "As pessoas não se tocam de que M.C. — que significa Mestre-de-Cerimônias — é o (prefixo do) nome de todo e qualquer rapper. Chuck D., do Public Enemy, é M.C. Chuck D., Eazy E. é M.C. Eazy E. Se todos nós estivéssemos numa festa e alguém chamasse 'ei, M.C.', todo mundo virava para responder."

Tanta explicação não neutraliza por completo a surpresa causada pela supressão do M.C. Mas Hammer não acabou de detalhar sua tese ainda. "É como no Exército", ele prossegue, cada vez mais animado com o assunto. "Se você for um maquinista no Exército você vira Maquinista Hammer, não é verdade? Mas ninguém se espanta quando você se apresenta como o Hammer; ninguém pergunta, 'ué, e o Maquinista?'. Então, daqui por diante, sou Hammer. Se quiser, pode colocar um 'The' antes."

Uma simples audição de *Too Legit To Quit* — o terceiro álbum de Hammer — sugere que a tosada do M.C. tem mais a ver com os caminhos artísticos que Hammer pretende tomar do que com um simples temor de generalização. É o primeiro disco de Hammer sem sampling. É um disco de rap que quase não tem rap — Hammer recita as letras, exagerando nos erres. É uma caminhada deliberada para longe das convenções do rap, em direção a um campo de ação mais amplo que o permite transitar entre o gospel, o soul e o r & b. Com *Too Legit To Quit*, Hammer — o maior superastro do rap, com dezessete milhões de discos vendidos ao redor do planeta — está se afastando do rap.

"Rap é o que eu faço", explica-se Hammer numa suíte de hotel, dois dias depois da *premiere* do disco, lançado com um rega-bofe para executivos da indústria fonográfica e jornalistas do mundo inteiro num dos restaurantes mais exclusivos de Los Angeles, o Citrus. "Eu não canto, eu sou um rapper. Mas decerto não sou apenas um artista rap. Eu sou um artista. E as músicas (de *Too Legit To Quit*) são muito diferentes do que fiz antes. Se você pegar uma 'Livin' In A World Like This' ou uma 'Brothers Hang On' vai ver o lado artístico de Hammer."

Hammer está se referindo logo às duas canções que mais enfatizam a nova direção que está impondo a sua música, as canções que ele classifica de "message songs". A primeira é a narrativa na primeira pessoa de um homem decidindo se deve ou não assaltar uma loja — "peço a Deus que não tire a vida de ninguém" — para arranjar comida para seus filhos pequenos. Na segunda, Hammer prega paciência e cabeça fria à comunidade diante de uma total falta de perspectivas sociais e econômicas.

De quebra, Hammer também atualiza a clássica "(Tell Me) Why Can't We Live Together" — antigo hit de Timmy Thomas — e cumprimenta Marvin Gaye e o compositor Norman Whittfield (o mesmo de "I Heard It Through the Grapevine") na melodia de "Brothers Hang On".

H A M M E R

Mais de uma pessoa — cem, pela conta dele — já disseram a Hammer que consideram *Too Legit To Quit* o *What's Goin' On* dos anos 90, uma referência ao álbum marco de Marvin Gaye que conclamava a comunidade negra, em particular, e o mundo, em geral, a se olhar no espelho. "Eu posso vender apenas duas cópias desse disco", diz Hammer, "mas só esse comentário faz do álbum um tremendo sucesso para mim. Significa que as pessoas estão prestando atenção às mensagens do (meu) disco, porque a minha intenção era, mesmo, fazer um *What's Goin' On* para os anos 90".

Ele observa, entretanto, que a mesma temática do lado que poderíamos chamar "sombrio" de seu novo disco já era presente nos álbuns anteriores, e cita como exemplos "Help The Children", "Crime Story", "Let's Go Deeper", "Son Of The King" e a popularíssima "Pray". "A preocupação (social) sempre existiu, mas (nesse álbum) sequenciei as faixas de tal maneira que a estrutura torna mais óbvia a presença dessas canções. Esse tipo de coisa me parece mais memorável do que 'Go Hammer, go! go!', entendeu? Mas as faixas dançáveis estão lá e eu vou dançar até cair". Hammer prossegue, apontando para "Release The Pressure", "This Is The Way We Roll" e a faixa-título.

"Com esse disco eu quis mostrar, também, que existe um monte de música dentro de mim", diz Hammer, claramente lançando farpas na direção de quem atribuía o núcleo de seus hits a trechos sampleados de composições de outras pessoas — como Rick James —, e não ao talento do compositor de Hammer. "E não precisei sair em busca de produtores estabelecidos, de nome, como Jimmy Jam e Terry Lewis (que trabalharam recentemente nos dois últimos álbuns de Janet Jackson). Fiz esse disco com o mesmo cara com quem sempre trabalhei (Felton C. Pilate III, co-produtor, programador de bateria e compositor) e todas as músicas são tocadas por músicos de verdade; o meu naipe de metais, por exemplo, o The Horns Of Fire, era do Earth, Wind & Fire."

Outro aspecto de *Too Legit To Quit* que Hammer gosta de enfatizar é uma constante em sua carreira: o gospel. "Comecei como rapper de gospel, fazia parte do grupo The Holy Ghost Boys. No início eu não fazia nenhum rap que não fosse religioso, simplesmente não fazia. 'Pray' foi composta antes de eu ter sido contratado por uma gravadora." Hammer paga tributo a suas raízes ao convidar Tramaine Hawkins, mulher de Walter Hawkins (artista gospel que gravou o hit "Oh Happy Day"), para cantar em "Do Not Pass Me By".

Too Legit To Quit também apresenta ao mundo artistas que Hammer assinou em seu próprio selo, Bust It Records: os vocalistas Benito, Trina Johnson e Saja. Este álbum funciona como uma espécie de cartão de visitas para os álbuns que cada um deles lançará em 92.

Ele é lembrado dos dois desafios lançados duas noites antes da entrevista, defronte a platéia de convivas que lotava o Citrus, quando Hammer se propôs a vender cinqüenta milhões de cópias de *Too Legit To Quit* minutos antes de publicamente propor um duelo de shows com Michael Jackson: uma provocação dupla com o efebo enluvado, dono até agora do maior recorde de venda de discos existentes: as quarenta milhões de cópias do álbum *Thriller*. Não é dos objetivos mais alcançáveis. Um disco "sério" como *Too Legit...* tem poucas chances de se popularizar no mesmo patamar de *Thriller*. Ou talvez não passe de um golpe de publicidade. A curiosidade, no entanto, não sossega: que bronca é essa com Michael Jackson, afinal de contas?

"Pois é, não sei se é uma boa ficar falando abertamente desse número", Hammer raciocina. "Da outra vez não disse a ninguém que meu objetivo era vender sete milhões de discos. Se tivesse dito, hoje as pessoas estariam comentando 'pô, o cara tem a maior autoconfiança'. Mas não quero parecer fanfarrão. Só que sou uma pessoa muito ligada em alvos, em objetivos. E se existe uma boa oportunidade para superar (as vendas de) *Thriller*, essa oportunidade é agora. Não era na época em que saiu meu disco anterior nem será no próximo disco que eu lançar. É agora." Sim, Hammer, e o Michael Jackson, o que tem a ver com o pato?

"James Brown e eu sempre tivemos um relacionamento muito especial", emenda Hammer, prestes a detalhar as origens de uma possível desavença com Michael. De fato, Hammer estava na primeira fila assistindo ao primeiro show que o Godfather of Soul fez depois que saiu da cadeia. E os dois realizaram o especial *Influences* para a rede de TV a cabo norte-americana HBO, um interessante relato da influência (assumida) de Brown sobre Hammer. É de se imaginar que qualquer coisa relativa a James fale ao coração de Hammer.

"James e eu estávamos conversando uma noite dessas e ele me contou sobre a vez em que Michael Jackson o convidou para uma festa de entrega de um prêmio, um desses que Michael andou ganhando. James pensou que finalmente Michael iria admitir publicamente a influência de Brown sobre ele, que ele teria sido uma pessoa que havia inspirado a carreira de Jackson."

"Pois James foi a cerimônia. Michael subiu ao palco, pegou o microfone e disse: 'Senhoras e senhores, eu gostaria de prestar uma homenagem a um homem que foi uma das maiores inspirações da minha...'. A essa hora, James Brown já estava levantando para ir ao palco, ele também, quando Michael falou 'Jackie Wilson!'". Seria cômico se não fosse trágico. E Hammer faz questão de frisar a seriedade da história. "Garanto a você que James não me contou essa história como se ela fosse uma piada."

A proposta de Hammer é simples, mas ao mesmo tempo ousada: ele e Jackson, dançando e cantando lado a lado num mesmo palco. O "vencedor" do "duelo" seria determinado por um medidor de aplausos. "Deixa eu me colocar na terceira pessoa um pouquinho: se anunciassem um show de Hammer com Michael Jackson, eu pagaria o que fosse preciso para garantir o meu ingresso. Eu ia querer ver esse show."

A diatribe anti-Jackson (embora ele garanta que não há nada desrespeitoso em seu desafio: "Sempre fui o maior fã de Michael") prossegue quando se pergunta se Hammer não se sente intimidado pela fama de Michael Jackson. "Ele nem mais é o número um em vendas", Hammer contra-ataca. "O último disco dele (*Bad*) vendeu sete milhões de cópias. O meu vendeu dez! Por outro lado, tudo bem, ele está aí há 25 anos, eu sou um novato, comparado a ele. Então admito: 'Ok, você é o Rei'. Mas sou um desafiador à altura dele."

Hammer encerra a conversa num tom místico, talvez até surpreendentemente humilde para um homem na posição dele.

"Nada disso aconteceu por acaso", Hammer diz, fazendo um levantamento geral de sua carreira até o momento. "Cinco anos atrás eu pediria dez dólares emprestados a você para poder sobreviver. Hoje tenho 160 pessoas na minha folha de pagamento e sou responsável por elas o ano inteiro. Tudo que me aconteceu é uma bênção. É a única maneira que encontro para explicar." Hammer faz uma pausa. "Às vezes, acho que alguém vai chegar para mim e dizer 'mentira, nada disso é seu'."

JOSE EMILIO RONDEAU

"Posso vender só duas cópias do disco, mas ser comparado a Marvin Gaye já é um sucesso"

"Sou um novato comparado a Michael Jackson, mas também sou um desafiador à altura"

MARIAH CAREY

Como Mariah Carey é linda e namora o presidente da Sony Records, o fácil é catalogá-la como armação. O que é irrelevante: Diana Ross namorou o presidente da Motown, Berry Gordy, e ninguém põe em dúvida seu talento. É injustiça: embora seu primeiro álbum deixasse a desejar, era claro que ali havia voz para dar e vender.

Ela só precisava da produção certa, que encontrou em Robert Clivillés e David Cole, do C + C Music Factory, que produzem e compõem quatro faixas do seu segundo disco *Emotions*. A faixa-título (uma homenagem ao *girl group* dos 70, Emotions, basenda em seu clássico "Best Of My Love") foi número um na América. Para tornar de vez com os cínicos, Mariah ainda participa como co-autora na produção e composição de todas as músicas do disco.

B
A BELEZA PÕE A MESA

"É só um rostinho bonito...", reza o cliché metido a sério e ripongo. Desde o tempo em que Elvis falou "guitarra" pela primeira vez na vida, rostinhos bonitos são componente chave da música pop. O problema é que desde que *Sgt. Pepper's* foi parido e hippies feios tiveram seus quinze minutos, beleza demais (principalmente feminina) passou a ser associada com qualidade musical de menos.

Provavelmente há tanta gente bonita fazendo música ruim quanto gente feia. Concluindo, cada caso é um caso. 91 foi cheio deles, e aqui apresentamos os quatro melhores. Em comum, o fato de todas investirem no sensual-sexual obrigatório dos tempos dance-pop pós-Madonna.

Mas antes, olhe essas FOTOS!

CAMILO ROCHA

LISA STANSFIELD

Lisa aposta no time que está ganhando no seu novo disco. *Real Love* traz mais soul-pop — das baladas clássicas às *dance tracks* eficazes. Foi o que garantiu quatro milhões de cópias vendidas do seu anterior, *Affection*, e tem tudo para pegar de novo (o single "Change" já é um hit transatlântico).

Lisa continua compondo e produzindo tudo em parceria com Andy Morris e Ian Devaney, da sua ex-banda Blue Zone. Quem assistiu a sua aclamada apresentação no Rock In Rio conhece a qualidade do produto.

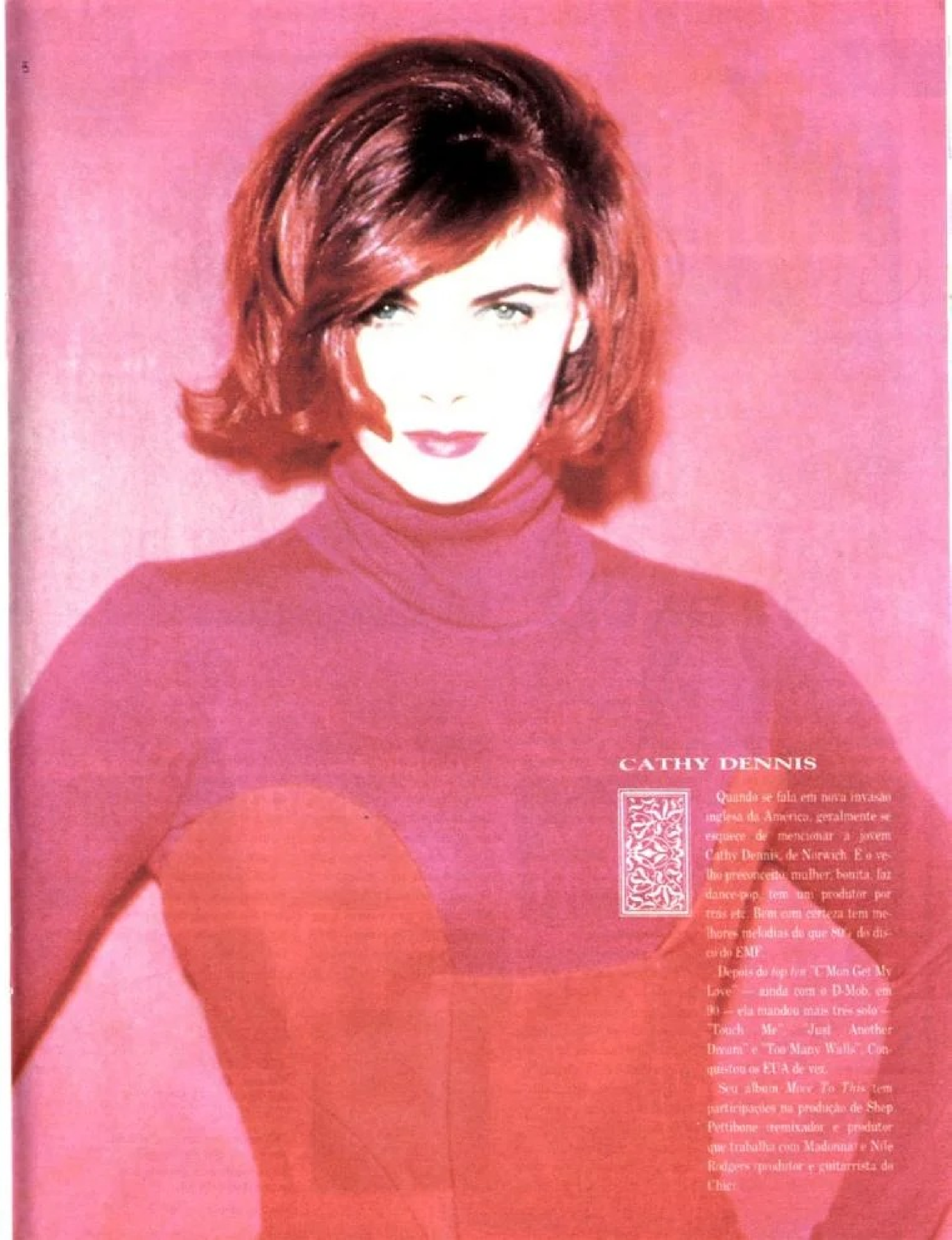
E para o bem dos nossos olhos ela trocou o cabelo lambidão com pega-rapaz por uma estonteante homenagem a Sophia Loren.

KYLIE MINOGUE

Ela mudou. Cresceu. Virou mulher chique, sexy e esperta. Controla ela mesma seu *look* e suas declarações apimentadas para a imprensa inglesa. So que e muito difícil fazer o mundo esquecer que ela era uma sonsa patricinha de shopping ate pouco tempo atras (apesar de "I Should Be So Lucky" ser um marco).

Os mais espertos já sublimaram o passado e estao embarcando no culto à nova Kylie Minogue. Ela ganhou capas na *Vogue* americana, *Face*, *i-D* e dezenas de materias laudatorias na imprensa musical inglesa.

Seu novo disco *Let's Get To It* ainda é produzido por Stock e Waterman (sem Aitken), mas desta vez ela tem voz ativa, da composição a produção. Entre as faixas está um dueto com o cantor de soul americano Keith Washington.



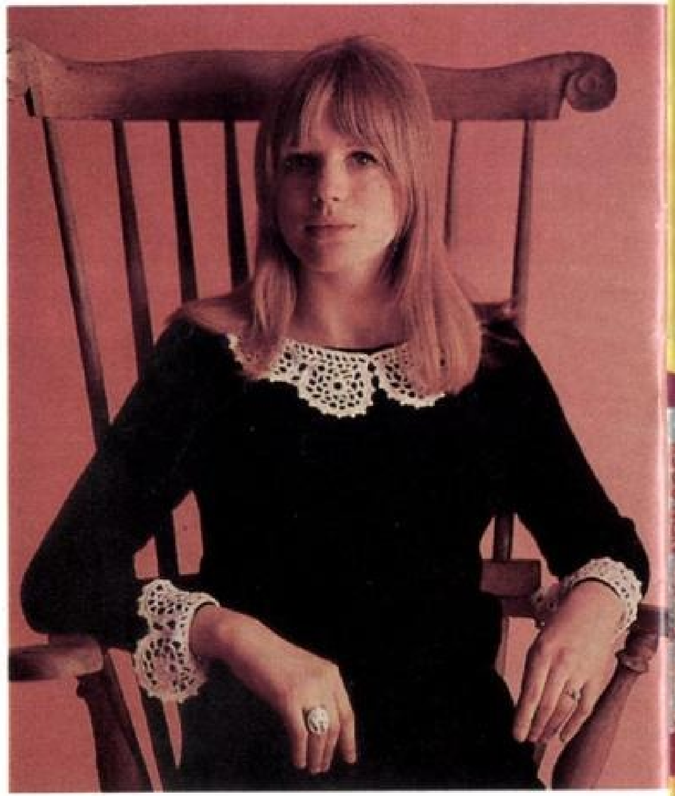
CATHY DENNIS

Quando se fala em nova invasão inglesa da America, geralmente se esquece de mencionar a jovem Cathy Dennis, de Norwich. E o velho preconceito, mulher bonita, faz dance-pop, tem um produtor por trás etc. Bem com certeza tem melhores melodias do que 80% do disco do EMF.

Depois do *top hit* "C'Mon Get My Love" — ainda com o D-Mob, em 90 — ela mandou mais tres solo — "Touch Me", "Just Another Dream" e "Too Many Walls". Conquistou os EUA de vez.

Seu album *Move To This* tem participações na produção de Shep Pettibone (remixador e produtor que trabalha com Madonna) e Nile Rodgers (produtor e guitarrista do Chic).

MARIANNE FAITHFULL



Ela é um caso raro na música pop. Uma artista que, mesmo com uma produção bissexta, é o tempo todo fascinante — jamais caindo no esquecimento, nunca saindo do foco de atenção do público e da crítica.

Há muito, desde os anos 60, sua voz perdeu o frescor e o encantador vibrato, para ganhar um registro rouco, gutural, fantasmagórico, cada vez mais acentuado. Como cantora e personalidade, Marianne é uma das mais interessantes do seu tempo. E, note-se, ela surgiu na fervilhante Londres dos anos 60, a das grandes revelações que transformaram a história da música popular ocidental.

Desde seu aparecimento, Marianne só fez chocar, começando por sua descendência nobre: seu tio-bisavô foi o infame Leopold Von Sacher-Masoch. Sua mãe é baronesa do ex-império austro-húngaro.

Uma aristocrata decadente no meio da escumalha *nouveau riche* do rock causou impacto: primeiro estupefação e deslumbramento, depois uma perseguição abjeta movida pela morbidez de certa imprensa rancorosa e cheia de preconceitos.

Marianne tudo fez na sua carreira de cantora, de modo diferente, pessoal e independente, completamente avessa a modismos. No início, enturmada na música beat, cantava *folk* acompanhada por violão.

No auge do sucesso trocou a música pelo teatro sério. Autêntica liberal, facilitou a imagem de anjo caído e libertina impingida pela opinião conservadora.

Como intérprete, começou gravando originalmente o hit "As Tears Go By", dos Rolling Stones, e prosseguiu estabelecendo colaborações com Andrew Oldham, Jackie DeShannon e Paul McCartney (fez a primeira cover de "Yesterday").

Gravou "Scarborough Fair" e "Spanish Is A Loving Tongue" antes de, respectivamente, Simon & Garfunkel e Bob Dylan. E ainda várias canções de Donovan, antes de ficarem famosas na voz do autor. Sua "Sister Morphine" antecedeu a dos Stones em três anos.

Uma série de crises — culminando em tentativa de suicídio — e o uso de drogas praticamente encerraram sua carreira no início dos anos 70. Depois fez várias tentativas frustradas de voltar, já recuperada do ciclo das drogas pesadas, mas acumulando um fascínio doentio pela morte. Só fomos assistir a seu verdadeiro ressurgimento em 79, com o incrível LP *Broken English*, um dos mais ousados e melhores discos já concebidos. A temática, passando por terrorismo, autodestruição, pornografia explícita e suicídio, pregou um susto em todo mundo e fez com que Marianne voltasse ao sucesso.

Doze anos e apenas quatro álbuns depois, espera-se que a qualquer momento ela reapareça e, de novo, nos encante. Lá fora, pelo menos, a espera pode ser atenuada com o vídeo *Blazin' Away* (de sua última turnê, em 89/90) e a recém-lançada biografia *As Tears Go By*.

Cada disco seu tem algo forte, chocante, novo ou surpreendente. Tem sido assim desde seu primeiro single, e lá se vão mais de 25 anos! Definitivamente, Marianne Faithfull é única. *RENÉ FERRI*

DISCOGRAFIA SELECIONADA

BROKEN ENGLISH
(Island, 79)
AS TEARS GO BY
(Decca, 81)

LPs editados na Inglaterra. *As Tears Go By* compila suas melhores gravações entre 1964-1969.

Ref. 277 Ref. 266 Ref. 267 Ref. 263 Ref. 270 Ref. 282 Ref. 269
Ref. 272 Ref. 278 Ref. 276 Ref. 280 Ref. 275 Ref. 268 Ref. 279
PREÇOS VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO DA REVISTA.

LANÇAMENTO!
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
NEW ROCK
FONE: (011) 280-2952
As bermudas (BM) e as calças (CL) estão disponíveis nos tamanhos M e G, nas seguintes referências:
BM1 CL1 : METALLICA
BM2 CL2 : GUNS N'ROSES
BM3 CL3 : FAITH NO MORE
BM4 CL4 : IRON MAIDEN
BM5 CL5 : CAVEIRAS
BM6 CL6 : SKID ROW
BM7 CL7 : SEPULTURA
PREÇOS
Manga Curta (MG) Cr$ 14.500,00
Manga Longa (ML) Cr$ 18.500,00
Blusão Moleton (MT) Cr$ 25.000,00
Calça Moleton (CL) Cr$ 22.000,00
Bermuda (BM) Cr$ 14.500,00
Ref. 273

Ref. 281 Ref. 246 Ref. 264 Ref. 283 Ref. 244 Ref. 242 Ref. 240
Ref. 258 Ref. 257 Ref. 218 Ref. 162 Ref. 249 Ref. 251 Ref. 256
Ref. 215 Ref. 252 Ref. 255 Ref. 193 Ref. 180 Ref. 200 Ref. 032

PROMOÇÃO DE NATAL Compre acima de Cr$ 50.000,00 e ganhe uma camiseta com estampa NEW ROCK.
Como comprar: Sedex a cobrar (entrega urgente)
- Envie o cupom ao lado corretamente preenchido para NEW ROCK: Rua Capote Valente, 242 - CEP 05409 - São Paulo - SP.
- Junto de seu pedido, deve ser enviado um "cheque nominal" à NEW ROCK, no valor de Cr$ 3.500,00 (preço médio das despesas de Sedex). Esse valor varia de acordo com o peso, localidade e valor de compra.
- O Correio mandará um "aviso de chegada" entre 8 e 15 dias, após o envio de sua carta.
- Você tem o prazo de 7 dias corridos para retirar a encomenda no Correio, após receber este aviso.
- A encomenda só é pega ao ser retirada no Correio.

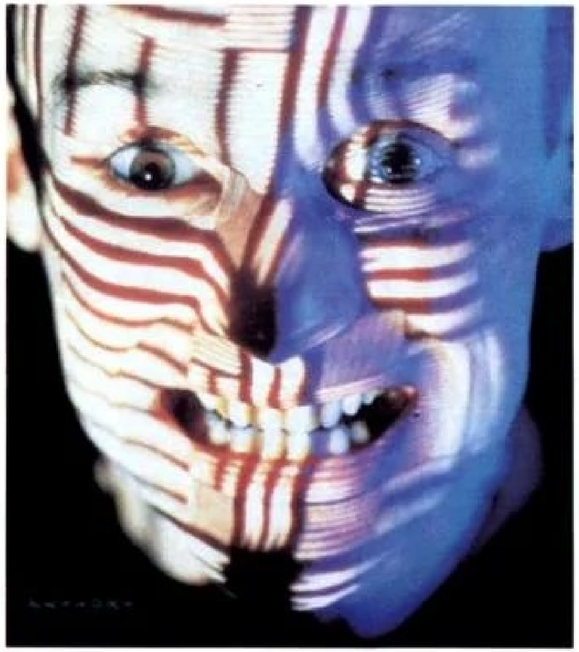
"SÓ ATENDEREMOS SEU PEDIDO SE AS DESPESAS DO SEDEX FOREM ANTECIPADAMENTE PAGAS".

TAMANHOS: P, M e G
BIZZ-79
Total da Compra Cr$:
Nome:
End.:
Nº:
CEP: Fone:
Cidade: Est.:
RG: Assinatura:

Mod.	Ref.	Cor	Tam.

NEW ROCK - RUA CAPOTE VALENTE, 242 - CEP 05409 - SÃO PAULO - SP - FONE: (011) 280-2952

TECNO TOMA CONTROLE



Neste período de entressafra, em que a dance music pouco consegue produzir de memorável ou original, a tendência mais forte disparado, é o tecno.

Quando esta coluna detectou, no começo de 91, a primeira explosão do tecno, nunca se imaginou o monstro em que ele viria a se transformar no final do ano passado.

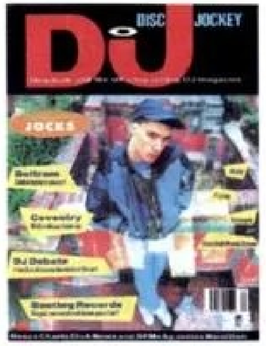
A cibernética e demente trilha das *raves* inglesas e clubes europeus foi continuamente ignorada por ser considerada de mau gosto, aberração da dance, antimúsica e nada criativa. Mas no segundo semestre não havia mais como.

Milhões de adolescentes europeus estavam batendo cabeças ao som das máquinas. A parada inglesa registrou uma torrente de singles do gênero: nomes como Prodigy, N-Joi, Bassheads, Altern 8, Bizarre Inc, Moby e Shades Of Rhythm chegaram ao *top ten* sem nenhuma execução em rádio, apoiados apenas no êxito das pistas.

E quando a *Billboard* — principal farol do mainstream americano — dedica matéria com chamada de capa para o fenômeno é porque a coisa ficou grande *mesmo*. O rumor é que as gravadoras dos EUA estão famintas atrás da legião tecno.

Na Inglaterra, Bélgica e Alemanha, o underground não pára de ferver com lançamentos. Discos feitos com tecnologia fora de linha e barata, mas com o espírito no ano 2001.

Para você não se perder nas engrenagens, aqui vai um guia do tecno:



PROCEDÊNCIA EUA (Detroit e Nova York); Inglaterra (Leeds, Stafford e Sheffield); Bélgica (todo o país) e Alemanha (especialmente Frankfurt).

INFLUÊNCIAS Kraftwerk, Cabaret Voltaire, Can, Giorgio Moroder, Cybotron, Afrika Bambaataa; um monte de coisas da fase *electro* do rap/dance, Mantronix, house, tecno de Detroit; eletronic body music.

SOM Radicalmente eletrônico, claro. Base rítmica nervosa e pesada, acima de 125 bpm. Samples (tanto de desenho animado como de algum grito de ordem) no refrão-gancho. Empréstimo de coisas improváveis ("Assim Falou Zaratustra", tema de *Twin Peaks*). Sons e timbres mecânico-industriais (sinal de secretária eletrônica, martelo na bigorna). Clima sombrio e opressivo. Ausência de melodia.

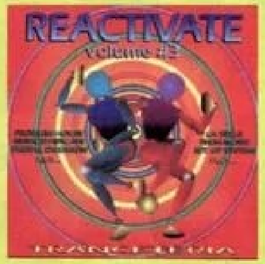
TEMÁTICA Como não existem letras, os temas estão expressos principalmente nos nomes dos grupos. A fixação pelo futuro marca as três vertentes básicas: tecnologia (808 State, Fortran 5, Rhythmatic, LFO — Low Frequency Oscilator —, Quadrophonia, Model 500), cultura corporativa (GTO, Bizarre Inc, Photon Inc) e ficção científica — geralmente cyberpunk, tipo Ranxerox e *Blade Runner* — (Digital Orgasm, Orbital, Nexus 21, T99, K-Klass, Dream Frequency, Altern 8, "Mentasm", SL2, Human Resource, Second Phase, Cubik 22).

SELOS XL, Outer Rhythm, Inner Rhythm, R & S, Network, Warp, Underground Resistance, +8, React e alguma coisa da deConstruction.

PESSOAS Sim, existem. Garantias de qualidade tecno nos créditos dos discos: Joey Beltram e a dupla Tommy Musto & Frankie Bones, de Nova York; o triunvirato de Detroit (Derrick May, Kevin Saunderson e Juan Atkins); Frank De Wulf e WestBam.

CAMILO ROCHA

TECNOTECA



COMPILAÇÕES

Reactivate — The Belgian Techno Anthems Vols. 1, 2 e 3 (React)
Order To Dance (XL)
Retro Techno — Detroit Definitive (Network)
Recordings — The Second Chapter (XL)
Detroit Techno Compilation Vol.1 (10)
Biorhythms (Network)
Dance Madness And The Brooklyn Groove (deConstruction/BMG-Ariola) — coordenada por Tommy Musto e Frankie Bones; lançada no Brasil.

ÁLBUNS

90 e *Ex.El* 808 STATE (ZTT/Warner) — o primeiro saiu no Brasil.
Hot Lemonade (Rham) e *Automanikk* (CBS) A GUY CALLED GERALD
Frequencies LFO (Warp)
Qualquer coisa do Kraftwerk

RED HOT CHILI PEPPERS

GIVE IT AWAY

(Red Hot Chili Peppers)

DÊ

What I've got you've got to give it to your mamma
what I've got you've got to give it to your pappa
what I've got you've got to give it to your daughter
you do a little dance and then you drink a little water

O que eu tenho você tem de dar para sua mamãe
o que eu tenho você tem de dar para seu papai
o que eu tenho você tem de dar para sua irmã
você faz uma dancinha e daí bebe uma aguinha

What I've got you've got to get it put it in you (3x)
reeling with the feeling don't stop continue

O que eu tenho você tem de arrumar e pôr em você (3x)
cambaleando com o sentimento, não pare, continue

refrão
Give it away give it away give it away give it away now (3x)
I can't tell you if a I'm a kingpin or a pauper

refrão
Dê dê dê dê já (3x)
não sei te dizer se sou um mandachuva ou um pobretão

Greedy little people in a sea of distress
keep your more to receive your less
unimpressed by material excess
love is free love me say hell yes

Criaturinhas mesquinhas num mar de angústia
mantém seu mais para receber seu menos
não me impressiono com excesso material
o amor é de graça, me ame, diga sim!

I'm a lowbrow but I rock a little know how
no time for the piggies or the hoosegow
get smart get down with the pow wow
never been a better time than right now

Sou burro mas eu tenho o know-how do rock
não tenho tempo para os porcos ou a cadeia
fique esperto, entre nessa
nunca houve um tempo melhor que agora

Bob Marley poet and a prophet
Bob Marley taught me how to off it
Bob Marley walking like he talk it
goodness me can't you see I'm gonna cough it

Bob Marley poeta e profeta
Bob Marley me ensinou como se faz
Bob Marley fazia o que dizia
Oh meu deus, você não vê, eu vou tossir

refrão

refrão

Lucky me summin' in my ability
dancin' down on life with agility
come and drink it up from my fertility
blessed with a bucket of lucky mobility

Sou sortudo conclamando minha habilidade
dançando pela vida com agilidade
venha e beba minha fertilidade
abençoado com um balde de mobilidade sortuda

My mom I love her cause she love me
long gone are the times when she scrub me
feelin' good my brother gonna hug me
drink my juice young love chug-a-lug me

Amo minha mãe porque ela me ama
o tempo que ela me esfregava ficou no passado
me sinto bem, meu irmão vai me abraçar
beba meu suco meu jovem amorzinho

There's a river born to be a giver
keep you warm won't let you shiver
his heart is never gonna wither
come on everybody time to deliver

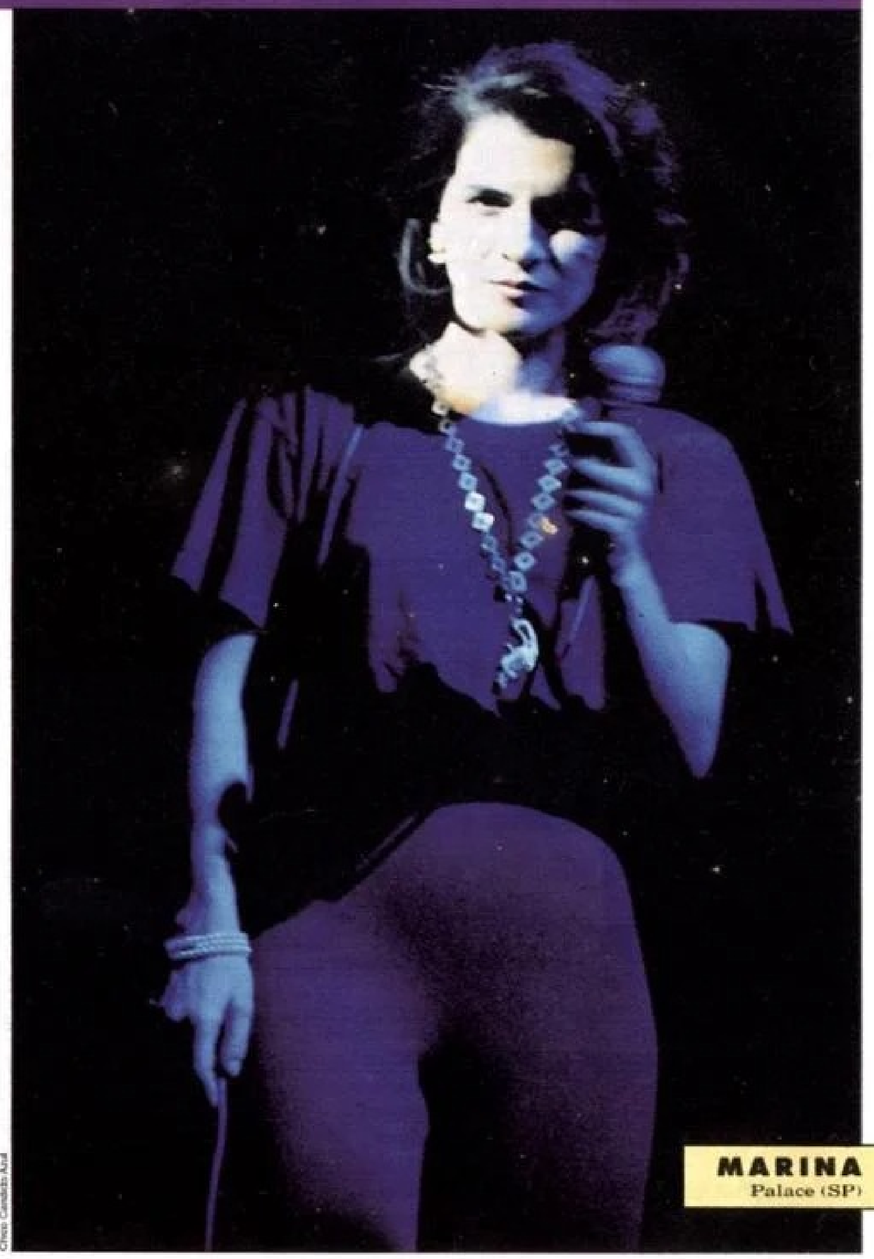
Há um rio nascido para doar
te mantém quentinho, não deixo arrepiar
seu coração nunca vai definhar
vamos todo mundo — hora de comparecer

refrão

refrão

(Todos os direitos reservados)

Ao vivo



Chico Candido Azul

MARINA
Palace (SP)

"Linda!", grita excitada uma garota do camarote. "Tesão!, proclama um rapaz nas mesas da frente. Um outro vai mais longe: aproxima-se do palco e dá à cantora um buquê de rosas. O clima é de pura adoração: meninos e meninas contemplam os contornos do corpo de Marina, à mostra pela blusa transparente ou sugerido nas calças justíssimas. Ela tem o público nas mãos, e sabe disso.

"Faça alguma coisa!", penso furiosamente. Cante algo que nos faça querer arrebentar as mesas e cadeiras deste lugar, dançar alucinadamente, gritar... Ou então algo suavemente emocionante, capaz de provocar lágrimas ou sorrisos discretos.

"A próxima música que eu vou cantar fala de emoções, e foi composta por Roberto Carlos..." Anaaargh! OK, você venceu, desisto. É que por um momento eu me deixei levar por aquela voz...

Em "Ideologia", ela esteve sublime, acompanhada apenas pelos teclados de Mu (ex-A Cor Do Som). Também havia conseguido hipnotizar o público em "Eu Não Sei Dançar" — sentada no chão, absolutamente *cool*, a voz se desdobrando em dois timbres, um momento de perfeição.

Durou pouco. Os versos insípidos de "Acontecimentos" nos trouxeram de volta à realidade. Uma realidade feita de composições medíocres ao lado do irmão Antonio Cícero — com raríssimas exceções, como as belas imagens de "Virgem" — e de escolhas desastrosas de repertório — "Uma Noite E 1/2" (um bom "jingle" de Renato Rocketh) e "Grávida" (uma das piores letras de Arnaldo Antunes) são só os exemplos mais gritantes.

Nem toda a produção do planeta — e olha que, para nossos padrões, está caprichadíssima — seria capaz de diminuir minha decepção. Se o que ela queria era tranformar-se em mais uma cantora brega-chique conseguiu. Sua maior rival nesse campo é Marisa Monte, que perde em *sex appeal*. Mas se tinha alguma pretensão de se estabelecer como uma boa cantora pop, com tráfego livre entre a dance e o rock, passou longe. Faltou convicção (especialmente no caso da dance), boas idéias, bom gosto. E uma senhora dose de ousadia.

MARISA ADAN GIL

THE CULT
Ginásio do Ibirapuera (SP)

Rui Mendes Azul

Uma das regras básicas num show de hard rock seguidas por todo fã que se preze (ou que não preze nem um pouco a integridade física) é fazer parte da turma do gargarejo, pular o quanto possível e se cuidar para sair inteiro.

Seguindo tal princípio à risca, lá fui eu para o Ibira com a incumbência de última hora de cobrir o show do Cult, uma banda que até cinco anos atrás freqüentava direto o prato do meu toca-discos, mas que até o lançamento de *Ceremony* marcava bem mais presença no meu subconsciente.

Com o cancelamento de todas as outras datas de apresentações, era de se esperar que tivesse bastante gente no ginásio. Bastante? Aquilo não entupia tanto desde o show do Cure em 87. Não é preciso dizer o quanto fui pisado e cotovelado até chegar lá na frente.

Ou quase: a barreira que separava a pista serviu de base de observação. Serviu também de catapulta para quem se aventurava ao esmagamento adiante. E era tanta gente pulando da arquibancada para a pista e dai para frente que não havia segurança que desse conta.

Passado o costumeiro atraso de uma hora, uma batida indígena estranhamente sintetizada anuncia a noite brasileira de *Ceremonial Stomp* — a turnê ressuscitadora do Cult. Como convinha, o show abre com a faixa-título do último álbum. "Lil' Devil" entra em seguida e a onda humana começa a ficar mais violenta até detonar a pista de separação e acabar com a pista VIP (além de acabar com a festa mais cedo para muito neguinho que saiu sangrando).

A cerimônia continua e percebo que grande parte do público desconhece o último disco. Quando tocam a baladona "Edie (Ciao Baby!" todo mundo levanta os braços — dando a impressão esquisita de algum show do Queen. Logo após entra "White", o declamado protesto pró-indígena de *Ceremony*, e passa quase ignorada.

Dá para respirar um pouco, mas o pau volta a comer com "Rain", "Nirvana" e outros sucessos antigos. No solo dos músicos nota-se que *há* músicos acompanhando os dois.

Depois de "Love Removal Machine" volta a batida indo-hipnótica e a esperança de um terceiro bis, que não acontece. Mesmo assim, dão a impressão de missão cumprida. Nem o constante entra-e-sai de músicos nem as posições cada vez mais antípodas de Astbury e Duffy conseguiram destruir o som do Cult. E a aprovação estava no rosto do público: arrebentado e feliz.

É claro que quem estava esperando as gotiquices de *Dreamtime* saiu meio decepcionado. Mas talvez algumas coisas fiquem melhor no subconsciente.

JOSÉ JÚLIO DO ESPÍRITO SANTO

PINK FLOYD
Live At Pompeii
Direção: Adrian Maben. 1972-1991. (80 min., hi-fi stereo, PolyGram)

Rock movie clássico. Nas ruínas de Pompéia, congelada no tempo pela erupção do vulcão Vesúvio, o Pink Floyd vive seu segundo apogeu. O *space sound* do grupo (que já vinha de algumas associações com o cinema de invenção, fazendo trilha para *Zabriskie Point* e *More*) é magnificamente cortado com o cenário surreal: colunas, vapores, afrescos, esculturas, lava. Tudo em longos *travellings* e flashes súbitos, o estilo pós-psicodélico de montagem. Um clipaço.

A nova versão do filme traz vinte minutos de *takes* inéditos, das gravações de *The Dark Side Of The Moon*. Quebra um pouco a magia do original, mas acrescenta muito em informação. *A.A.*

THE CURE
In Orange
Direção: Tim Pope. 1987. (113 min., hi-fi stereo. PolyGram)

Filmado em 35 mm., no antigo anfiteatro de Orange, na Côte D'Azur, França, no verão de 87. Ao contrário dos desvairados clips que o celebrizaram, aqui a direção de Pope é comportada demais, preocupada no registro do show sem cortes. Quem não é aficionado talvez se canse das 23 canções, mas há bons momentos: da exótica "Kyoto Song" à deprê "Sinking", ou sucessos ainda resistentes como "In Between Days" e "Killing An Arab". *A.C.M.*

FAITH NO MORE
You Fat Bastards
Direção: John Booth (60min., hi-fi stereo. PolyGram)

Das mesmas apresentações que renderam o álbum *Live At The Brixton Academy*, Londres. O Fenemê, em grande forma, só dá uma pisada de leve na chatinha "Edge Of The World", com público cantando junto, dedinhos estalando e piano de cabaré. Mas a seqüência final ("We Care A lot", "Epic", "Woodpecker From Mars", "Zombie Eaters", "War Pigs") não deixa pedra sobre pedra. *A.A.*

VÁRIOS
Two Rooms (Celebrating The Songs Of Elton John & Bernie Taupin)
Direção: Lorna Dickinson e Claudia Rosencrantz. 1991 (90 min., hi-fi stereo. PolyGram)

Quem estiver atrás das canções na íntegra deve preferir o álbum homônimo, já que no vídeo há apenas trechos. Em meio aos depoimentos da dupla e de colegas-admiradores, como Eric Clapton, Phil Collins, Sting, Tina Turner, Neil Young e, surpresa, Axl Rose e Sinéad O'Connor. Pré-históricos takes de Elton e reveladores detalhes da vida e carreira do "casal" devem fazer furor. *A.C.M.*

OZZY OSBOURNE
Don't Blame Me
Direção: Jeb Brien. 1991. (100 min., hi-fi stereo. SMV)

Rockumentário básico para fãs de Ozzy e do Black Sabbath. Instalado numa poltrona de sua casa (burguesa), um magro e rejuvenescido Osbourne conta em detalhes sua atribulada carreira.

Trechos dos primeiros shows do Sabbath, depoimentos de colegas ou seguidores, como Alice Cooper, Jon Bon Jovi, Lemmy, Lars Ulrich, Bill Ward; raras seqüências com o guitarrista Randy Rhoads no palco; e até cenas da gravação do recente álbum solo *No More Tears* dão uma geral no trajeto de um dos pais do hard rock.

Também tem escândalos como o sacrifício, ao vivo e com os dentes, de um morcego e de um pombo. E uma mijada no histórico Forte Álamo... Ozzy, esta é a sua vida. *C.E.M.*

ERIC CLAPTON
The Cream Of...
Direção: vários. 1989. (75 min., hi-fi stereo. PolyGram)

A música com os Yardbirds, "Louise" (de uma aparição na TV, em 64) e os cinco raros registros do fenomenal Cream ("Crossroads", " I Feel Free", "Sunshine On Your Love", "Strange Brew" e "White Room") valem pelo vídeo. As onze restantes, com algumas exceções, trazem o pop burocrático e bundão de Clapton a partir de meados dos 70. É material quase todo de shows entre 85 e 88, as infladas bandas às vezes com duas baterias e dois teclados.

De qualquer forma ainda se salvam do desastre uma versão de "Badge" (85); o encontro com Buddy Guy; a clássica "Layla" (Live Aid e um show de 88) e "I Shot The Sheriff" — 87, com um grupo (?) de jamaicanos. *A.C.M.*

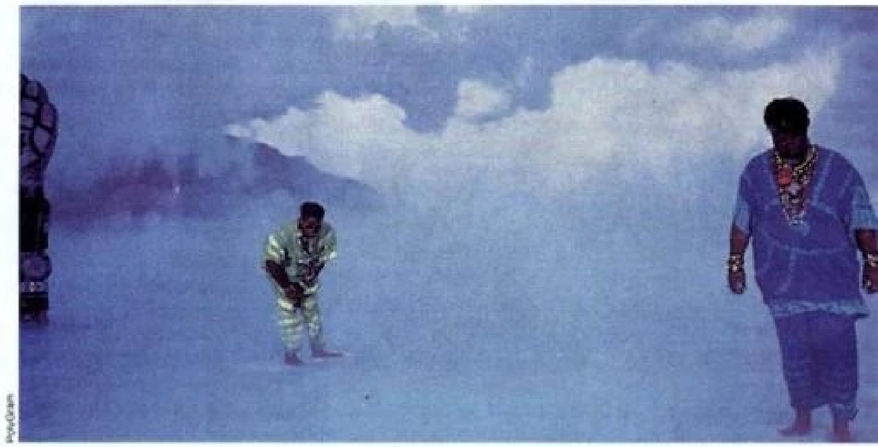
IMPORTADOS

JERRY LEE LEWIS *The Story Of The Rock'N'Roll* **LITTLE RICHARD** *Keep On Rockin'* (EUA, 1969-1991, BMG) Ambos os vídeos tratam das mesmas sessões de filmagens feitas por D.A. Pennebaker no Toronto Peace Festival, realizado em 69 no Canadá. Assim como *Rock'N'Roll Music*, de Chuck Berry (já resenhado na BIZZ 76), seus dois colegas *rockers* dos anos 50 defrontam-se aqui com um público da geração *power flower*, conseguindo ainda cativar com seu rock'n'roll. *C.P.*

DISCOS

OF THE HEART, OF THE SOUL AND OF THE CROSS: THE UTOPIAN EXPERIENCE
P.M. Dawn
(Gee Street/PolyGram)

UNKNOWN TERRITORY
Bomb The Bass
(Rhythm King/Sony)



PolyGram

Velha e boa música pop. Quando tudo parece perdido (ou "já ouvido"), a Fênix decola do lixão e desova um ano como 91. O milagre maior pertence a bandas como o Nirvana, extraindo suco da santíssima-velhíssima trindade Baixo, Guitarra & Bateria. Mas isto é apenas rock'n'roll e, depois de uma certa idade (sinto muito), essas overdoses de testosterona ficam inaudíveis. Exceto uma noite por ano em que você bebe demais e, sem querer, volta às raízes (Mesmo assim, o mais provável nesses casos, considerando sua idade, é tirar a poeira de um disco do Led Zeppelin, ou Velvet, Stooges, Ramones, Cramps etc.)

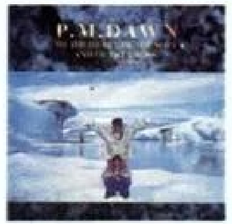
De volta, então, à safra dourada de 91. O pop eletrônico para pista de dança não só recuperou a maestria "ritmo + bruxaria de estúdio" da *disco*, como um preciosismo em vocal e melodia que não se ouvia desde a era de Phil Spector e da Motown. Enfim, um ano de revelações como Massive Attack, Young Disciples, Definition Of Sound e P.M. Dawn (mais sobre eles já, já) é de lamber os beiços. Surpreendente que um dos melhores lançamentos venha de um veterano.

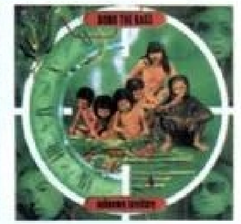
Tim Simenon era um moleque de dezenove anos quando lançou — em 88, sob o codinome Bomb The Bass — o compacto "Beat Dis". Só que tinha três anos de discotecagem nas costas. Arrombou o *Hot 100* da *Billboard* com seu techno de fundo de quintal, virou símbolo do DJ-como-artista, fez uma cover de Burt Bacharach soar melhor que a original e seu LP *Into The Dragon*, uma das maiores obras-primas dos 80, fica melhor a cada ano que passa (experimente!). Outra maravilha da década, "Buffalo Stance" (Neneh Cherry), tem a sua assinatura escancarada em cada sulco.

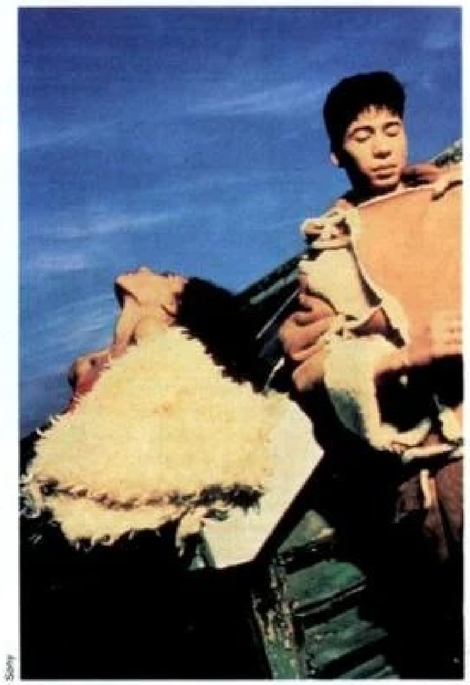
Ai, fora um e outro trabalho de mixagem e produção, o prodígio sumiu. Ou melhor, entrou para a faculdade (de engenharia acústica) e — em vez de cocaína, limusines, Armani e Yamamoto — montou um megaestúdio em casa. No universo dance, um sumiço de três anos equivale a suicídio. Mas *Unknown Territory* paga as apostas de quem via, no moleque, talento do nível de um Phil Spector. Bem menos pop do que o golpe de mestre ... *The Dragon*, este é uma porrada de gênio em mil camadas de contraponto e polirritmia — assim pode soar ridiculamente "técnico", mas o efeito sensorial pediria metáforas mais ridículas ainda. Baixos bomba-atômica, guitarras *rotorooter*, sampleagem às navalhadas etc. etc. É melhor ficar quieto e ouvir.

Enquanto isso, do outro lado do Atlântico, o P.M. Dawn aparece para engrossar as fileiras do hip hop maluco beleza, abertas por De La Soul e Digital Underground. Só que dá de dez nos antecessores em quesitos básicos como melodia e refrão. O clássico instantâneo "Set Adrift...", todo mundo conhece. Difícil é acreditar que o resto do álbum mantenha o nível. Mas, da "Intro" com o sample de Chick Corea ao langor Marvin Gaye de "Paper Doll", Prince Be e DJ Minutemix fazem o "disco de estréia" do ano (o concorrente principal, *Blue Lines* do Massive Attack, não foi lançado aqui por pura burrice, já que os clips rolam direto na MTV).

JOSÉ AUGUSTO LEMOS







Sony

ACHTUNG BABY
U2 (Island/PolyGram) 📼 💿

O U2 vai lançar disco novo. Tá tá tá. O disco chama *Achtung Baby*... Ops! "Te Cuida Nenem" parece coisa do Kojak, não de um grupo que até então batizava seus manifestos com títulos de inspiração bíblica ou coisa parecida (*The Joshua Tree, Rattle And Hum, The Unforgettable Fire*).

Aí tinha. De fato, os irlandeses que atravessavam os anos 80 carregando a cruz da Decência e da Boa Vontade Entre Os Homens perceberam que, pouco a pouco, a responsa ia sugando sua inspiração — ainda que lhes rendesse os tubos.

O U2 escreve sua história por linhas tortas. Continuo insistindo em que o subestimado LP *October*, de 81 (que sucedeu a bem-vinda estréia de *Boy* e antecipou a vigorosa beleza de *War*), é ao mesmo tempo um bom disco e um ponto de interrogação.

A dramaticidade derramada (eu diria pieguice, mas vá lá) do ao vivo *Under The Red Blood Sky* é que abriu a trip messiânica dos caras. Tendência que eles tentaram compensar trabalhando com Brian Eno e Daniel Lanois — dois produtores sutis, ao contrário do bombástico Steve Lillywhite que os elevou às paradas. Mas aí o *élan* dos primeiros discos já era. O cordeiro foi para o brejo. A revisitação das raízes (raízes de quem, cara pálida?) americanas em *Rattle And Hum*, o álbum duplo e o filme pareciam puro *merchandising* crente.

E eis que, dez anos depois, eles fizeram a coisa certa. Trocaram a Dublin da "guerra santa" pela Berlim velha-de-guerra, botaram *todos* os produtores no mesmo saco (mais o genial engenheiro de som Flood, dos discos do Depeche Mode) e cometeram um troço meio pesado, meio dançante, meio apaixonado: pós-punk tardio, dúbio como o rock tem que ser.

Mas o susto, ao fim e ao cabo, nem é tão grande. Superado o apavoro das guitarras e vozes saturadas de "The Fly" ou "Zoo Station", é sempre o bom U2 de Bono, The Edge e Cia. (confira o segundo *single*, "Misterious Ways"). Honesto, ainda que menos inocente.

ALEX ANTUNES

SUPLA
(Emi-Odeon) 📼

Este é não só um dos melhores discos de rock lançados em 91, é um dos melhores discos de rock já produzidos no Brasil. A banda é de primeira: os irmãos Busic (ex-Taffo) na cozinha e Eduardo Ardanuy (ex-Anjos da Noite) na guitarra. O produtor é o João Barone — que devia largar os Paralamas para o Herbert e virar produtor profissional de rock, o cara é bom para caramba. Resultado: puro rock'n'roll moleque, alto-astral e desencanado, temperado por duas baladas ("Break The Ice" e "Você Só Pensa Na Fama"). É o disco do verão disparado, confirmando o que eu falava um tempo atrás e tinha que aguentar pagações infindas: o Supla é legal. *A.F.*

STRANGER IN THIS TOWN
Richie Sambora (Mercury/PolyGram) 📼 💿

OK, deve se dar o devido desconto. Afinal, este disco é mais suportável que o arenão glacê do Bon Jovi ou Jon solo posando de cowboy-de-butique em *Young Guns II*. Mesmo assim, não dá para encarar. Sambora até que tentou sair da sombra do seu grupo segurando os pegados de Jimmy Page ("Rest In Peace") e Mark Knopfler ("River of Love"), além de ter conseguido Eric Clapton para imputar credibilidade a "Mr. Bluesman". De pouco adiantou: as vãs tentativas esbarraram nos clichês *bonjovianos* de músicas como "Rosie" (co-escrita com Jon), "Father Time" (em parceria com o horrendo Desmond Child) e o xaroposa faixa-título. *C.P.*

DISCIPLINE
Desmond Child (Elektra/Warner) 📼 💿

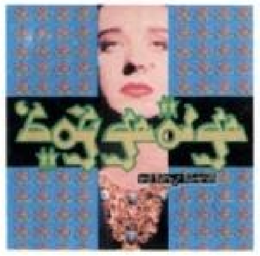
Depois de produzir e compor para gente tão díspar quanto Bonnie Tyler e Megadeth, este pezão-de-boi do pop americano volta a vender seu próprio peixe. Só que *Discipline* prova que ele não está tão fresco assim. Os vocais esgoelados, mas afinadinhos, e os arranjos ultra-previsíveis tornam as faixas indistintas. É só ouvir "The Price Of Loving You" e "The Gift Of Love": parecem trilha de comerciais de cigarros. Ao sucesso? *J.J.E.S.*

DESCIVILIZAÇÃO
Biquini Cavadão (Polydor/PolyGram) 📼

Dentre os árduos combates que já travei na redação — insistindo em que DuranDuran e Lulu Santos, por exemplo, são o máximo —, a defesa do Biquini Cavadão é a que mais parece causa perdida. Juro por Deus que lá nos recônditos da sofisticadíssima discoteca estão o LP *Idade Da Incerteza* e os promos de "Tédio" e "Mundo Da Lua". Mas os caras não ajudam. Letras cada vez mais burras, empatando com Plebe, Não Religião e o anúncio da *Veja*, e som pouco inspirado. *A.A.*

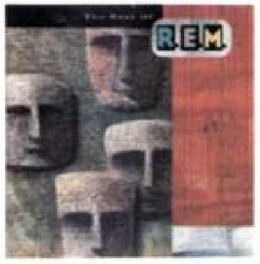
SIMPLY THE BEST
Tina Turner (Capitol/EMI-Odeon) 📼 💿

Esta coleção (que saiu como álbum duplo no Primeiro Mundo e por aqui só completa no CD) traz os maiores hits de Tina nos anos 80, partindo da ótima versão de "Let's Stay Together" (83) — além de um fraco remix de "Nutbush City Limits" (75). Constata-se que — ao contrário de sua fase 60/70 — ela passou boa parte da última década metendo sua voz e carisma únicos com as pessoas erradas. Pelo menos ficou rica. *C.P.*



THE MARTYR MANTRAS
Jesus Loves You (Virgin/EMI-Odeon) 📼

Recapitulando: Boy George enterrou seu passado de megastar, reuniu um grupo flutuante (Jesus Loves You) e embarcou decididamente na dance. Apesar de algumas boas faixas, *The Martyr Mantras* nunca deslancha. A única exceção é a quentíssimo "After The Love". Fora isso, existem bons momentos, como "Generations...", "Love's..." e "No Clause 28". Ah, sim: ignore a única faixa não-dance do disco — "Bow Down Mister", concessão às novas convicções religiosas de Boy. *M.A.G.*



THE BEST OF R.E.M.
R.E.M. (I.R.S./EMI-Odeon) 📼 💿

No exterior, esta coletânea poderia até passar meio batida — mas não passou, visto que Berry, Buck, Mills & Stipe são hoje estouro mundial —, pois pouco se diferencia do anterior, *Eponymous* (88). Mas no Brasil, onde apesar de todo o tititi em torno do R.E.M. ainda permanece inédita parte fundamental de sua discografia (ou seja, o EP *Chronic Town* e os álbuns *Murmur* e *Reckoning*), esta compilação tem razão de existir.

Do primeiro EP vem "Carnival of Sorts (Boxcars)", que, juntamente com as três canções retiradas do álbum de estréia ("Perfect Circle", "Talk About The Passion" e a regravação de "Radio Free Europe"), dá a dimensão da explosão criativa dos *early years* do R.E.M., estendida ao par de faixas selecionadas de *Reckoning*: "So. Central Rain" e "Pretty Persuasion". Só isso basta para deixar os fãs do grupo *shiny and happy*. *C.P.*

CIRCULADÔ
Caetano Veloso (Philips/PolyGram) 📼 💿

Parece que Caetano e o rock desenham sempre um gráfico inverso. Ao crescimento de um corresponde a retração do outro. Provavelmente porque o baiano continua cismado com a questão da eterna juventude (não haverá de ser o rock preocupado com Caetano, né?).

O fato é que *Caetano* (87) e *Estrangeiro* (90) estavam bons demais. Agora ele e o produtor Arto Lindsay decidiram dispensar os molduras harmônico-timbrísticas do tecladista Peter Scherer, responsável pelo polimento pop do *Estrangeiro*. Não deu lá muito certo.

"Fora De Ordem" (com uma brincadeira poliglota OK) e "Santa Clara, Padroeira Da Televisão" (uma sonora jogada de percussão e guitarra portuguesa) são bocanas. Mas os maus momentos se sobrepõem. A pretensão bunda de "Elo Elo" e "Circuladô De Fulô" (com letra de algum dos irmãos Haroldos) é mais datada que filme do Glauber. E em "O Cu Do Mundo" está de volta o gabiru-gigante de *Veló* e "Podres Poderes". *A.A.*

WAKING UP THE NEIGHBOURS
Bryan Adams (A&M/PolyGram) 📼 💿

Com "Everything I Do" faturando o bastante para comprar o Petrobras, Adams subiu para primeira divisão. Não merecia: faz rock reacionário, obvio, e sua pose de rebelde barulhento e patética. Mesmo tentativas de maior peso guitarrístico saem correndo diante de uma careta do Nirvana. "Ah, mas funciona para seu público" reza o argumento mais preguiçoso da crítica. A Via Dutra também funciona: mas não deixa de ser feia e sem graça. *C.P.*

PROVE YOU WRONG
Prong (Epic/Sony) 📼

Al Jourgensen, da genial *noise band* Ministry, já avisou que está muito a fim de produzir o próximo disco do Sepultura.

Só que esperar esse encontro matador vai ser um saco e dá para saber como será o som dessa trolha: basta escutar *Prove You Wrong* do furioso Prong.

O som do Prong parece feito por figuras brotadas de um experimento genético bizarro, em que o doutor Xavier hibridizou células do célebre de Al Jourgensen com outras dos bagos dos irmãos Cavalera.

Resultado: um cruzamento poderoso entre o melhor do thrash metal e a nata do rock industrial.

Não desanime com os títulos "profundos" das músicas ("Sem Sentido", "Contradições", "Impossível Negar"), porque entre o Prong e o cabecismo infanto-senil de Simone ou Renato Russo vai a mesma distância que separa a escrita hieroglífica do processamento de texto em um supercomputador Cray-2.

Faixas como "Irrelevant Thoughts" e "Torn Between" despejam toneladas de guitarras distorcidas, mas não dispensam riffs *catchy* para viciar o ouvinte.

Em "Positively Blind", o Prong até arrisca uma batida funkeada. Resulta aquilo que o Living Colour aprontaria se recebesse um implante maciço de neurônios. O baixo da faixa "Prove You Wrong" parece vir direto de um depósito de lixo. Beleza.

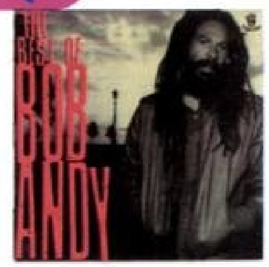
A crítica estrangeira baba para o Prong. Daina Darzin chegou a escrever na *Spin* que o som deles "toma conta de seus gânglios, feroz e aterrorizante, como um filme de horror que te assusta tanto que depois de vê-lo você só consegue ir para a cama de luz acesa".

Não chega a tanto, claro. Perto dos experimentos *noisy* percussivos do Big Black de Steve Albini, por exemplo, Prong fica reduzido a *musak* para nenê.

Mas já é alguma coisa, em uma cena pop que parece ter na automutilação a única saída para um passado recente de malismo exacerbado. *ALVARO PEREIRA JR.*

📼 CASSETE 💿 COMPACT DISC

D



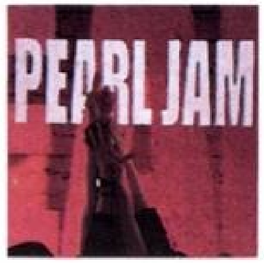
THE BEST OF BOB ANDY
Bob Andy
(Andysongs/Continental)
JUST REALITY
Shabba Ranks
(Blue Mountain/Continental)
REGGAE CLASSIC LOVERS
DANCE HALL RAGGA
DANCE HALL CHARM
Vários (Fashion/Continental)

A iniciativa é bem válida: editar no mercado nacional — ainda carente em reggae — uma série abrangendo o estilo. Só que esta primeira leva do selo Reggae N'Roll peca em alguns aspectos.

Para começar, a feiúra das capas e a ausência de dados ou referências aos artistas focalizados já depõe contra o pacote. Isso sem falar na seleção irregular das coletâneas. Mas é injusto dizer que estes discos não tenham seus méritos.

O maior deles cabe a *The Best Of...*, de Bob Andy. Remanescente da geração 60 do reggae como membro do grupo The Paragons, Andy usa muito bem seu timbre suave para levar canções como "Check It Out", "Level Vibes" e "Rock It Down". Completa a ala tradicionalista do pacote a compilação *Reggae Classic Lovers*, em que se destacam veteranos do *lover's rock* como Pat Kelly, Alton Ellis e Junior Brown, entre outros.

Já do lado da nova geração, a atração principal fica por conta do *dancehall* no álbum de Shabba Ranks, especialmente pelos *dubs* de "Back And Belly Rats" e da faixa-título. Das coletâneas *Dance Hall Ragga* e *Dance Hall Charm* pode se dizer que têm muito reggae, mas pouco charme. *C.P.*



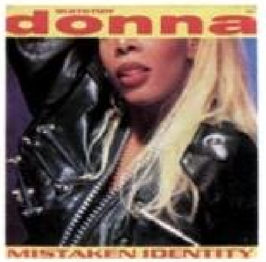
TEN
Pearl Jam (Epic/Sony)

O PJ é o que sobrou do Mother Love Bone — uma das bandas mais poderosas da já tradicional cena de Seattle — mais um vocalista-letrista californiano, Eddie Vetter, que uniu à barulheira soundgardeniana um jeito skate-natureba-apache de ser. Ou seja: este primeiro álbum da banda é metal pesado-mas-não-rápido.

Tudo bem, as passagens lentonas não são monótonas. O som está a serviço de encanações com os grandes temas à la Morrison: morte, sentido da vida, sexo, universo, relação com a Terra etc. E, apesar desta queda para o cabeção (comprovado pelo uso de cello, órgão, piano e percussão), eles não derrapam na pretensão. Discão. *A.F.*

A FACE WE ALL KNOW
Cassiber (ReR Brasil)

Quarto disco do grupo conhecido de shows no Brasil e o primeiro a sair por aqui. Desde o começo, eles sempre deixaram emergir matéria definitivamente *shaking* ("Vengeance Is Dancing") ou climática ("Red Shadow") em meio à quebradeira free. Com a saída do saxofonista Alfred Hart, já no disco anterior, Christoph Anders (vocais, guitarra, sampler), o *drum hero* Chris Cutler e Heiner Goebbels (teclados, baixo) se habilitam a um som ainda mais urgente, algo entre Young Gods e Soft Machine (vai babando, A.G.C.D.!). *A.A.*



MISTAKEN IDENTITY
Donna Summer (Warner)

Algo como Elvis Presley, se vivo, gravando um disco com funk-metal, Sub Pop, thrash e indie-dance. A rainha da *disco* vem com house, rap, swingbeat e batido "funky drummer" na manga. Não espere, claro, nenhum *Bad Girls* nem músicas como "On The Radio" ou "Love To Love You Baby". Aqui temos boas músicas com uma voz antológica, legais o suficiente para manter pistas de dança funcionando ("Work That Magic") e proporcionar agradável audição em casa ("When Love Cries"). *C.R.*

DANGEROUS
Michael Jackson (Epic/Sony)

"O cara ficou branco!". "Olhe como o nariz dele afinou!" Bom-dia, mundo! Acordem para a realidade! Não interessa, não é da nossa conta se MJ está branco, amarelo ou verde. O que nos afeta isso? Nada, não é assunto nosso!

É o disco que você leva para casa, não Michael Jackson. E aqui ele continua negro como nunca. Funk, swingbeat, soul, rap, gospel são a essência de *Dangerous*. Guitarras, levadas rock e pop estão discretos e quase sempre coadjuvantes.

É impressionante notar como MJ está determinado (desesperado?) a provar que ainda tem direito de ser cidadão deste mundo. Ele sabe que a Sérvia anda brigando com a Croácia e que a AIDS avança impiedosa. Enquanto Prince Be, do PM Dawn, diz que "a realidade costumava ser uma amiga minha", MJ acaba de reatar relações. A música soa atual e as letras se relevam alertas — mesmo que quase sempre piegas. Mas há instantes de brilho, como "Why You Wanna Trip On Me?", em que MJ avisa que há mais para se preocupar no mundo do que sua enésima cirurgia.

MJ chamou Teddy Riley para produzir quase todas as faixas dançantes do disco (uns cinqüenta por cento). Riley é o inventor do swingbeat, uma fusão de marteladas hip hop com melodias soul que fez a fama e fortuna de dezenas de artistas negros novos na América.

A união Riley/Jackson fornece o melhor do disco. Primas do funk marcial da irmã Janet em *1814 Rhythm Nation*, são faixas complexas nos detalhes sonoros, efeitos e timbres, e robustas nos *grooves*. Houve quem dissesse que são todas parecidas. Claro, procuravam pop onde reinava a lógica do funk. Aqui está também o famoso dueto com a "mystery girl". Quem é essa garota?

Depois, com Bill Botrell, MJ completa o lado mais "família" do disco. Baladões (algumas inspiradoras cheias de *gospel*, outras lesmas em dia de folga), "Black Or White" (ou melhor "Ame Ou Odeie") e a pulsante faixa-título.

Dangerous conta com o melhor marketing do planeta e vai vender horrores rapidinho. Aí vai mais esse número para sua coleção: nota sete e meio. *CAMILO ROCHA*

GREATEST HITS II
Queen
(Parlophone/EMI-Odeon)

Mais oportunista que oportuna esta segunda coletânea oficial do Queen. Primeiro porque pega uma fase de sucesso completamente estourado (quando muitas vezes o caminho a seguir é para baixo) e mostra que o estilo apoteótico da banda pouco se alterou — "Innuendo" é a maior evidência. Segundo porque é impossível não pensar numa jogada de marketing necrófilo, num momento em que Freddie Mercury já está com shows marcados no além. "Who Wants To Live Forever" e "The Show Must Go On" não foram incluídas neste álbum duplo apenas por serem boas canções. O mesmo vale para "Under Pressure", já presente no primeiro *Greatest Hits* (este sim, indispensável). *J.J.E.S.*

DISCOGRAPHY: THE COMPLETE SINGLES COLLECTION
Pet Shop Boys (Parlophone/EMI-Odeon)

Finalmente, um disco destinado a acabar com todos os preconceitos contra a banda. Esta coletânea de singles coloca Neil Tennant e Chris Lowe no seu devido lugar: o de mestres da canção pop que têm no single a sua melhor expressão.

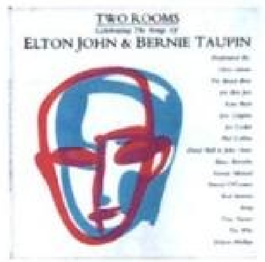
Duvida? Comece checando a lista das músicas. Você vai perceber que conhece quase todas, dá até para sair cantando. Agora, afaste do pensamento aqueles velhos clichês — "a voz do Neil Tennant é irritante, anasalada", "os arranjos são grandiloqüentes, cafonas", ou (o pior de todos) "o que eles fazem é pop descartável". Sim, *but I like it...*

Se a essa altura você não estiver convencido, vá em frente. Há ainda o sentimento de urgência de "It's A Sin", o surpreendente refrão falado de "What Have I...", o toque latino irresistível de "Domino Dancing" e, claro, o sussurro nostálgico de Neil na belíssima "Being Boring".

As covers são um capítulo à parte. Na verdade, o que a dupla faz em "It's Alright", "Always On My Mind" e (especialmente) "Where The Streets..." é se apropriar de uma composição alheia e transformá-la em mais uma música dos Pet Shop Boys — com resultados sensacionais.

Infelizmente, as duas composições mais recentes ("DJ Culture" e "Was It Worth It") são inconsistentes, indignas de figurar aqui. Não é o suficiente para manchar o brilho desse álbum duplo — um dos poucos que vale o seu preço.

MARISA ADAN GIL



TWO ROOMS (CELEBRATING THE SONGS OF ELTON JOHN & BERNIE TAUPIN)
Vários (Mercury/PolyGram)

Se a onda de álbuns-tributos vem rendendo trabalhos de vulto em relação à cena independente (vide os homenagens a Syd Barrett, Captain Beefheart, Jimi Hendrix, Roky Erickson entre outros), o mesmo não se pode quando o processo se aplica ao *mainstream*.

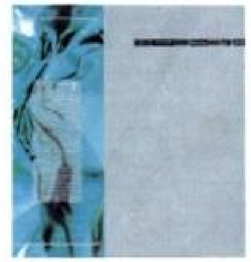
A irregularidade das faixas do álbum *Red Hot + Blue*, dedicado a Cole Porter, já era flagrante. Mas se agrava ainda mais no caso deste disco duplo que celebra a parceria Elton John/Bernie Taupin. Os hits da dupla foram somente requentados pela grande maioria dos convidados. Em alguns casos, trucidados: como quando Jon Bon Jovi faz "Levon" ou Phil Collins se arrisca em "Burn Down The Mission". Com alguma boa vontade, dá para livrar a cara dos Beach Boys ("Crocodile Rock"), e Rod Stewart ("Your Song"). As fitas mereciam muito mais. *C.P.*

ROCK DE AUTOR
Vários (Manifesto)

Uma compilação com apenas mil cópias que reúne nomes que vão dos Titãs Arnaldo Antunes e Paulo Miklos a "alternativos" velhos de guerra como Akiro S e R.H. Jackson. Em comum, o fato de serem todos órfãos do underground paulistano dos anos 80.

Um panorama fiel da produção subterrânea? Não, este disco é mais um amontoado de brincadeiras de estúdio sem compromisso, com um resultado irregular como uma montanha-russa em obras.

O disco prova como o conceito de "alternativo" perdeu completamente o sentido. Neste disco há espaço tanto para a bizarria de "O Gato De Schroedinger" de R.H. Jackson como para a caretice MPBóide de Cid Campos mais papai Augusto — laje de concreto sem alça — em "O Verme E A Estrela". E aí? Qual qualifica mais ou menos para tocar no Sesc Pompéia? Nessa coleção constata-se mais uma vez que o efeito no ouvinte de qualquer coisa "autoral", idiossincrática (fanzines, cinema, pintura) é quase sempre o mesmo: muito mais prazer a quem faz do que a quem ouve. *C.R.*



MINIMAL SYNTH ETHICS
Vários (Cri Du Chat)

A culpa é do Juscelino. Ele é que jogou nosso idílio tropical no pesadelo urbanóide que este conglomerado de siglas e codinomes anódinos (C.P.C., R.M.S., No Adress) recicla numa *Brazilian Electronic Compilation*. Surpreendentemente variada, ela tem de EBM classe A (Simbolo, Khomand 45) até ruído descarado (Jungle Bells). O sinistro Hansen comparece em duas faixas, com o Harry e o Bad Cock. Só fraqueja quando a eletrônica quer mostrar feição humana (Individual Industry). *A.A.*

RÁPIDO E RASTEIRO

EVANDRO MESQUITA

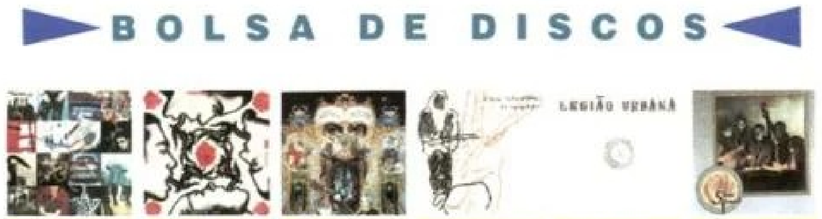
ALMANAQUE SEXUAL DOS ELETRODOMÉSTICOS E OUTROS ANIMAIS

Bonita, com boa voz e dois Grammys embaixo do braço aos 21 anos: assim é **Mariah Carey**. Portanto, não é estranho que **EMOTIONS** (Columbia/Sony) — o sucessor de seu álbum de estréia que vendeu sete milhões de cópias nos EUA — apenas repita a fórmula que a consagrou: faixas dançantes (aos cuidados do pessoal da C + C Music Factory) aliadas a baladões melosos. Extremamente convencional, mas não tão ruim como **A DIFFERENT STORY** (Epic/Sony), da aspirante a Madonna siciliano-brasileira, **Deborah Blando**. Fora o fator xerox, há uma versão para o inglês de "Decadence Avec Elegance" (co-escrita com Lobão) e o "toque exótico" dado pelo acordeão de Dominguinhos. Para gringo não ver • Já na praia nacional, a maré anda baixa: **Evandro Mesquita** — notório surfista e galã de novelas — chega com **ALMANAQUE SEXUAL DOS ELETRODOMÉSTICOS E OUTROS ANIMAIS** (Philips/PolyGram), um disco com boa capa. Que mais dizer de um cara que grava "Knockin' On Heaven's Door" em ritmo reggae e ainda ressuscita um hit da Blitz ("A Dois Passos Do Paraíso") acompanhado do Roupa Nova? Nem mesmo **Eduardo Dusek**, que sempre pautava seu som na irreverência e em boas idéias, conseguiu se dar bem no recente **CONTATOS** (Eldorado). O antigo humor deu lugar a clichês pacifistas ("Guerra não, paz") e ecológicos ("Molhai as queimadas/Parai motoserras") de quem acabou de chegar — a pé — de Woodstock • De resto, **Midge Ure** parece cuspir no cadáver do Ultravox com os timbres de teclados de churrascaria presentes em **PURE** (RCA/BMG-Ariola) e **Rod Stewart** não faz mais que manter seu ar de playboy aposentado no repetitivo **VAGABOND HEART** (Warner).

CELSO PUCCI

GRAVADORAS INDEPENDENTES: Cri Du Chat — *Cx. Postal 42.396. São Paulo (SP) - (011) 288-9575. Manifesto — Distr. Baratos Afins: Av. S. João, 439 Lj. 318. São Paulo (SP) - (011) 223-3529.* ReR Brasil — *Cx. Postal 109.435. São Gonçalo (RJ) - (021) 712-5714.*

BOLSA DE DISCOS



	ACHTUNG BABY U2 (Island/PolyGram)	BLOOD SUGAR SEX MAGIK Red Hot Chili Peppers (Warner)	DANGEROUS Michael Jackson (Epic/Sony)	24 NIGHTS Eric Clapton (Reprise/Warner)	LEGIÃO URBANA V Legião Urbana (EMI-Odeon)	SLOW FOOD Alexandre Cassiar (Warner)
ANDRÉ FORASTIERI BIZZ	☹	☹	☹	☹	☹	☹
ARTHUR G. COUTO DUARTE O Estado de Minas, MJ	☹	☹	☹	☹	☹	☹
CAMILO ROCHA BIZZ	😐	😐	😐	☹	😐	☹
CARLOS ALBUQUERQUE O Globo, RJ	☹	☹	☹	☹	☹	☹
CELSO FONSECA Jornal da Tarde, SP	☹	☹	☹	☹	☹	☹
FABIO MASSARI Rock Report, 89 FM, SP	😐	☹	☹	☹	☹	☹
MARCEL PLASSE O Estado de S.Paulo	☹	☹	☹	☹	☹	☹
ROBERTO MAIA FM Brasil 2000, SP	☹	☹	☹	☹	☹	☹

ÓTIMO · BOM · INTERESSANTE · RAZOÁVEL · FRACO

COMPACT DISC

ROCK'N'ROLL DE CABECEIRA

Finalmente! Eis que os essenciais **Transformer** (72) e **Berlin** (73) — duas das obras-primas de **LOU REED** — mereceram suas edições nacionais. Até então inéditos mesmo em vinil por aqui, eles foram lançados somente em CD via RCA BMG-Ariola, num pacote que inclui outros quatro discos do ex-Velvet: **Rock'N'Roll Animal**, **Lou Reed Live** (ambos gravados ao vivo da mesma série de shows, mas editados em separado, respectivamente em 74 e 75), **Sally Can't Dance** (74) e **Legendary Hearts** (83).

O álbum de 72 foi o segundo da carreira solo do compositor, produzido por David Bowie e trazendo o hit "Walk On The Wild Side", ao lado de outros petardos reedianos como "Vicious", "Satellite Of Love" e "Andy's Chest".

Já o disco seguinte era uma espécie de álbum conceitual depre — que alguém bem definiu como uma espécie de "anti-*Sgt. Pepper's*" — relatando as desventuras de um casal de *junkies* em Berlin. Com Lou aliado a um excelente *cast* de músicos e produzido magnificamente por Bob Ezrin.

Sally... por sua vez, é reputado como um álbum displicente pelo próprio Lou Reed — que chegou a afirmar ter sido um dos piores discos que já fez. Pura onda, pois basta ouvir faixas como "Ennui", "Kill Your Sons" ou "New York Stars" para se reconhecer o seu valor. Quanto ao par de álbuns ao vivo, é certo que eles possuem seus detratores, principalmente pelas versões metalizadas de algumas pérolas do Velvet Underground. Mas é inegável a qualidade da performance da banda de apoio (com destaque para os guitarristas Steve Hunter e Dick Wagner) e o pique de faixas como "Rock'N'Roll", "Sweet Jane" (com uma estupenda introdução instrumental) e "I'm Waiting For The Man". Somente *Legendary Hearts* é que revela uma faceta menos inspirada de Lou. Neste caso, a solução seria o lançamento de seu álbum imediatamente anterior por aqui: o ótimo *The Blue Mask* (82). A BMG-Ariola se habilita?

CELSO PUCCI

A TOQUE DE CAIXA

No final de 91, a PolyGram distribuiu por aqui uma fornada de mil e quinhentos exemplares de caixas importadas de dar água na boca. Sinta o drama: **JAMES BROWN/Star Time** (quatro CDs, 71 faixas com registros entre 56/84) **ROLLING STONES/The Singles Collection** (três CDs, com *todos* os compactos do grupo na fase 63/89) **DEREK AND THE DOMINOS/The Layla Sessions — The 20th Anniversary Edition** (três CDs, com as sessões completas de Clapton & Cia. para o álbum de 70) **THE BEE GEES/Tales From The Brothers Gibb — 1967/1990** (quatro CDs, com a trajetória baladeira disco do trio) *CP*

MENU DOIDÃO

Enquanto os tiranossauros da indústria fonográfica agonizam no pântano da crise financeira, institucional e estética, vão vingando por aí alternativas bacanas.

Portanto, não adianta reclamar da idiossincrasia de catálogos como o do selo ReR. Cada tribo que vá à luta pelo seu próprio som.

No caso do ReR, aliás, a idiossincrasia tem toda razão de ser: e o baterista inglês Chris Cutler (ex-Henry Cow, Art Bears, Cassiber) que dá aval pessoal a cada disco. Coisas vanguardeiras tipo Fred Frith ou o brasileiro Lelo Nazário.

E o braço nacional da *network*, a ReR Brasil, vai à luta com seus dois primeiros lançamentos: o novo do Cassiber (ver *Discos*) e esta edição, *CD only*, do violinista australiano **JON ROSE**, **Violin Music For Restaurants** é uma alucinada colagem de sons de violino MIDI, ruído ambiental e *in jokes* gastronômico-jazzísticas.

AA

D ZONA FRANCA

Leonard Cohen, um dos maiores *songwriters* de nossa época (ver *Discoteca Básica* desta edição), tem inúmeros fãs no mundo musical. No tributo **I'M YOUR FAN** (East West), alguns deles declaram seu amor.

The House Of Love, **Ian McCulloch** e **Lloyd Cole** soam dolorosamente óbvios. Já o **R.E.M.** e os **Pixies** só conseguem ser irrelevantes. Quem faz este disco é **Bill Pritchard** ("I'm Your Man"), **Fatima Mansions** ("A Singer Must Die"), **John Cale** ("Hallelujah"), os ex-Triffids **Dave McComb & Adam Peters** ("Don't Go Home With Your Hard On") e **Nick Cave** ("Tower Of Song"). *ANAMARIA G. DE LEMOS*

Northside vem do lado norte (daí o nome) de Manchester, habitando a área cinzenta entre Happy Mondays e Joy Division, seus colegas do selo Factory. "Shall We Take A Trip" — uma ode ao LSD — é dança às cegas, embalada por uma pifunkética guitarra de latinha e uma melodia *baggy*. O vocalista Dermo passou a adolescência pogando Discharge e o guitarrista Tim perdido em bandas psicodélicas. De Zappa a GBH, as influências mais estranhas escapam das faixas do **CHICKEN RHYTHMS**. Mas a linha de baixo é puro Peter Hook. *MARCEL PLASSE*

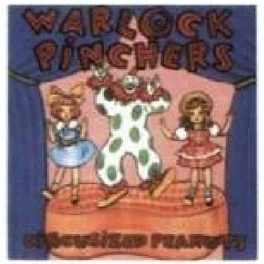
section twenty five
the key of dreams

A mística de Manchester — de bandas como Buzzcocks, Joy Division, The Fall e gravadoras como a Factory — deu no que deu: um festival de *indie-fakes*, fenômeno de marketing, não de música. Só para sacanear, lembremos que uma das bandas "seminais" (rch !) de lá veio mesmo de Blackpool — um balneário com tanta credibilidade, digamos, quanto o Guarujá.

Tachado de reles imitador do Joy New Order, o **Section 25** é antes um time-irmão. O primeiro EP deles foi produzido pessoalmente por Ian Curtis, pouco antes de vestir a derradeira gravata em 79.

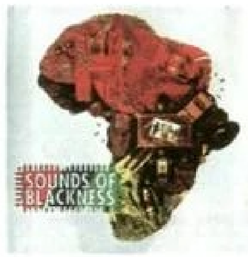
Martin Hannett, produtor do primeiro álbum (**ALWAYS NOW**) extraiu-lhes um som realmente similar ao do JD. E o terceiro — **FROM THE HIP** (84) — conta com guitarras e parcerias de Barney Sumners.

Mas a cara própria e valorosa do grupo está em **THE KEY OF DREAMS** (82), gravado por eles em seu tugúrio de dezesseis canais. Hipnótico e disforme, já foi chamado de "PIL com vocais de Syd Barrett"... Os três relançados em CDs (com singles e EPs) pela Les Temps Moderns. *ALEX ANTUNES*



Foram-se os tempos em que a chamada música "de vanguarda" era privilégio dos intelectuais cabeções. Hoje as sonoridades mais radicais e absurdas já abandonaram esta casta e foram parar nas mãos de uma moçadinha alucinada, bombardeada de informações. **CIRCUSIZED PEANUTS** (Bonner), do grupo americano **Warlock Pinchers** é a prova definitiva do fim desta era: zoado, adolescente, *funky*, *thrashy* e mais que estranho. Que dizer de um mix doidão de Carpenters (!), ZZ Top, Black Sabbath e Pop Will Eat Itself? *EVIL OTTO*

A origem do grupo holandês **Xymox** remonta ao selo 4AD, onde gravaram os álbuns tecno-góticos *Clan Of Xymox* (85) e *Medusa* (86). Após um hiato, o trio assinou com a PolyGram, lançando em 89 o disco *Twist Of Shadows*, bem mais acessível. **PHOENIX**, seu novo registro, pode ampliar este sucesso ainda mais, já que subverte paisagens eletrônicas com ritmos e vozes se[illegible]tores. *ARTHUR G. COUTO DUARTE*



O gospel — secular canto de elevação espiritual das igrejas negras dos EUA — aterrissou nos anos 90 com o **Sounds Of Blackness**, quarenta vozes que percorrem de *spirituals* a *dance tracks*. Os condutores do projeto que resultou no disco **THE EVOLUTION OF GOSPEL** são os mega-produtores Jam & Lewis (membros do Time; produziram Janet Jackson), que inauguraram com ele seu selo Perspective. Conversão no ato. *CAMILO ROCHA*

E na cozinha, não vai nada? Vai sim. Depois dos projetos-solo de Al Jourgensen e Paul Barker, do Ministry, é a vez dos bateristas Will Rieflin e Martin Atkins darem luz ao **Pigface** em **GUB** (Music For The Nations). Junto a um time encabeçado pelo baixista Barker e pelo tecladista Connely, trazem um inferno harmônico percussivo já sugerido por Atkins em trabalhos com o PIL, o Brian Brain e o Killing Joke. Que produtor poderia encarar tal parto a não ser Steve Albini? *Vade retro*. *ROSCOE MACIEL*

Stamp ano 07

CAMISETAS - BLUSÕES - JAQUETAS

MANGA CURTA E LONGA DE MOLETON ESTAMPA NAS COSTAS

100% ALGODÃO — MALHA MERCERIZADA — TAMANHOS P,M,G

CONFECÇÃO PRÓPRIA MODELAGEM GRANDE

RECEBA PELO CORREIO

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

TEL.: (011) 299-7478 — HORÁRIO: 2ª A 6ª DAS 8:00 ÀS 17:30 HS.

PREÇOS

Manga Curta (MC)	Cr$ 14.500,00
Manga Longa (ML)	Cr$ 18.500,00
Blusão (MT)	Cr$ 25.000,00
Blusão C/ Capuz (BZ)	Cr$ 27.500,00
Jaqueta (JQ)	Cr$ 30.000,00

VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA BIZZ

DESCONTO! DESCONTO! DESCONTO! DESCONTO!

Envie Cheque nominal à Stamp ou Vale Postal (já com desconto) e ganhe 20% de desconto

Preencha o Vale da seguinte maneira:

Unidade Pagadora: Ag. Shopping Center Norte — Código: 403369 — Destinatário: Stamp — Rua Embaixador João Neves da Fontoura, 156 CEP 02013 — São Paulo — SP

ENTREGA URGENTE — SEDEX A COBRAR

— Você receberá um aviso do Correio para retirar seu pedido na agência mais próxima de sua casa num prazo de cinco dias, senão a encomenda será devolvida.
— A despesa postal será paga pelo cliente na retirada do pedido.
— O preço do Sedex varia de acordo com o peso da encomenda e localidade.
— O pedido será entregue num prazo de 24 a 48 horas após nossa postagem.
— Todas estampas estão disponíveis nos cinco modelos. Camiseta Manga Curta (MC), Manga Longa (ML), Blusão (MT), Blusão com Capuz (BZ) e Jaqueta (JQ).

ESTOU ENVIANDO CHEQUE ☐ OU VALE POSTAL ☐ NO VALOR DE .....

PREFIRO PAGAR AO RECEBER AO VALOR DE .....

REF.	TAM.	MOD.	REF.	TAM.	MOD.

NOME

END.:

CEP: CID: EST.:

ASSINATURA:

R.G. TEL.:

Envie este cupom ou cópia p/ Stamp. Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156
CEP 02013 — São Paulo — SP

BIZZ 79

PARADA

LEITORES

1 (1) ***Use Your Illusion II*** **Guns N'Roses** BMG-Ariola
2 (3) ***Use Your Illusion I*** **Guns N'Roses** BMG-Ariola
3 (2) ***Out Of Time*** **R.E.M.** Warner
4 (N) ***Quarto Golpe*** **Golpe De Estado** Eldorado
5 (6) ***Skid Row*** **Skid Row** Warner
6 (12) ***Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*** **Titãs** Warner
7 (15) ***Tudo E Permitido*** **Kid Abelha** Warner
8 (N) ***Metallica*** PolyGram
9 (R) ***Hack*** **Information Society** Stiletto
10 (N) ***Meninos Da Rua Paulo*** **Ira!** Warner
11 (4) ***Arise*** **Sepultura** Eldorado
12 (5) ***Live At The Brixton Academy*** **Faith No More** PolyGram
13 (N) ***Os Grãos*** **Paralamas Do Sucesso** EMI-Odeon
14 (N) ***Varias Variaveis*** **Engenheiros Do Hawaii** BMG-Ariola
15 (14) ***Appetite For Destruction*** **Guns N'Roses** BMG-Ariola
16 (N) ***Blackout*** **Marcelo Nova** Continental
17 (R) ***Na Calada Da Noite*** **Barão Vermelho** Warner
18 (R) ***Rust In Peace*** **Megadeth** EMI-Odeon
19 (N) ***Goo*** **Sonic Youth** BMG-Ariola
20 (N) ***Pornograffitti*** **Extreme** PolyGram

Para a Parada dos Leitores, foram consideradas as cartas recebidas até 29.11.91.

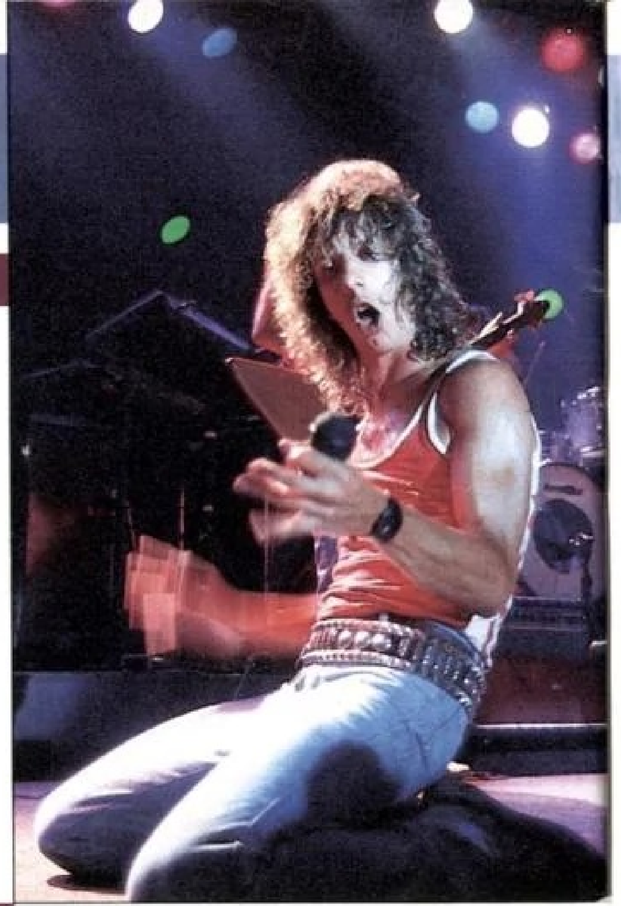
LOJAS

1 (1) ***Metallica*** PolyGram
2 (2) ***Use Your Illusion II*** **Guns N'Roses** BMG-Ariola
3 (12) ***Skid Row*** **Skid Row** Warner
4 (3) ***Use Your Illusion I*** **Guns N'Roses** BMG-Ariola
5 (8) ***Pornograffitti*** **Extreme** PolyGram
6 (4) ***Dying Young*** **Trilha Sonora** BMG-Ariola
7 (7) ***Diamonds And Pearls*** **Prince** Warner
8 (20) ***Arise*** **Sepultura** Eldorado
9 (R) ***Mais*** **Marisa Monte** EMI-Odeon
10 (18) ***Unforgettable*** **Natalie Cole** Warner
11 (N) ***No More Tears*** **Ozzy Osbourne** Sony
12 (N) ***The Laws Of Scourge*** **Sarcófago** Cogumelo
13 (10) ***Goo*** **Sonic Youth** BMG-Ariola
14 (6) ***Bossa'N'Roll*** **Rita Lee** Som Livre
15 (16) ***For Unlawful Carnal Knowledge*** **Van Halen** Warner
16 (N) ***Varias Variaveis*** **Engenheiros Do Hawaii** BMG-Ariola
17 (11) ***Mama Said*** **Lenny Kravitz** EMI-Odeon
18 (13) ***Bossanova*** **Pixies** Stiletto
19 (15) ***Os Grãos*** **Paralamas Do Sucesso** EMI-Odeon
20 (17) ***Seal*** Warner

Lojas consultadas: Cambio Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte), Pop Som e Casa Coelho (Porto Alegre), Modern Sound, New Sound e Sub Som (Rio de Janeiro), Temptation Discos e Jukebox (Curitiba), 220 Volts (Campinas), Baratos Afins, Bossa Nova, Musical Box, Wop Bop e Woodstock Discos (São Paulo), em 29.11.91.

Convenções:
(N) Novidade **(R)** Retorno **( )** Posição anterior

Leitor! Sua participação é importante! Escreva para: BIZZ — Parada Dos Leitores
Av. Nações Unidas 5777, CEP. 05479 São Paulo, SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês.
Se possível, acrescente seu telefone para que voltemos a consulta-lo quando necessário.



EUA

LPs

1 (1) ***Use Your Illusion II*** **Guns N'Roses** Geffen
2 (6) ***Ropin' The Wind*** **Garth Brooks** Capitol
3 (3) ***Diamonds And Pearls*** **Prince** Paisley Park
4 (8) ***Metallica*** Elektra
5 (5) ***Use Your Illusion I*** **Guns N'Roses** Geffen
6 (N) ***Death Certificate*** **Ice Cube** Priority
7 (N) ***Too Legit To Quit*** **Hammer** Capitol
8 (N) ***Nevermind*** **Nirvana** DGC
9 (2) ***Apocalypse'91*** **Public Enemy** Def Jam
10 (7) ***Emotions*** **Mariah Carey** Columbia

Compactos

1 (6) **"Cream"** **Prince** Paisley Park
2 (4) **"Can't Stop This Thing We Started"** **Bryan Adams** A&M
3 (N) **"When A Man Loves A Woman"** **Michael Bolton** Columbia
4 (1) **"Romantic"** **Karyn White** Warner
5 (N) **"It's So Hard To Say Goodbye..."** **Boyz II Men** Motown
6 (N) **"Set The Night To Music"** **Roberta Flack & Maxi Priest** Atlantic
7 (N) **"Set Adrift On Memory Bliss"** **P.M. Dawn** Gee Street
8 (N) **"That's What Love Is For"** **Amy Grant** A&M
9 (8) **"Real Real Real"** **Jesus Jones** SBK
10 (2) **"Emotions"** **Mariah Carey** Columbia

GB

LPs

1 (N) ***Shepherd Moons*** **Enya** Warner
2 (N) ***Greatest Hits II*** **Queen** Parlophone
3 (N) ***Discography*** **Pet Shop Boys** Parlophone
4 (1) ***Stars*** **Simply Red** East West
5 (N) ***We Can't Dance*** **Genesis** Virgin
6 (N) ***The Commitments*** **The Commitments** MCA
7 (3) ***Simply The Best*** **Tina Turner** Capitol
8 (N) ***Real Love*** **Lisa Stansfield** Arista
9 (6) ***From Time To Time*** **Paul Young** Columbia
10 (N) ***Live Baby Live*** **INXS** Mercury

Compactos

1 (7) **"Dizzy"** **Vic Reeves & The Wonder Stuff** Sense
2 (N) **"Rhythm Is A Mystery"** **K-Klass** deConstruction
3 (3) **"Get Ready For This"** **2 Unlimited** PWL Continental
4 (N) **"If You Were..."** **Kylie Minogue & Keith Washington** PWL
5 (N) **"Black Or White"** **Michael Jackson** Epic
6 (N) **"Is There Anybody Out There?"** **Bassheads** deConstruction
7 (6) **"The Fly"** **U2** Island
8 (N) **"No Son Of Mine"** **Genesis** Virgin
9 (N) **"Activ 8"** **Altern 8** Network
10 (1) **"World In Union"** **Kiri Te Kanawa** Columbia

INDEPENDENTES GB

LPs

1 (N) ***Bandwagonesque*** **Teenage Fanclub** Creation
2 (3) ***Fox Base Alpha*** **St. Etienne** Heavenly
3 (N) ***Levelling The Land*** **Levellers** China
4 (N) ***Screamadelica*** **Primal Scream** Creation
5 (1) ***Trompe Le Monde*** **Pixies** 4AD
6 (9) ***0 2 1*** **No Means No** Alternative Tentacles
7 (N) ***Loveless*** **My Bloody Valentine** Creation
8 (N) ***Fireblade Skies*** **Spirea X** 4AD
9 (N) ***An Eye For The Main Chance*** **Rosetta Stone** Expression
10 (N) ***Order To Dance*** **Varios** Outer Rhythm R&S

Compactos

1 (N) **"Cherry"** **Curve** Anxious
2 (N) **"Why Don't You Smile"** **Spiritualised** Dedicated
3 (N) **"Me In Time"** **Charlatans** Situation 2
4 (N) **"It's Grim Up North"** **The JAMMS** KLF Communications
5 (N) **"Car Wash Hair"** **Mercury Rev** Mint Films
6 (5) **"Some Fools Mess"** **Gallon Drunk** Claw Fist
7 (N) **"The Concept"** **Teenage Fanclub** Creation
8 (N) **"Tasty Fish"** **The Other Two** Factory
9 (N) **"Not Too Soon"** **Throwing Muses** 4AD
10 (N) **"Frequency (Come With Me)"** **Altern 8** Network

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA), de 9.11.91 a 23.11.91. Melody Maker e New Musical Express (GB), de 9.11.91 a 23.11.91.

MICHAEL, NEGRO OU BRANCO.

A revista Letras Traduzidas deste mês traz o super sucesso de Michael Jackson, Black or White, no original e em português, para você cantar com o ídolo e entender o que ele diz. E tem também: Culture Beat, Queen, Roxette, Sandra, Erasure, Information Society e outros astros.
Letras Traduzidas de fevereiro: o rock falando a nossa língua.

LETRAS TRADUZIDAS
Bizz
EDITORA AZUL

NAS BANCAS

CARTAS

DEUSES DO ROCK

O que mais me chamou a atenção nessa BIZZ foi a reportagem com os Titãs, os deuses do rock em que a crítica baixou a lenha. O disco é genial: música e letras sincronizadas transmitindo um sentimento rebelde. Se não soa "anos 90", não importa. Eles provaram que são imprevisíveis e extremamente criativos!

Aldo Maes Dos Anjos
Brusque, SC

O novo LP dos Titãs é um disco para ser escarrado pela crítica e vomitado pelas rádios, mas também adorado pelos fãs da banda. Sempre achei os elogios que eles recebiam meio cínicos. Agora que os caras resgataram o velho rock'n'roll porrada, descem o pau por causa de algumas letras.

José Roberto
Brasília, DF

Ando indignada com as críticas sobre *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*. Eu o achei bárbaro!

Ingrid Dobbin
Rio de Janeiro, RJ

Mesmo sem a participação de Liminha, o disco dos Titãs está excelente: guitarras barulhentas, temas escatológicos, vocais pop. E o que eu estava esperando, e não um disco retrógrado como afirmou o Sr. Forastieri.

Carlos Roberto
Monte Belo, MG

André, você disse que os Titãs haviam assinado seu próprio atestado de óbito. Nunca vi tamanho exagero. A saída do Liminha foi providencial. Os Titãs agora são eles mesmos. Seria um disco "retrógrado", só porque não flerta com reggaes e outros estilos? Ele é absurdamente rock'n'roll. As guitarras são barulhentas, sim, e eu adoro isso. E graças a esses caras que eu posso dizer que o rock brasileiro está vivo, alto e sujo.

Paulo Teixeira
Maringá, PR

A entrevista dos Titãs teve perguntas oportunas e pouco convencionais. Sou fã do grupo desde a época do *Cabeça* e concordo que esse, dos cinco últimos discos, é o pior. Sempre torci para que eles saíssem do grupinho de bandas pop e fizessem um disco assim. Mas acho que as letras poderiam ser melhores e os palavrões melhor colocados, como em "Bichos Escrotos", "Todo Mundo Quer Amor" etc.

Fábio Eduardo Murakawa
Londrina, PR

GUERRA DANCE

Parabéns! A seção *Dance Music* de novembro conseguiu derrubar todos os roqueiros tupiniquins com uma só matéria. "Guerra Aos Argumentos Burros" e a última coisa que os *thrashers* gostariam de ler, mas a melhor coisa que alguém que está na real poderia ouvir na vida.

Gustavo Tucci
São Lourenço do Turvo, SP

Na sua importante (?) análise sobre dance music, o Camilo Rocha se esqueceu de uma coisa: e os shows? Quando um show de dance foi tão bom quanto um do Sepultura, R.E.M., ou mesmo dos Ramones? E letristas? Será que na dance existem "poetas" (eu gosto de ler poesia, sim, o que você tem contra?) como Lou Reed, Renato Russo, Dylan e Arnaldo Baptista? Dance pode ser um estilo honesto, até bom, mas o rock'n'roll... é muito melhor!

Adérico Públio
São Paulo, SP

Não poderia deixar de dar meu total apoio à matéria "Guerra Aos Argumentos Burros". Abaixo qualquer tipo de preconceito!

Eder Nascimento
Belo Horizonte, MG

Parabéns, Camilo Rocha! Você deu uma lição de moral naqueles roqueiros babacas.

Paulo Martins de Oliveira
Sorocaba, SP

VANILLA

Sou leitor assíduo da BIZZ e deu para sentir que a boiolice está rolando solta. Depois de não poupar elogios à apresentação das bichinhas que são figurantes nos shows de Madonna, Camilo Rocha desce o pau no Vanilla Ice (e deixa bem claro que gostaria de ver o rapper sem camisa). Fui aos dois shows e o mais agitado foi o de Vanilla. Em tempo: boiola, no Rio, é sinônimo de bichice.

Roberto Rodrigues
São Paulo, SP

Gostaria de parabenizar o Sr. Camilo Rocha pela magnífica, estupenda, maravilhosa crítica ao maior palhaço da face da Terra, o viado do Vanilla Ice.

Paulo Ricardo Maciel
São Bento do Una, PE

O *Ao Vivo* do Vanilla Ice está excelente. Nunca vi tanta verdade em uma só página.

Mariana Braun
Jundiaí, SP

MEU BEM, MEU MAL

Primeiro foi o André Forastieri insinuando que os novos discos deveriam chamar-se *Use A Ilusão Dos Outros*. Agora, esse outro careta deturpa um trecho da letra de uma das músicas em cima do mesmo tema. Se eles assimilaram esses conjuntos que vocês citam e conseguiram fazer bons discos, onde está a ilusão? Já sei, no Axl. Eu o amo, mas também me identifico com as músicas. Ele não é só bonito. Há um milhão de sentimentos dentro dele, bons e maus. Ele é a minha novela.

Maria Regina Leme
Rio de Janeiro, RJ

Concordo quando o Celso Pucci diz que é difícil ter "tanta gente interessada em tantos discos de uma mesma banda ao mesmo tempo". Eu, que era superfã, fiquei completamente desapontada. Não há novidades, e a babaquice chegou e parou no baladão brega "Don't Cry"! As músicas legais caberiam num disco simples.

Carla Luísa Marin
São Paulo, SP

Celso Pucci, você é um louco! Vocês não se cansam de falar mal do Guns N'Roses? Eles não usam a ilusão dos outros! Apenas sabem encaixar as coisas e agradar fãs do Aerosmith, Zeppelin, Metallica!

Paula Cristina Fernandes
Ipatinga, MG

ERRAMOS

As fotos da matéria do Barão (BIZZ 76) foram creditadas erradas. Elas são de Ricardo Siqueira. A versão inglesa do festival Lollapalooza, mencionada na coluna Metal da mesma edição, acabou sendo cancelada.

"HOMENAGEM A RAUL"

Esclarecimento importante: a BIZZ é formada por uma equipe de jornalistas cuja função e especialidade é fazer revistas e não discos.

As intenções eram as melhores: homenagear Raul Seixas e revelar novos talentos. Convocamos — na edição de fevereiro/91 — leitores e bandas iniciantes a realizar um disco com novas gravações de músicas de Raul selecionadas por seus próprios fãs.

Uma vez lançada a idéia — já que, *repetimos*, não fazemos parte da indústria fonográfica —, optamos por (1) deixar o projeto exclusivamente a cargo e responsabilidade dos colaboradores/autores da idéia (2) torcer para que alguma gravadora produzisse o disco. Garantimos antes que todas as fitas demo fossem ouvidas e selecionadas, e todas as cartas apuradas.

A resposta à carta do leitor Angelo J.T. de Oliveira, publicada na edição de dezembro, provocou um mal-entendido e fez com que a Sony se sentisse publicamente ofendida. Não era esta nossa intenção. A gravadora provou ser do ramo ao resgatar uma ótima idéia do limbo amadorístico em que havia caído. A partir de sua publicação pela revista, esta idéia passou a ser de domínio público. Além disso, discos no formato de "homenagem coletiva" já fazem parte da indústria fonográfica há um tempão — só nos últimos cinco anos houve uma enxurrada, homenageando de Leonard Cohen a Elton John, dos Beatles ao Velvet Underground.

A todos os leitores que escreveram/telefonaram/mandaram fitas, mais uma vez pedimos *um milhão de desculpas*.

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FAMA
Música e Ídolos

HIT
Música, Mercado e Negócios

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05457, TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril/Abrilpress
Rio de Janeiro
Rua Marechal Câmara, 160 - 15.º andar s/ 1533/34, CEP 20020. Telex (021) 36890. Fax (021) 532-1486.
Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRIL-PA. FAX: (00331) 42.66.13.99
PUBLICIDADE
Brasília-DF: Espaço Com. Integrada e Cons. Ltda. Fones: (061) 223-2134/226-3644 FAX
Belo Horizonte: M. A. M. Public e Repres. Ltda., rua Timbiras, 1560, conj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594
Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 206, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 234-0439, Curitiba PR
Norte/Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

BIZZ
EDITORA AZUL

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 226-7007
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 296-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante _____

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

BIZZ-79

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Alex Antunes
Editores-Assistentes: Camilo Rocha (Showbizz), Celso de Salles Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil (Conexão Brasil), Antonio Carlos Miguel (Rio)
Editor de Arte: Richard Kovács
Chefe de Arte: Antonio Fernando Morra
Diagramador: Renato Yada
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
Colaboradores — Textos: Arthur G. C. Duarte, Carlos Eduardo Miranda, Eneas Neto, Evil Otto, Jan Fjeld, José Júlio do Espírito Santo, Leandro Fortino, Luiz Vespuccio, René Ferri, Roscoe Maciel, Marcel Plasse.
Fotos: Fabiana Figueiredo, Ernesto Baldan, Dano Zalis, Ricardo Siqueira, Rui Mendes. **Revisão:** Alexandre Ortiz Ramos. **Arte:** Alexandre Mattar, Jair da Silva Santos. **Correspondente (Londres):** Anamaria G. de Lemos

PUBLICIDADE

Diretor: Romeu Andreatta Filho
Supervisor: Rosangela Cassão
Contatos: Arthur Oliveira Neto, Sílvia Lima
RJ-Contato: Lídia Camarati
Coordenação: Wladimir Xavier de Almeida e José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fábio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE:
Diretor Geral: Carlos Alberto Araújo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
COMUNICAÇÃO:
Diretor: Rogério Rahier
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Estúdio Fotográfico-Gerente: Fábio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Bartoni
Dpto. de Documentação-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, José Emílio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Lúcia de Lima Dória Castelli

BIZZ 79 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, tel. (011) 211-7866, CEP 05479. Caixa Postal 66254, CEP 05389. Telex (011) 83178. Fax (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril Abrilpress. **Rio de Janeiro:** R. Marechal Câmara, 160 - 15.º andar S/ 1533/34, CEP 20020. Telex (021) 36890. Fax (021) 532-1489. Telegramas: Editabril Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigido de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Data de circulação: fevereiro/92. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222.

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

DISCOTECA BÁSICA

LEONARD COHEN
SONGS OF LEONARD COHEN (1968)

"Monocórdico", "lugubre", "um anacronismo ambulante". Com tais adjetivos aplicados a seu desempenho enquanto músico, parece incrível que ele tenha se tornado objeto de adoração para tantas pessoas. A explicação para o paradoxo pode estar na identificação do público com a passividade romântica de suas canções. Quem sabe até o mais importante não fosse tanto o que ele tinha a dizer, mas o modo como expressava sua visão de mundo.

Antecipando a corrente dos "cantores-compositores" do início dos 70 (Jackson Browne, James Taylor, Randy Newman etc.), Leonard Cohen exibiu ironia e sofisticação narrativa capazes de rivalizar com Bob Dylan. Curiosamente, sua profissionalização musical foi tardia: Cohen contava 34 anos quando lançou o primeiro LP, mas havia muito era respeitado no meio intelectual.

Aliás, palavras e sons disputaram sua atenção desde a adolescência. Aos 20, o jovem canadense cursou letras na universidade McGuill e descobriu a poesia de Garcia Lorca ao mesmo tempo em que ingressara num grupelho folk, The Buckskin Boys. Por sua vez, a estréia como escritor (vide os livros *Let Us Compare Mythologies* e *The Spice-Box Of Earth*, ambos de 55) coincidiram com as primeiras composições ao violão.

Se tivesse dependido apenas do aval da crítica literária, é provável que Leonard Cohen jamais viesse a gravar. Em 66, o romance *Beautiful Losers* fez dele "a grande esperança da literatura do Canadá". O redirecionamento da carreira veio por acaso: um de seus "songbooks" chegou à cantora Judy Collins, que, fascinada, incluiu a música "Suzanne" no LP *In My Life*. Meses depois, ela o convidou para um show ao ar livre, no Central Park de Nova York. Ali, Cohen revelou-se ao grande público sem disfarces: tímido, vulnerável e dono de um fio de voz que mal podia qualificá-lo como cantor.

Em janeiro de 68, cada uma destas características foi explorada a seu favor no LP *Songs Of Leonard Cohen*. Na capa, o rosto tenso (fotografado por ele mesmo através de uma câmera automática) parecia anunciar a abordagem de temas incomuns para a época. Era o auge do *flower power*, mas as canções de Cohen falavam de impulsos conflitivos, tédio e violência espiritual. Mesmo quando o assunto era amor, suas letras expunham um desespero latente. E, nos momentos em que a autopiedade ameaçava pôr tudo a perder, ele surpreendia o ouvinte, atazanando-o com imagens de escalpos, afogamentos e navalhas...

Os LPs posteriores a *Songs...* não trouxeram grandes variações de conteúdo. É aí que estão as melhores músicas de Cohen, cujo caráter esparso surge realçado pelo *approach* minimalista do produtor John Simoon. Voz e violão são os elementos constantes em todas as faixas; vez por outra coadjuvados por violinos ("So Long Marianne"), *jews harp* ("Hey, That's No Way To Say Goodbye"), órgão ("Stories Of The Street") e orquestra ("Suzanne").

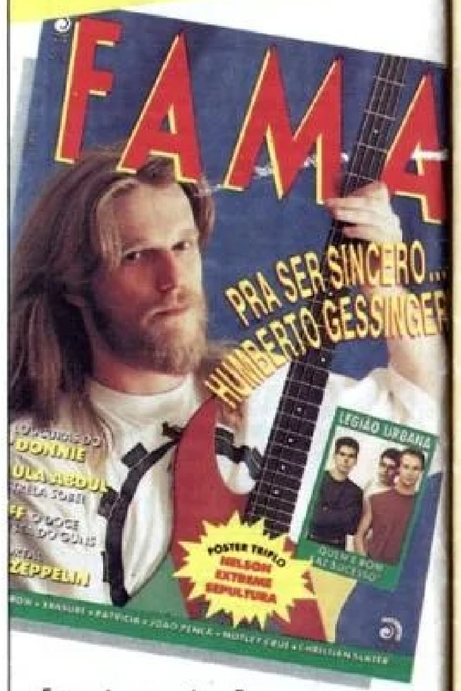
Por ocasião de seu lançamento, houve quem o saudasse como "a trilha ideal para se cortar os pulsos", mas as 71 semanas consecutivas (!) em que permaneceu nas *charts* confirmaram a dimensão maior da arte de Cohen.

Nos anos seguintes, o medo confesso de tocar ao vivo e a índole reclusa impediram-no de consolidar a fama. Ainda assim, alguns membros da geração pós-punk (Nick Cave, Clock DVA, Sisters Of Mercy, Morrissey) redescobriram nele vários pontos de intersecção.

Há pouco, por iniciativa de Christian Fevret (editor da revista francesa *Les Inrockuptibles*), foi editado na Europa o CD *I'm Your Fan*, no qual astros como Ian McCulloch, Pixies, John Cale e R.E.M. reinterpretaram suas músicas. Um tributo em atraso, é verdade, mas que faz jus ao talento de "Laughing Len".

ARTHUR G. COUTO DUARTE

NELSON
EXTREME
SEPULTURA
POSTER TRIPLO

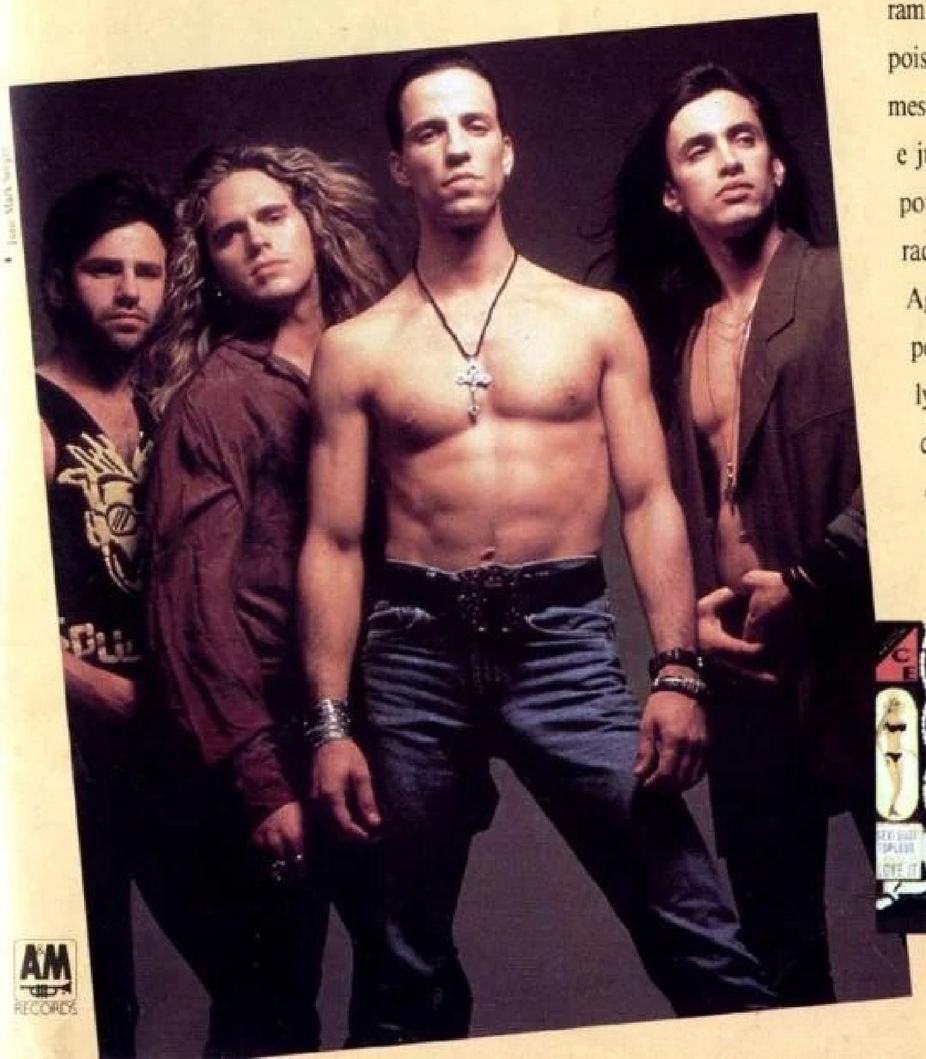


Este mês, a revista Fama traz um papo sincero com Humberto Gessinger, do Engenheiros, contando sua vida desde a infância, fala tudo sobre Duff, do Guns, faz um ping-pong com o Legião, e uma entrevista exclusiva com Vince Clark do Erasure. Tem também um poster triplo com Nelson, Extreme e Sepultura.
Fez sucesso, está em Fama de fevereiro!

EDITORA AZUL

SABE QUEM DESCOBRIU O BRASIL?

EXTREME



Eles desembarcaram por aqui a bordo da MTV com **"More Than Words"** e rapidinho tomaram conta das rádios do país. Depois veio **"Hole Hearted"**, do mesmo disco **"Pornograffitti"**, e juntos os quatro foram aos pouquinhos dominando as paradas.

Agora eles estão vindo aí, em pessoa, para conferir. O Hollywood Rock está chegando, e eles vão descobrir que o Brasil já descobriu o EXTREME há muito tempo.

Em CD, LP, MC e Vídeo
PolyGram

A&M RECORDS

ERNESTO BALDAN

sete sete cinco

LOJAS EXCLUSIVAS SETE SETE CINCO! (011) 826-4[illegible] ENTREGA: R. GEN. JULIO MARCONDES SALGADO 24